



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

BATISMO DE CRIANÇAS

Subsídios teológico-litúrgico-pastorais
Documento Aprovado pela 18ª Assembléia da CNBB
Itaici, 14 de fevereiro de 1980

APRESENTAÇÃO

Apresentamos à Igreja no Brasil este Documento “Batismo de Crianças” – Subsídios teológico–litúrgico–pastorais.

História

No 4º Plano Bienal dos Organismos Nacionais da CNBB, 1977-1978, constava o projeto “Celebração do Batismo de Crianças com Grupos Populares” sob o n.1.7 do Programa I, Comunidades Eclesiais de Base.

O 1º texto foi redigido, revisto e aprovado num Encontro de Bispos e peritos em Liturgia, Pastoral e Meios Populares, realizado no Rio de Janeiro.

Esse texto foi enviado aos Regionais para suas contribuições.

Em abril de 1979, por decisão da Assembléia da CNBB, o Documento foi examinado por uma Comissão Especial de Liturgia, integrada por representantes escolhidos pelos Regionais.

A Comissão, apesar de valorizar o Documento, julgou oportuno fosse ele reelaborado, transferindo-se seu exame e sua votação para a Assembléia de 1980.

O novo texto foi, em novembro de 1979, examinado por uma Equipe de Peritos num Encontro em São Paulo e, em dezembro, enviado aos srs. Bispos.

A Assembléia Geral extraordinária da CNBB, em fevereiro de 1980, aprovou, com emendas, o novo texto por unanimidade, havendo apenas uma abstenção.

O Documento

Este Documento não desfaz o 1º Documento, de todos conhecido, sobre a Pastoral do Batismo, editado em 1973, mas o completa, com subsídios teológicos que ajudam a sua compreensão a partir dos passos progressivos da própria celebração batismal, como também com subsídios litúrgico-pastorais, que ajudam sua celebração de maneira mais adaptada à cultura e à índole simples da maioria do nosso povo.

À Introdução seguem-se três partes e uma breve Conclusão:

Na Introdução, apresentam-se os objetivos do Documento, a razão de ser da adaptação do rito, a situação da celebração batismal no Brasil, em seu contexto geral e especial, e a divisão.

Na I Parte: “Sentido teológico do sacramento do batismo, a partir do rito”, oferecem-se subsídios teológicos, percorrendo a seqüência da celebração batismal, à semelhança das catequeses mistagógicas, nas quais, revelando-se o sentido dos ritos, introduzem-se os fiéis na compreensão e vivência dos sacramentos.

Na II Parte: “Sugestões para a preparação do batismo”, depois de recordar inicialmente a necessidade de uma pastoral orgânica para uma celebração ideal do batismo, apresentam-se subsídios pastorais relativos à sua preparação remota e próxima.

Na III Parte: “Sugestões para uma celebração mais adequada do batismo”, depois de algumas observações prévias, propõem-se vários subsídios relativos à maneira de realizar cada rito da liturgia batismal.

Na Conclusão, faz-se um apelo aos agentes de pastoral e situa-se o Documento dentro do objetivo geral da Ação Pastoral da Igreja no Brasil.

Valor

O Documento respeita o Ritual do Batismo, enriquecendo-o de subsídios teológico-litúrgico-pastorais.

Não tem caráter obrigatório, deixando aos srs. Bispos liberdade em sua aplicação. Entretanto, sua aprovação pela Assembléia é de um valor pastoral incalculável, porque, recolhendo esforços pastorais dispersos pelo Brasil, ajuda ao mútuo enriquecimento das Igrejas e cria melhores condições, em matéria de Liturgia, para uma sadia unidade na pastoral orgânica de todo o país.

Colocando este Documento nas mãos da Igreja que vive no Brasil, esperamos atender ao grande objetivo que os Bispos do Brasil se propuseram: oferecer orientações para a celebração do Batismo de Crianças, de um modo mais adaptado à cultura e à índole de nosso povo, em sua maioria simples.

Dom Romeu Alberti
Responsável pela Linha da Liturgia

INTRODUÇÃO

1. Objetivos do presente documento

1. Por ocasião da 13ª Assembléia Geral da CNBB, em fevereiro de 1973, os Bispos do Brasil aprovaram um documento intitulado “Pastoral do Batismo”, inserido no opúsculo “Pastoral dos Sacramentos de Iniciação Cristã” publicado na Série “Documentos da CNBB”, sob o nº 2b. Visava-se, com aquele documento, a “uma renovação da pastoral batismal” e “esclarecer problemas práticos, decorrentes da situação atual da Igreja no Brasil” (cf. Pastoral do Batismo, Introdução)¹.

2. Uma recomendação, no final do documento citado, pedia a realização de duas tarefas: “Solicitamos aos órgãos competentes a preparação de orientações práticas sobre a maneira de celebrar o batismo, bem como a tarefa de promover a adaptação do rito à cultura e índole do nosso povo” (cf. SC 37-40; SC, 6,1)².

3. O presente documento deseja, ao menos em parte, corresponder àquele pedido. Refere-se primariamente à liturgia ou celebração do sacramento do batismo, tendo em vista, sobretudo, a grande maioria de nosso povo – trabalhadores rurais, operários e outros assalariados urbanos – com o fim de oferecer pistas para adaptar a celebração ao seu mundo e à sua mentalidade. Trata-se de um esforço criativo e inicial de aculturação, que apresenta, em vários momentos, sugestões litúrgico-pastorais alternativas a serem aproveitadas conforme as diversas circunstâncias.

2. Razão de ser da adaptação

4. Os Bispos, no Concílio Vaticano II, reconheceram a utilidade e mesmo a necessidade de adaptar a liturgia à índole dos diferentes povos. Basta lembrar duas passagens da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: “Salva a unidade substancial do rito romano, dê-se lugar a legítimas variações e adaptações para os diversos grupos, regiões e povos” (SC 38)³.

5. Tanto “A Iniciação Cristã – Observações Preliminares Gerais” (n.30-33)⁴ como a introdução ao “Rito da Iniciação Cristã dos Adultos” (n.64 e ss)⁵ trazem um capítulo expresso sobre as “adaptações que podem ser feitas pelas Conferências Episcopais”. A tais adaptações é que se refere a recomendação do Episcopado Brasileiro transcrita acima.

6. Oferecem-se algumas pistas para as Igrejas particulares, situadas em contextos sócio-econômico-religiosos tão diversificados, como as encontramos nas várias regiões do País, seja no interior seja nos centros urbanos e suas periferias.

7. Com efeito, este sacramento merece especial atenção por duas razões: primeiro, por ser celebrado com freqüência; segundo, por ser fundamental e revelador para todo o conjunto da vida cristã.

3. Situação da celebração do batismo no Brasil

a) Contexto geral da situação

8. Poderíamos iniciar o exame da liturgia batismal no Brasil, recordando o fato pastoral descrito no Documento “Pastoral do Batismo”, em especial, as razões que levam os fiéis a pedir o batismo para seus filhos (n.1.1-3)⁶ e as atitudes dos pastores frente a esse pedido (n. 4,1-4.4)⁷.

9. Naquele documento, apresentam-se razões com conotações de natureza teológica mais acentuada, razões supersticiosas, razões de cunho social e razões de ordem econômica – algumas válidas, outras questionáveis – para, tomadas em conjunto, tentar esclarecer o fato de a população do Brasil ser, na sua quase totalidade, uma população de batizados.

10. Em relação à atitude dos pastores, observava-se uma diversidade de linhas de ação no tocante à administração do sacramento do batismo indo desde a negação do batismo às crianças até à exigência de uma séria preparação, no contexto de uma renovação de toda a vida eclesial.

b) Contexto especial da situação da celebração do batismo no Brasil

11. Voltando nossa atenção para a própria celebração do batismo, recordamos o quadro já decidido na “Pastoral do Batismo” (n.3)⁸ destacando quanto segue:

a) Existem comunidades eclesiais no Brasil em que a celebração do batismo, bem como sua preparação e posterior acompanhamento, constituem um exemplo a imitar. Muitas das orientações e sugestões que aparecem neste documento já estão sendo praticadas em tais comunidades.

b) Em muitas outras comunidades eclesiais, porém, verificam-se deficiências que repercutem negativamente na vida cristã das pessoas e das próprias comunidades.

São estas as falhas que ocorrem com maior freqüência:

- preparação insuficiente, quando não inexistente, de pais e padrinhos, antes teórica que vivencial, por vezes mais burocrática que pastoral, sem o auxílio de uma equipe formada

para esse trabalho, sem distinção entre cristãos afastados da Igreja e cristãos integrados na vida comunitária;

- celebração apressada ou rotineira, sem animação e entusiasmo, sem explicação do sentido dos ritos, sem distribuição de funções dentro de uma equipe de celebração, sem variação ou adaptação aos diferentes grupos; mera execução mecânica de cerimônias; leitura inexpressiva de textos;
- passividade dos presentes, muitas vezes desprovidos de participação e vivência;
- visão do batismo como assunto individual, sem implicações para com a Igreja e cada comunidade eclesial;
- redução do batismo a um fato social, que responde a uma tradição familiar e cultural ou a uma obrigação religiosa, desconhecendo sua natureza de celebração de um mistério, de um acontecimento religioso fundamental, isto é, a inserção em Cristo, a incorporação à Igreja, a purificação do pecado, a filiação divina etc.;
- a fragilidade ou mesmo ausência de compromisso com a educação da fé e o desenvolvimento da vida cristã e eclesial da criança, por parte dos pais, padrinhos e da comunidade;
- a importância desproporcional atribuída aos padrinhos, em prejuízo dos pais, que são os que decidem o batismo dos filhos e se responsabilizam pelo desenvolvimento da vida cristã iniciada no batismo;
- a escolha de padrinhos sem levar em conta a sua situação em relação à Igreja e a sua vida cristã;
- concepções mágicas e supersticiosas acerca do batismo, presentes tanto na solicitação do batismo como em sua celebração;
- a evasão de cristãos menos conscientizados para outras paróquias ou dioceses onde não se fazem exigências de preparação para o batismo;
- exigências demasiado rígidas com o perigo de transformar a Igreja em grupo fechado (gueto) numa atitude injusta para com pessoas não suficientemente esclarecidas.

4. Divisão do documento

12. O presente documento compreende, além da Introdução, as seguintes partes: Sentido teológico do sacramento do batismo a partir do rito; Sugestões para a preparação do batismo; Sugestões para uma celebração mais adequada do batismo; Conclusão.

I. PARTE: SENTIDO TEOLÓGICO DO SACRAMENTO DO BATISMO A PARTIR DO RITO

13. Na explicação do sentido teológico do batismo, percorreremos a seqüência de ritos que compõem a sua celebração, à semelhança das antigas catequeses mistagógicas, com as quais se procura descortinar o sentido dos ritos e assim, introduzir o neobatizado na compreensão e na vivência dos sacramentos.

1. Ritos iniciais

14. À porta da Igreja, o celebrante saúda as pessoas presentes e estabelece com elas um diálogo. Em seguida, o celebrante, os pais e os padrinhos traçam o sinal da cruz sobre a frente de cada criança.

a) Recepção

15. O acolhimento exprime o ingresso na comunidade eclesial.

16. Os batizando são recebidos à porta da igreja para significar que ainda não pertencem à Igreja, na qual entrarão pela porta do batismo.

17. Com efeito, o batismo é a porta de entrada para a Igreja: “É necessário que, pelo batismo, todos sejam incorporados nele (em Cristo) e na Igreja, seu corpo” (AG 7; cf. AG 6, PO 5, AA)².

18. A porta do templo, ademais, é símbolo da entrada no Reino de Deus, no tempo e na eternidade, através da fé (cf. At 14,26)¹⁰ e do amor.

19. O batismo é aquele sinal da fé sem o qual, ordinariamente, não se pode “entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5)¹¹. De outro lado, porém, a fé, “que opera pela caridade” (Gl 5,6)¹², pode manifestar-se, de certa maneira, até fora dos limites visíveis da Igreja, em toda boa obra em favor dos irmãos, sobretudo dos mais pobres e pequeninos (cf. Mt 25,32-40)¹³.

b) Canto de entrada

20. O canto de entrada faz eco ao apelo do salmista ao dizer: “Entrai por suas portas com louvor, os seus átrios com hinos; exaltai-o, bendizeis seu nome (Sl 99,4)¹⁴. Eu me alegrei, porque me disseram: iremos à casa do Senhor” (Sl 121,1)¹⁵.

c) Saudação

21. O celebrante, como o pai de família, saúda os presentes em nome do Pai que nos criou e nos predestinou a sermos “conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29)¹⁶.

22. Recebe-os alegremente em nome da família dos filhos de Deus reunida no Espírito Santo, à cuja frente foi colocado para dispensar a cada um o pão a seu tempo (cf. Mt 24,45)¹⁷.

23. A comunidade presente, ao menos na pessoa dos pais, padrinhos, amigos e familiares, acolhe os futuros irmãos, como Jesus, “o primogênito de muitos irmãos” (Rm 8,29), acolhia as crianças: “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele” (Mc 10,14-15)¹⁸.

d) Presença da comunidade

24. Batizam-se as crianças normalmente, com a presença e participação da comunidade.

25. O homem, por natureza, necessita da comunidade. Não pode viver sozinho. Basta lembrar a família, a pequena comunidade, a sociedade civil. Uns precisam da ajuda e do apoio dos outros.

26. “Não é bom que o homem esteja só”, diz Deus a respeito de Adão (cf. Gn 2,18)¹⁹. E dá-lhe uma companheira. No Antigo Testamento, Deus fez de Israel o seu povo escolhido e celebrou com ele uma Aliança (Ex 19,24)²⁰. Constituiu-o como “nação santa” (Ex 19,6)²¹. Cristo não veio para salvar a cada um isoladamente, mas “para reunir os filhos de Deus dispersos” (Jo 11,52)²², para que houvesse “um só rebanho e um só pastor” (Jo 10,16)²³.

27. Pelo batismo, o homem se torna membro da Igreja, Povo de Deus. Diz o Vaticano II: “Aproveu a Deus santificar e salvar os homens, não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituiu-os num povo, que o conhecesse na verdade e santamente o servisse” (LG 9)²⁴. Essa comunidade de salvação, esse Povo de Deus é a Igreja. A ela Jesus confiou o Evangelho e o batismo, quando disse: “Ide, fazei discípulos todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19)²⁵.

28. Por tudo isso, o cristão autêntico leva vida de comunidade eclesial e participa regularmente de uma das comunidades locais nas quais subsiste e opera a Igreja de Cristo (cf. SC 26, 27, 41, 42; *Pastoral da Eucaristia*, cap. 1º)²⁶.

e) Diálogo

29. O NOME – O diálogo sobre o nome é rico de significação. Cada ser humano é único, irrepetível, insubstituível em sua singularidade pessoal. Somos pensados e amados por Deus, desde a eternidade e para toda a eternidade nesta individualidade singular, e assim devemos ser vistos e acolhidos pelos outros. Podemos possuir coisas e delas dispor a nosso bel-prazer, usando-as, subordinando-as a nossos interesses, trocando-as. Com as pessoas, não podemos fazer o mesmo.

30. A pessoa deve ser aceita com suas próprias idéias, com seus sentimentos e sua maneira de ser. A pessoa não pode ser meio para atingirmos nossos objetivos. O outro é distinto de nós, com direito a ser quem realmente ele é, a ver reconhecida sua própria autonomia, sem precisar renunciar à sua personalidade para viver e conviver.

31. O relacionamento interpessoal e comunitário, se permeado de amor autêntico, favorecerá o desabrochar do “eu” no mútuo reconhecimento e na doação desinteressada.

32. O nome exprime esta identidade pessoal a ser reconhecida pelos outros, chamada a colocar-se a serviço de todos.

33. Na comunidade eclesial, este mútuo respeito será a base de um conhecimento verdadeiro e de um amor autêntico, no qual o conhecimento deverá desabrochar. A medida em que seus membros se conhecerem, sobretudo, nas comunidades menores intraparaquiais, melhor a família de Deus expressará sua união com Cristo, o Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas e por elas é conhecido (cf. Jo 10,14)²⁷. Dar a vida pelas ovelhas (Jo 10,15)²⁸, amando-as como Cristo as amou (cf. Jo 15,12.17)²⁹ é a conseqüência do conhecimento amoroso e do mútuo respeito.

34. Na Sagrada Escritura, além disso, o nome é parte essencial da pessoa (cf. 1Sm 25,25)³⁰, de tal forma que o que não tem nome não existe (Ecl 6,10)³¹, sendo a pessoa sem nome um homem insignificante, desprezível (Jó 30,8)³². O nome equivale à própria pessoa (Nm 1,2.42; Ap 3,4; 11,13)³³.

35. Por isso, ao dar uma missão a alguém, Deus lhe muda o nome: assim com Abraão (Gn 17,5)³⁴, com Jacó (Gn 32,27ss)³⁵, com Salomão (2Sm 12,25)³⁶. Da mesma forma, no Novo Testamento, Jesus muda o nome de Simão para Pedro (Mt 16,18; Mc 3,16-17)³⁷ e os Apóstolos mudam o nome de José para Barnabé (cf. At 4,36). O nome de Jesus simboliza a sua missão: Jesus (do hebraico, Yehoshúa) significa Javé salva (cf. Mt 1,21)³⁸. O nome, em outras palavras, vem a significar a missão que se recebe na história da salvação.

36. No batismo, reconhece-se oficialmente o nome da criança. Recorda muitas vezes o nome de um santo. Aquele que nasce para a vida da graça, no seio da Igreja, liga-se simbolicamente àquele que, depois da peregrinação da fé, nasceu para a vida da glória, animando-o com seu exemplo e ajudando-o com sua intercessão (cf. Prefácios dos Santos). Daí a conveniência de se evitar nomes estranhos e extravagantes.

37. PEDIDO DO BATISMO – São os pais que pedem o batismo para seus filhos. A criança não tem ainda consciência nem autonomia suficiente para tal ato, como, aliás, para tantos outros atos de sua vida. Vive, em tudo, na dependência dos adultos.

38. Os pais, se cristãos, não querem que seus filhos cresçam apenas física, psicológica e intelectualmente; querem vê-los crescidos integralmente. Por isso, desde muito cedo, proporcionam-lhes o batismo, o banho do novo nascimento pelo qual, de simples criatura, a criança passa a ser filho de Deus, de simples membro da família humana, passa a ser membro vivo da família de Deus, a Igreja.

39. Ao ser incorporada a Cristo, repleta do Espírito Santo, consagrada para a vida eterna, a criança passa a possuir dentro de si um dinamismo novo, sobrenatural, a fé, a

esperança e a caridade, que, a seu tempo, pela educação e pela prática da vida cristã, na família e nas demais comunidades eclesiais, irá desabrochando numa fé consciente e assumida, responsável e progressivamente adulta.

40. Para marcar as etapas desse desenvolvimento, renovam-se, publicamente, em determinados momentos da vida, os compromissos batismais, especialmente na primeira comunhão, na crisma e na vigília pascal.

f) A educação da fé pelos pais

41. A consequência, para os pais que pedem o batismo para seus filhos, é o compromisso, já assumido na celebração do casamento, de educá-los na fé, dentro da comunidade eclesial.

42. A ordem de batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo não pode ser desvinculada da missão do anúncio do Evangelho (cf. Mt 16,15)³⁹, da conversão para o seguimento de Jesus, que caracteriza os verdadeiros discípulos (cf. Mt 28,19)⁴⁰ e de uma orgânica educação da fé (cf. Mt 28,20)⁴¹.

g) A colaboração dos padrinhos

43. No cumprimento deste compromisso de educar seus filhos na fé, os pais são ajudados pelos padrinhos. Depois dos pais, padrinho e madrinha representam a Igreja, nossa Mãe, "que, pela pregação e pelo batismo, gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus" (LG 64)⁴². Representam a Comunidade que, ao enriquecer-se com a entrada de um novo membro, vê sua responsabilidade também acrescida.

h) O sinal da cruz

44. Concluem-se os ritos iniciais, marcando a frente de cada criança com o sinal da cruz. Que significa isso?

45. Marcam-se livros, roupas, animais com o nome de seu dono ou outro sinal. Muitas pessoas andam com distintivo ou emblema do seu clube, da sua escola, da sua associação esportiva. É um sinal de pertença.

46. Na noite da Páscoa em que fugiram do Egito, os israelitas marcaram as portas de suas casas com o sangue do cordeiro pascal. Assim o anjo justiceiro, que passaria, podia reconhecer as casas dos israelitas e poupar os seus primogênitos (cf. Ex 12)⁴³.

47. O profeta Ezequiel viu como Deus mandou marcar, com seu sinal, a frente das pessoas oprimidas. Quando passaram os emissários para matar os malfeitores, sabiam a quem deviam poupar (cf. Ex 9,4-7)⁴⁴. Da mesma maneira, serão poupados, no dia da vinda do Senhor, todos os que forem assinalados com o sinal do Deus vivo (cf. Ap 7,2-4 e 9,4)⁴⁵.

48. O sinal do cristão é a cruz de Cristo. Quem é marcado com a cruz pertence a Cristo e à sua Igreja. Não pode ser escravo de outros senhores ou adorar outros deuses.

2. Liturgia da Palavra

49. Terminados os ritos iniciais, talvez celebrados à porta do templo, no corpo da Igreja proclama-se a palavra de Deus, elevam-se nossas preces a Cristo e aos santos, e, finalmente, unge-se o peito de cada criança com o óleo dos catecúmenos.

a) Leituras bíblicas e homilia

50. O próprio Deus dirige-nos a palavra (cf. 1Ts 2,13; Rm 10,14; 2Cor 2,17; Rm 10,18; 2Cor 13,3; Lc 10,16)⁴⁶ através das leituras bíblicas, do Antigo e do Novo Testamento.

51. Enquanto as leituras nos recordam que Deus interveio realmente em nossa história, a homilia testemunha, aqui e agora, a intervenção do Deus vivo em Jesus Cristo e no dom do Espírito.

52. Em ambas as formas, a palavra de Deus é proclamada e acolhida na fé. A realidade do batismo só é conhecida através da fé.

53. Se todos os sacramentos nutrem, fortalecem e exprimem a fé (cf. SC 59)⁴⁷, com muito maior razão o batismo, que é, por excelência, o “sinal da fé” (cf. Iniciação Cristã, Observações Preliminares Gerais, n.3)⁴⁸.

54. A liturgia da palavra e a liturgia sacramental formam um todo. Na celebração batismal, a liturgia da palavra, além de seu valor próprio, prepara a liturgia sacramental, particularmente a profissão de fé, pela qual o homem responde à proposta de Deus. Ora, a fé nasce e se alimenta da palavra de Deus, assim como a própria comunidade eclesial onde será recebido como membro vivo o batizando.

55. Além disso, os pais, ao pedirem o batismo para seus filhos menores, assumem o compromisso de educá-los na fé. Para tanto, é preciso que conheçam e vivam melhor o conteúdo da fé cristã, expresso verbalmente na Bíblia e na pregação da Igreja.

b) Oração dos fiéis

56. Os fiéis invocam a misericórdia de Deus, conscientes de sua incapacidade e da absoluta necessidade da graça de Deus para se obter e se viver com coerência e perseverança a vida nova do batismo: “Sem mim, nada podeis fazer”.

c) Invocação dos santos

57. A invocação de Deus é seguida pela invocação dos santos, que, antes de nós e muito melhor do que nós, viveram a vida batismal neste mundo.

58. Para nós são estímulos e exemplos; junto a Deus são nossos intercessores. Próximos de nós pela humanidade, estão próximos a Deus pela santidade. Neles a vida batismal floresceu até à plenitude.

59. Neste instante da liturgia batismal, a Igreja peregrina na terra se une à Igreja triunfante no céu (cf. Ap 5,8; 8,3)⁴⁹ para pedir a graça de Deus em favor daqueles que ainda se encontram no limiar da Igreja. É a comunhão dos santos.

60. Após a invocação de Maria, Mãe do Filho de Deus – que se torna nossa Mãe no batismo – segue-se a invocação de São João Batista, São José, São Pedro e São Paulo e outros que podem ser acrescentados – como os padroeiros das crianças, da Igreja ou do lugar em que se celebra o batismo – terminando-se com a invocação de todos os santos.

d) Oração

61. Nas orações com que o celebrante conclui a liturgia da palavra, recorda-se a missão de Cristo, libertador do pecado (1Tm 1,15)⁵⁰ e de suas conseqüências (cf. Lc 4,18ss; 7,18ss)⁵¹, e portadora de salvação.

62. Jesus Cristo, Filho de Deus, pela sua encarnação, vida, morte e ressurreição, transforma radicalmente a vida humana e o próprio universo, abrindo definitivamente toda a realidade e a história humana para o desígnio de Deus, que quer a plenitude da vida humana (cf. Jo 10,10)⁵², numa comunhão filial para com Deus, fraternal para com os outros, senhorial para com o mundo.

63. Deus “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e há um só mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem, o qual se deu a si mesmo para a redenção de todos” (1Tm 2,4-5)⁵³.

64. Embora a salvação possa ser dada sem a mediação visível da Igreja e o conhecimento expresso de Cristo e de Deus (cf. LG 16; GS 22)⁵⁴, a fé explícita e o conseqüente batismo são o meio ordinário de recebê-la. É dentro destes limites que devemos entender as palavras de Jesus: Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado (Mc 16,16)⁵⁵; “Em verdade te digo: quem não nasce do alto não pode ver o Reino de Deus (...) quem não nasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus” (Jo 3,3.5)⁵⁶.

65. O Cristo liberta do “espírito do mal” (cf. Ef 6,16; 1Jo 3,8; Mt 6,13)⁵⁷, do “poder das trevas” (cf. Cl 1,13; Jo 8,12)⁵⁸, do pecado (cf. Mt 9, 2.6.13; Lc 5,20; 7,48 etc.)⁵⁹, introduz no “reino da luz” (cf. Cl 1,12-13; Jo 8,12; 12, 35-36.46; Ef 5,8; 1Ts 5,5; 1Pd 2,9)⁶⁰, dá ao cristão força e proteção para fazer frente às provações e “resistir com coragem às solicitações do mal” (cf. 1Cor 10,13; 2Pd 2,9; Ap 3,10)⁶¹.

e) Unção pré-batismal

66. A coragem (cf. At 23,11; Ef 6,20)⁶², a força (cf. Ex 15,2; Sl 141,7; Cl 1,11; 1Cor 10,13; Ef 6,10; 2Tm 4,17; Ap 3,8)⁶³, a resistência e a proteção (Sl 58,11)⁶⁴, impetradas na oração, são significadas pelo gesto sensível da unção pré-batismal: “O Cristo Salvador vos dê sua força. Que ela penetre em vossas vidas como este óleo em vosso peito”.

67. Os antigos lutadores se ungiam com óleo em todo o corpo para fortificar os músculos e para dificultar que os adversários os agarrassem. Semelhantemente, preparando-se para as lutas que deverá travar para ser fiel à vocação cristã e à missão que receberá no batismo, o batizando é ungido no peito.

68. “Tendo recebido a couraça da justiça resistais aos artifícios do diabo” (Ef 6, 11.14; Is 11,5; 59,17; 1Ts 5,8)⁶⁵. Revestidos da armadura de Deus (cf. Ef 6,11)⁶⁶, os cristãos estão preparados para resistir à força inimiga e vencê-la. De seus lábios brota um hino de confiança: “tudo posso naquele que me conforta, o Cristo” (Fl 4,13)⁶⁷.

3. Liturgia sacramental

69. A liturgia sacramental compreende a oração sobre a água, as promessas do batismo, o batismo, a unção com o crisma, a veste branca, a entrega da vela acesa e o “efeta”.

a) Oração sobre a água

70. Mesmo “durante o tempo pascal, nas igrejas em que a água foi consagrada na Vigília pascal, para que não falte ao batismo o louvor e a súplica, faça-se a oração sobre a água...” (Rito para o Batismo de Crianças, n.55)⁶⁸.

71. Junto à fonte batismal, o celebrante bendiz a Deus, recordando o admirável plano segundo o qual Deus quis santificar o homem, pela água e pelo Espírito.

72. Diante de nossos olhos passam as principais figuras do batismo presentes na história da salvação: a criação (Gn 1, 2.6-10; 1,21-22)⁶⁹, o dilúvio (Gn 7,9)⁷⁰, a travessia do Mar Vermelho (Ex 14,15-22)⁷¹, o batismo de Jesus nas águas do Jordão (Mt 3,13-17)⁷², a água que correu do lado aberto de Cristo na Cruz (Jo 19,34)⁷³.

73. Na ordem de Cristo, após a ressurreição – “Ide, fazei discípulos, todos os povos, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19)⁷⁴, passa-se da figura à realidade, da prefiguração à realização.

74. O simbolismo da água é de fundamental importância para se compreender a significação do batismo.

Mergulhar e sair da água significa morrer e ressurgir.

75. “Batizar”, com efeito, significa imergir ou submergir na água.

76. O Apóstolo Paulo vê no batismo com água um sentido fundamental. Mergulhar nas águas batismais e sair delas exprime o morrer para o pecado e o ressurgir com Cristo. Morrer para o pecado, ressurgir para a vida nova em Cristo. “Com ele fomos sepultados pelo batismo para participarmos da morte, para que assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova. Pois se fomos unidos a ele pela semelhança da morte, também o seremos pela semelhança da ressurreição” (Rm 6,4-5)⁷⁵.

77. Diz o Concílio Vaticano II: “Pelo sacramento do batismo, o homem é verdadeiramente incorporado a Cristo crucificado e glorificado... segundo estas palavras do Apóstolo: Com ele fostes sepultados no batismo e nele fostes co-ressuscitados” (CI 2,12; cf. 1Pd 3,21-22) (UR 22)⁷⁶.

78. Por sua Páscoa, ou seja, sua passagem da morte à vida, ele nos salvou. Ensina ainda o Vaticano II: “Esta obra da redenção humana... completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão” (SC 5)⁷⁷. “Morrendo, destruiu a morte; e ressurgindo, deu-nos a vida” (Missal Romano, Prefácio da Páscoa I).

79. Pelo batismo, os homens tomam parte nesta morte e ressurreição de Cristo: “Assim também vós, considerai-vos mortos ao pecado, porém, vivos para Deus em Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 6,11)⁷⁸. “O batismo recorda e realiza o mistério pascal, uma vez que por ele os homens passam da morte do pecado para a vida” (Rito para o Batismo de Crianças, A Iniciação Cristã, n.6)⁷⁹. É por isso que, ao sermos batizados, renunciamos ao pecado e a todo mal e fazemos nossa profissão de fé, dizendo firmemente que Deus nos salva do pecado e da morte por seu Filho Jesus.

80. Observadas as devidas precauções, o rito de mergulhar a criança na água batismal e retirá-la exprime melhor esta idéia do que o derramar a água na frente.

A água dá vida

81. A água é necessária para a vida. Sem água, morre a plantação, morrem os animais e as pessoas. Na seca, a terra se torna deserta; quando volta a chover, tudo renasce.

82. Deus criou para o homem um lugar de delícias, donde saía um rio, dividido em quatro braços para regar o paraíso (Gn 2,10-14)⁸⁰. Quando os profetas prometiam a salvação, comparavam esta salvação com chuvas, orvalhos, fontes e rios, que mudariam a terra seca em novo paraíso (cf. Is 35, 1.6-7)⁸¹. A água é também sinal do Espírito Santo que dá a vida eterna (cf. Jo 7,37-39)⁸².

83. Assim, pela água do batismo, o homem recebe a vida divina, renasce “da água e do Espírito” (Jo 3,5)⁸³. “A Igreja gera para uma vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus” (LG 64)⁸⁴. Quem é batizado participa de modo especial da vida de Deus (cf. 2Pd 1,4)⁸⁵. Por isso, os batizados são de fato “filhos de Deus” (cf. Jo 1,12-13)⁸⁶ e com razão chamam a Deus de Pai (cf. Rm 8,14-17; Gl 3,26ss)⁸⁷.

84. Pelo batismo, o homem recebe o Espírito Santo (cf. At 1,5; 4,2; 19,1-13)⁸⁸. É o Espírito que faz do cristão filho de Deus (Rm 8,14-17; Gl 4,6)⁸⁹. Ensina São Cirilo de Jerusalém: “A água corre sobre o corpo externamente, mas é o Espírito que batiza totalmente a alma, no interior” (PG 33,1009). Renascemos da água e do Espírito (cf. Jo

3,5)⁹⁰; Fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele ricamente derramou sobre nós (Tt 3,5-6)⁹¹. “O que é mais importante no batismo é o Espírito Santo, por quem a água opera” (Crisóstomo, PG 60, 21). Por isso, o cristão há de ter consciência desta presença do Espírito Santo.

A água lava

85. Depois de um dia de trabalho, um banho de água lava o corpo e renova o espírito, dando boa disposição. As chuvas tiram o pó das estradas e da rua. É com água que lavamos a roupa, a louça e os utensílios da casa.

86. Em muitas passagens, a Bíblia fala da água que lava e limpa (2Rs 5; Zc 13,1-2;)⁹². O Salmo 50 pede a limpeza interior: “Lava-me mais e mais da minha culpa e purifica-me do meu pecado” (Sl 50,2)⁹³.

87. “O banho com água unido à palavra da vida, que é o batismo (cf. Ef 5,26)⁹⁴, lava o homem de toda culpa, tanto original, como pessoal” (Rito para o Batismo de Crianças; A Iniciação Cristã, n.5)⁹⁵.

88. “Morrer ao pecado” (cf. Rm 6,2)⁹⁶ é assim a primeira condição de quem se batiza, “porque o Senhor nos renovou no batismo e fez de nós homens novos” (Agostinho, PL 36,966). “O homem novo” é o homem transplantado do pecado para a vida pelo batismo, é o homem tornado filho de Deus, membro de Cristo e da Igreja, é o homem chamado a viver como cristão e não como pagão ou pecador.

A água destrói a corrupção

89. Paradoxalmente, a mesma água que é fonte de vida, também tem um poder destruidor natural.

90. Através do dilúvio (Gn 6,7)⁹⁷, Deus quis acabar com a corrupção e maldade dos homens. As águas da chuva subiram até cobrir tudo e todos. Somente Noé e sua família se salvaram na arca.

91. Os israelitas ficaram livres dos egípcios, atravessando o Mar Vermelho a pé enxuto, ao passo que os egípcios foram sepultados nas águas (Ex 14)⁹⁸. A água foi a salvação de Israel e a perdição dos egípcios.

92. O Salmo 68 é uma profecia da morte e ressurreição de Jesus. Os maus querem afogar o justo nas águas, mas Deus não permite. Salva-o das águas da morte, conservando-lhe a vida.

93. O batismo é como o dilúvio, que destrói a corrupção e liberta do pecado. É início duma nova humanidade. Exige que vivamos uma vida nova de filhos de Deus. O batismo é como a passagem do Mar Vermelho: liberta da escravidão e da maldade e introduz no reino dos filhos de Deus. Jesus Cristo é quem dá esta força ao batismo.

b) Promessas do batismo

94. Antes do batismo, os pais e padrinhos, em nome dos batizados, proferem as promessas batismais, renunciando ao pecado e proclamando a fé em Jesus Cristo.

95. O batismo infunde nas crianças uma vida nova, nascida “da água e do Espírito Santo” (Jo 3,5)⁹⁹. Em sua condição de crianças, elas são, real e verdadeiramente, enxertadas em Cristo e na Igreja. Recebem uma vida nova, são lavadas do pecado original nas águas do batismo, a fé lhes é infundida, são consagradas ao serviço do Reino de Deus, tornam-se templo do Espírito Santo e co-herdeiras da vida eterna.

96. Não têm, porém, consciência disso, como também nós não tínhamos à época do nosso batismo. Não são capazes de renunciar a nada nem abraçar compromisso algum.

97. Os adultos que as apresentam para o batismo, ao renovarem as promessas do seu batismo, assumem o compromisso de “educá-las na fé”, a fim de que a vida nova do batismo possa desenvolver-se e, um dia, ser consciente e livremente assumida pelos próprios batizados.

98. Na fé da Igreja, as crianças são batizadas; no compromisso de viverem autenticamente como filhos de Deus, como irmãos, como seguidores de Cristo, pais e padrinhos se propõem a educar a fé de seus filhos e afilhados, pelo testemunho de vida, pela palavra, pela vivência comunitária e pela participação da liturgia.

Renúncia

99. Renuncia-se ao pecado e às suas manifestações, ou então, ao demônio, autor e princípio do pecado, às suas obras e seduções.

100. No início da história, nossos pais foram tentados (Gn 3,1-5.13)¹⁰⁰ e sucumbiram (Gn 3,6)¹⁰¹. No deserto, o povo tentado cedeu às forças escravizadoras do mal (cf. Nm 11)¹⁰². Jesus, ao inaugurar a etapa final da história da salvação, também é tentado no deserto, antes de iniciar a sua missão, mas resiste, vence o demônio em seu próprio terreno (cf. Lc 4,1-13; Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 11,14s)¹⁰³. O novo Adão (1Cor 15,45; 15,21-22; Rm 5,12-21)¹⁰⁴, cabeça do novo Povo de Deus (cf. Rm 9,25; Tt 2,14; 1Pd 2,9-10; Ap 21,3)¹⁰⁵, ao passar pelas mesmas provações do primeiro Adão e do antigo povo, resiste com a mesma naturalidade com que possui o Espírito.

101. O povo israelita esquecera sua missão e seu Deus e quer voltar às cebolas do Egito; ao ser convidado a transformar as pedras em pães, Jesus diz que não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus (cf. Dt 8,3)¹⁰⁶, denunciando assim a tentação de querer a salvação por seus próprios meios e não por aqueles que Deus quer.

Os israelitas tentaram a Deus, exigindo um sinal; recusando-se a saltar do alto do templo, Jesus recusa-se a apresentar um espetáculo sensacional (cf. Dt 6,16)¹⁰⁷. Entregara-se o povo ao serviço dos ídolos; negando-se a adorar o demônio, Jesus renuncia a qualquer riqueza e dominação mundana (cf. Dt 6,3)¹⁰⁸.

102. O modelo de renúncia é Jesus, o Servo de Javé. Jesus não veio para ser servido, mas para servir a Deus e ao seu povo, dando sua vida pela salvação de muitos (cf. Mc 10,45)¹⁰⁹. Não usa sua condição messiânica para “matar a fome”, para a “vanglória” ou para “dominar”. Evita este caminho, por mais sedutor que apareça à primeira vista. Decide trilhar o caminho da pobreza, da fraqueza, do serviço simples e humilde até a morte, seu maior e decisivo serviço. “Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2,8)¹¹⁰.

103. A tentação de não servir a Deus e aos seus desígnios nega a vocação fundamental do homem à filiação e à fraternidade, subtrai-se ao Espírito, que impele o homem de dentro (cf. Ez 37,14.24)¹¹¹ a chamar a Deus de Pai (cf. Rm 8,15)¹¹² e a viver como filho de Deus (cf. Rm 8,13-14; 5,5)¹¹³, amando os demais como Cristo nos amou (Jo 15,12)¹¹⁴.

104. Jesus é fiel até o fim à realização de sua missão em forma de servo, superando todas as tentações, não só do inimigo, mas também do seu amigo Pedro: “Afasta-te, Satanás, tu és para mim um escândalo, pois te deixas levar por considerações humanas e não por pensamentos divinos” (Mt 16,22-23).

105. São Pedro nos alerta: “Sede sóbrios e vigiai, porque o demônio, vosso adversário, anda ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé...” (1Pd 5,8-9)¹¹⁵.

Profissão de fé

106. A contrapartida da renúncia é a profissão de fé. Imediatamente antes do rito da água, os que participam da celebração do batismo professam a fé.

107. O batismo, com efeito, é o sacramento que proclama e celebra a fé em Cristo e em tudo o que ele fez e anunciou. É o “sinal” sacramental da fé, isto é, um rito que manifesta e realiza o que cremos, pelo poder de Cristo (Rito para o Batismo de Crianças. A Iniciação Cristã, n.3)¹¹⁶.

108. Para alguém ser batizado, é preciso que faça sua profissão de fé. É preciso proclamar publicamente que acredita em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que derramou sobre nós o Espírito Santo e nos quer conduzir ao Pai (cf. Mc 16,15-16)¹¹⁷.

109. “Mas como crerão sem terem ouvido falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue? (Rm 8,14)¹¹⁸. Por isso, a primeira tarefa da Igreja para com os batizados é anunciar-lhes Cristo e seu Evangelho. É procurar que conheçam o Filho de Deus, se convertam a ele e queiram segui-lo (cf. Mt 28,19)¹¹⁹.

110. O batizando, através dos responsáveis por ele – seus pais e padrinhos – aceita o anúncio de Cristo mediante o ato de fé e a conversão (cf. SC 6)¹²⁰. “É necessário que todos reconheçam a Cristo e a ele se convertam e pelo batismo sejam implantados nele e na Igreja, seu Corpo “(AG 7)¹²¹.

111. O batismo é apenas o início da vida cristã. Deve ser completado pelo crescimento na fé que se celebra na Confirmação e na Eucaristia e por toda a vida do cristão. “O batismo é só o início que tende a conseguir plenamente a vida em Cristo. Por isso, o batismo se ordena à completa profissão de fé... e à total participação na comunhão eucarística (UR 22)¹²².

112. O batismo de crianças, acenado no Novo Testamento, quando se fala do batismo de “casas inteiras” (cf. At 16,15-33, 1Cor 1,16)¹²³, é motivado na necessidade ordinária do batismo para a salvação.

113. Além disso, argumenta-se, sobretudo, a partir das discussões em torno de um maior esclarecimento sobre a doutrina do pecado original, que as crianças contraem o pecado original sem culpa pessoal e, por isso, devem poder libertar-se dele, mesmo sem decisão pessoal. A fé atual, que as crianças não têm, é suprida pela fé dos pais, dos padrinhos e de toda a Igreja, que, ao pedir o batismo para as crianças, aceitam também a obrigação de levar a criança à plena realização pessoal, antecipando, assim, de alguma maneira, a fé pessoal futura.

A fé, sendo dom de Deus, não depende dos homens, dos cuidados dos educadores e dos esforços das crianças, mas da graça de Deus. A fé, infundida no batismo como capacidade sobrenatural, se transforma em ato sempre e somente através da graça proveniente de Deus que, de sua parte, mantém o empenho assumido na hora do batismo. Da mesma forma que outras capacidades e atividades, a fé será pessoalmente assumida quando o batizado for capaz de colocar atos verdadeiramente pessoais. A educação no ambiente familiar e eclesial deverá propiciar este florescimento da fé em termos pessoais.

c) Batismo

114. A liturgia sacramental culmina com o batismo, por imersão, infusão ou aspensão, invocando simultaneamente as três pessoas da Santíssima Trindade.

115. "O banho com água unido à palavra da vida" (cf. Ef 5,26)¹²⁴, que é o batismo, lava os homens de toda culpa, tanto original como pessoal e os torna "participantes da natureza divina" (cf. 2Pd 1,4)¹²⁵ e da "adoção de filhos" (cf. Rm 8,15; Gl 4,5)¹²⁶. O batismo é, pois, o "banho da regeneração" (cf. Tt 3,5)¹²⁷ e do nascimento dos filhos de Deus, como é proclamado nas orações para a bênção da água. "Invoca-se a Santíssima Trindade sobre os batizados, que são marcados em seu nome, para que lhe sejam consagrados e entrem em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo..." (Rito para o Batismo de Crianças, n.5)¹²⁸.

116. Por que se batiza em nome do Pai, do Filho e do Espírito? Qual o significado desta invocação?

117. O batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo baseia-se no mandato de Jesus, segundo o Evangelho de Mateus (cf. Mt 28,19)¹²⁹.

118. Pelo batismo, tornamo-nos morada da Santíssima Trindade (cf. Jo 14,15-17.23; 1Jo 2,6.24.27-28; 3,6.24; 4,12-16; 5,20)¹³⁰.

119. O batismo nos faz filhos do Pai, irmãos do Filho, templos do Espírito Santo.

120. Na economia da salvação, o Pai toma a iniciativa de enviar o Filho para que nos tornemos filhos de Deus (cf. 1Cor 8,6)¹³¹; o Filho se encarna e, redimindo-nos, abre-nos a possibilidade de nos tornarmos filhos de Deus (cf. Rm 8,14-17.28)¹³²; o Pai e o Filho mandam-nos o Espírito Santo que renova os nossos corações e nos leva a dizer: "Pai" (cf. Gl 4,4-7)¹³³.

121. Somos elevados à condição de filhos enquanto recebemos do Pai e do Filho uma participação no Espírito filial de que Cristo possuía a plenitude passando a ter para com o Pai uma relação semelhante à que Cristo tinha (cf. Mc 14,36)¹³⁴.

122. Criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27)¹³⁵, que é comunhão de pessoas, e portanto, destinado a viver em comunhão, o homem, pelo pecado, separa-se de Deus e dos outros. Desfigura-se. O batismo transforma intrinsecamente e regenera o homem (cf. Tt 3,4-7; 1Pd 1,3-5)¹³⁶ divinizando-o.

Torna-o capaz de viver, nos limites da natureza humana, uma comunhão semelhante à comunhão trinitária, tanto com Deus como com os outros. É o Espírito Santo que une os batizados numa família, na qual todos são chamados a viver, em Cristo, o Filho, sua comunhão filial para com o Pai e, em Cristo, o Irmão, sua comunhão fraternal com os irmãos.

d) Unção com o crisma

123. Logo depois do batismo com água, a criança é ungida com o santo crisma.

124. *Cristo quer dizer Ungido*. Jesus foi ungido com o Espírito Santo (cf. Lc 4,16-22; Is 61,1-6)¹³⁷, para realizar sua missão libertadora, como sacerdote, profeta e rei.

125. O cristão, no batismo, torna-se membro de Cristo e de seu povo. É ungido para, como membro de Cristo e da Igreja, continuar a missão de Cristo hoje.

126. A missão que Cristo confia aos batizados é, portanto, tríplice: sacerdotal, profética e real-pastoral.

Missão sacerdotal

127. O povo cristão, por força do batismo, oferece sua vida a Deus e aos irmãos no serviço de cada dia (cf. Rm 12,1; 1Jo 3,16)¹³⁸ e, como fonte e cume desta doação,

participa “conscia, plena e ativamente das celebrações litúrgicas” (SC 14)¹³⁹. “Os fiéis são consagrados para formar um povo de sacerdotes e reis (cf. 1Pd 2,4-10)¹⁴⁰, de sorte que... por toda parte dêem testemunho de Cristo” (AA 3)¹⁴¹.

Missão profética

128. Onde quer que vivam, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, devem todos os cristãos manifestar o novo homem que pelo batismo vestiram” (AA, 11)¹⁴². “Os fiéis são obrigados a professar diante dos homens a fé que receberam de Deus pela Igreja” (LG 11)¹⁴³.

Missão real-pastoral

129. Cristo é o Rei e o Senhor do mundo inteiro. Os batizados têm a missão de se esforçar para que todos os homens aceitem e amem a Cristo Senhor (cf. AG 36)¹⁴⁴. Os cristãos, vivendo seu compromisso, são como o fermento que vai transformando o mundo, segundo o plano de Deus (cf. AG 15)¹⁴⁵.

130. “Além disso, o batismo é o sacramento pelo qual os homens passam a pertencer ao corpo da Igreja, co-edificados para constituir a habitação de Deus no Espírito” (Ef 2,22)¹⁴⁶, como “povo santo, sacerdócio régio” (1Pd 2,9)¹⁴⁷; é também o “vínculo sacramental da unidade existente entre aqueles que com ele são marcados” (cf. UR 22)¹⁴⁸. Por causa desse efeito imutável, declarado na própria celebração do sacramento na liturgia latina, quando os batizados são ungidos pelo crisma na presença do Povo de Deus, o rito do batismo deve ser tido em alta estima por todos os cristãos, e não pode ser novamente conferido a quem já o tenha recebido validamente das mãos de irmãos separados” (Rito para o Batismo de Crianças, nº 4)¹⁴⁹.

e) A veste branca

131. A veste branca que o batizando recebe é o sinal exterior da vida nova gerada pelo batismo. Pelo batismo, a criança revestiu-se de Cristo, vestiu o “homem novo” (cf. Gl 3,27; Ef 4, 24)¹⁵⁰.

132. A cor branca manifesta que o cristão já participa da ressurreição de Jesus (cf. Mc 9,13; Ap 4,4; 7,9)¹⁵¹. Ele começa uma vida nova, deixa para trás o “homem velho” (Rm 6,6)¹⁵², o homem entregue ao pecado.

f) A vela acesa

133. “Recebi a luz de Cristo”, diz o celebrante. Os pais acendem no Círio Pascal a vela de cada criança.

134. Temos aqui o rito da luz e do fogo.

135. A luz é benfeitora. Antes que Deus criasse a luz, a escuridão cobria o mundo (Gn 1, 2)¹⁵³. O fogo ilumina e dá calor. É uma imagem do ser vivo, que se move. É também símbolo do amor ardente. Sem a luz, ninguém pode encontrar o caminho, contemplar a natureza, evitar perigos escondidos.

136. Na Bíblia, Cristo é chamado “luz para iluminar os povos” (Lc 2,32)¹⁵⁴. Uma estrela brilhante conduz os Magos até o Salvador recém-nascido (Mt 2, 2.10)¹⁵⁵. A Escritura compara o céu com a luz eterna, e o inferno com as trevas exteriores (cf. Ap 22,5; Mt 25,30)¹⁵⁶.

137. O próprio Cristo diz de si mesmo: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12)¹⁵⁷ e dos discípulos: “Vós sois a luz do mundo... Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras” (Mt 5,14-16)¹⁵⁸. O Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos sob a forma de fogo (cf. At 2,3)¹⁵⁹.

138. No batismo, Cristo ilumina todos os batizados com sua luz. Diz Pedro: “Cristo vos chamou das trevas para a sua luz admirável” (1Pd 2,9)¹⁶⁰. E são Paulo: “Outrora, éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Andai, pois, como filhos da luz (Ef 5,8)¹⁶¹.”

139. Assim, como a vela tende a difundir em torno de si a sua luz e o seu calor, também o cristão, feito membro de Cristo e da Igreja pelo batismo, deve difundir em torno de si o Reino de Deus. Participa da missão da Igreja: “Os leigos pelo batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no Povo de Deus e a seu modo feitos partícipes da missão sacerdotal, profética e real de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão, na Igreja e no mundo” (LG 31)¹⁶².

g) “Efeta”

140. O rito do efeta, em que o celebrante toca os ouvidos e os lábios do batizando, recorda os gestos salvíficos de Jesus, libertando as vítimas da surdez e da mudez, que, além de seu valor próprio, remetiam para uma realidade mais profunda: a libertação da surdez e da mudez espirituais. Pede-se que o Senhor Jesus, que libertou a tantos (cf. Mt 11,4-5)¹⁶³, abra os ouvidos do batizando para a Palavra de Deus e sua boca para a proclamação da fé. A audição da Palavra de Deus, na fé e na caridade, deve tender à sua proclamação, pela palavra, pela vida e pela celebração.

Rito final

141. A celebração do batismo termina com a oração do pai-nosso e a bênção às mães, aos pais, às crianças e a todos os presentes.

a) Oração do Senhor

142. A oração do pai-nosso é o desfecho lógico de toda a liturgia do batismo. A criança, que se tornou filha de Deus pelo batismo, chama a Deus de Pai pela voz de seus pais e padrinhos, com as mesmas palavras de Jesus, o Filho eterno de Deus que se fez homem. Pela primeira vez, unido a Cristo, o Filho de Deus, e aos seus irmãos, filhos de Deus em Cristo, o batizando dirige-se como filho Aquele que, por Cristo e no Espírito Santo, o gerou sobrenaturalmente, tornando-o seu filho. Como membro da família dos filhos de Deus, ele reza a oração com a qual a família saúda o próprio Pai.

b) Bênção

143. Pelas bênçãos, agradece-se a Deus pelos bens que ele nos dá e pede-se que não venha a faltar o conjunto de bens necessários à vida do novo cristão em tudo dependente de sua família – de modo especial da mãe e do pai – e da comunidade maior. A vida humana acha-se envolvida pela vida divina que a cria, sustenta, enriquece e plenifica. O Deus que nos quer bem, em sua bondade, não nos pode deixar sem os bens necessários à nossa bem-aventurança.

II. PARTE: SUGESTÕES PARA A PREPARAÇÃO DO BATISMO

144. A Pastoral da Celebração do Batismo é apenas um aspecto da Pastoral Orgânica da Igreja em seus vários níveis.

145. Para se tender a uma celebração ideal do batismo, o presente documento poderá ser de real ajuda. Mas requer-se também a contribuição de outros setores da pastoral, orientada como um todo orgânico, tais como a ação missionária, a catequese, a pregação, a criação e o desenvolvimento de verdadeiras comunidades eclesiais de base, a diversificação dos ministérios etc.

146. Além disso, é indispensável que todos os ministros hierárquicos de uma região adotem os mesmos padrões de preparação e celebração do batismo. A fuga de fiéis para

outros lugares, onde o batismo se celebra sem exigências, é ruptura da unidade e sinal de uma pastoral que não educa o povo.

1. Preparação remota para o batismo

147. Aplicam-se à preparação remota do batismo todos aqueles elementos que se afiguram de grande importância para a renovação da vida eclesial, dentro de uma pastoral orgânica e global: a luz do Concílio Vaticano II e da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla: o relacionamento pessoal sobre o qual se deve construir todo o trabalho de evangelização; a necessidade de fazer da recepção, às vezes mecânica e passiva, dos sacramentos, uma autêntica celebração da fé; a formação de verdadeiros centros de comunhão e participação nas “igrejas domésticas”, comunidades eclesiais de base, coordenadas e animadas a nível paroquial e diocesano; uma participação mais qualificada e diversificada dos leigos na Igreja e no mundo.

148. Todos os meios aptos ao alcance devem ser utilizados na educação dos fiéis para a vivência eclesial-comunitária, cuja origem e fundamento encontra-se no sacramento do batismo, de tal forma que a Igreja possa ser, cada vez mais e melhor, sinal e instrumento de comunhão, de participação e de libertação integral.

2. Preparação próxima para o batismo

149. Todo o esforço do conjunto da pastoral resulta necessariamente numa preparação da celebração do batismo. Mas é necessária também uma preparação específica para este sacramento.

150. No caso de batizados adultos, o “Rito da Iniciação Cristã dos Adultos” apresenta todo um roteiro de formação. Tratando-se de crianças, a preparação é feita sobretudo com os pais e os padrinhos. É importante, todavia, motivar também a participação dos outros membros da família e da comunidade eclesial de base em que a família esteja inserida.

151. Segundo o ensino e a prática autêntica da Igreja, é função dos pais e padrinhos assumir a educação cristã da criança, batizada antes do uso da razão. Durante a preparação, devem tomar consciência clara desta responsabilidade.

152. Na realidade, os principais educadores cristãos da criança serão normalmente os pais, e mais raramente os padrinhos. É, pois, com os pais que se deve ter especial atenção durante a preparação para o batismo. O Ritual sublinha esta responsabilidade primeira dos pais, preferindo que a mãe ou pai segure a criança no momento de derramar a água (Rito, n. 60)¹⁶⁴.

153. Uma equipe de agentes de pastoral, quando bem formada, será de inestimável proveito na preparação do batismo. Esta equipe representa a comunidade no empenho de levar novos membros à fonte batismal: valoriza o leigo na Igreja; reparte as responsabilidades com o sacerdote; muitas vezes, atinge melhor a família dos batizados que o próprio padre. O conteúdo da preparação, dentro do amplo tema do batismo, inclua o compromisso do cristão com a Igreja e com o próximo, numa autêntica vida comunitária.

154. Quanto ao modo de preparação, é preciso insistir que ela seja mais vivencial e educativa do que intelectual e instrutiva. Não se deveria falar em cursos, mas em reuniões ou encontros de preparação, nos quais haja reflexão, diálogo, oração e alguma celebração. Muito recomendáveis são as visitas às famílias dos batizados, com o fim de integrá-las melhor à comunidade eclesial por laços de verdadeira amizade e de fé.

155. Onde for necessário, faça-se uma preparação mais longa dos pais (cf. Ritual para o Batismo de Crianças. Observações Preliminares, n.25)¹⁶⁵. Ao lado da preparação, serão

ajudados a crescer na vida cristã, e a criar, assim, um ambiente familiar propício ao desenvolvimento da graça batismal de seus filhos.

3. Preparação e rito em etapas

156. A preparação em etapas, com ritos, é o procedimento normal no batismo de adultos.

157. No batismo de crianças, esta modalidade serve a mais de um objetivo: preparar melhor os pais para o cumprimento de sua importante missão; aproximar da comunidade eclesial todas as famílias, especialmente as mais afastadas, a fim de conhecer mais exatamente suas condições de vida.

158. Recomenda-se esta modalidade de preparação, integrando palestras, orações e ritos, inclusive para os casos normais de pais já preparados.

159. Tratando-se de famílias afastadas da convivência eclesial, o período de preparação deve estender-se por um espaço de tempo maior. Neste caso, sobretudo, é muito eficaz a associação de palestras com orações e ritos adaptados ao nível de consciência eclesial dos participantes.

160. Cabe ao ministro ou responsável pelo catecumenato batismal adaptar as etapas a cada família.

161. Damos alguns exemplos de ritos que poderiam ser associados a palestras durante a preparação ao batismo. A forma e o número de sua utilização ficam a cargo dos agentes pastorais. Não serão viáveis em toda parte. Principalmente, é preciso averiguar as reais possibilidades das famílias dos batizando e dos agentes de pastoral.

a) Inscrição do nome

162. Nesta etapa, os filhos são apresentados à comunidade, dentro da celebração da missa ou do culto, após a homilia e antes da oração dos fiéis. Cada família entrega a ficha completa de seu filho, para a futura inscrição no livro de batizados. Esta ficha deve concordar com os dados do registro civil. Estabelece-se um diálogo com os pais sobre o valor da iniciativa que estão tomando de pedir o batismo para seus filhos e as responsabilidades daí decorrentes. Recebe-se a promessa dos pais de prepararem-se devidamente para o batismo dos filhos. Eventualmente, dá-se uma bênção especial para os pais e os filhos, no fim da celebração.

b) Reuniões comunitárias ou visitas domiciliares

163. Na casa dos pais ou na igreja, faz-se uma leitura bíblica relacionada com o batismo, conversa-se sobre o sentido da Palavra de Deus em nossa vida, alertando os pais para a responsabilidade que têm de transmitir o Evangelho aos filhos, pela palavra, mas, sobretudo, pela vida.

164. Pede-se realizar o rito do "efeta", segundo o Ritual do Batismo de Adultos (n.83)¹⁶⁶ e o rito da imposição do sinal da cruz, segundo o Ritual do Batismo de Crianças (n.41). Como sinal do compromisso dos pais em preparar-se convenientemente para o batismo dos filhos, eles poderiam dirigir-se à estante da leitura e beijar a Bíblia.

c) Entregas

165. A preparação por etapas, com ritos, culminaria com a entrega do Símbolo e do Pai-Nosso, conforme o Rito da Iniciação Cristã dos Adultos (n.181-192)¹⁶⁷.

Os ritos realizados durante a preparação poderão ser repetidos ou omitidos na celebração do próprio batismo.

III. PARTE: SUGESTÕES PARA UMA CELEBRAÇÃO MAIS ADEQUADA DO BATISMO

1. Observações prévias

a) O batismo como entrada na Igreja e na comunidade

166. Na celebração do batismo, é importantíssimo realçar que este sacramento é a porta de entrada para a Igreja, Povo de Deus e Corpo de Cristo. Ora, a Igreja não subsiste em forma de indivíduos avulsos, mas se organiza em comunidades locais, maiores e menores, como as dioceses, paróquias, comunidades eclesiais de base e famílias.

Os batizando devem, pois, normalmente receber o batismo na sua própria comunidade, e não fora dela, por exemplo, em algum santuário ou maternidade ou noutra paróquia.

167. O Rito atual do batismo de crianças exprime apenas vagamente a entrada do batizando na Igreja. Como se poderia tornar mais explícito este aspecto fundamental do batismo?

Aqui vão algumas sugestões:

168. • Por princípio, batizar as crianças em suas próprias comunidades locais.

169. • Normalmente, devem estar presentes os pais (pai e mãe) das crianças, pois terão parte saliente na celebração e assumirão compromissos especiais.

170. • Onde for viável, celebre-se o batismo, ao menos de vez em quando, em uma missa dominical, em que se faz a aspersão da água, conforme o Missal prevê (cf. Rito para Batismo de Crianças, n.29).

171. • Os pais em cerimônia própria podem apresentar seus filhos à comunidade, durante uma missa dominical, depois da homilia e antes da oração dos fiéis. Nesta ocasião, pode-se fazer a inscrição prévia e a cerimônia do diálogo inicial sobre o nome.

172. • Os pais e padrinhos sejam acolhidos cordialmente à porta da igreja e tomem parte na procissão de entrada.

173. • Dê-se preferência à celebração do batismo simultâneo de várias crianças.

174. • Sempre que possível, nas saudações, nas exortações e orações, mencione-se claramente o nome da comunidade em que se realiza a celebração.

175. • À entrada da igreja poderiam ser colocados cartazes murais representando uma família, um povo em marcha, uma comunidade reunida. Retratos do Papa e do Bispo diocesano mostrariam a unidade da comunidade local com a Igreja particular e com a Igreja universal.

176. • Para mostrar que o batismo é o primeiro passo para a vida sacramental, pode-se levar uma das crianças até o altar, explicando o sentido deste gesto.

b) Promover a participação segundo a índole do nosso povo

177. Sendo que a maioria dos nossos fiéis pertence às camadas populares, é imprescindível, na celebração do batismo, como, de resto, em toda a pastoral, respeitar a sua maneira própria de ser e de expressar-se.

178. O homem do povo é, em primeiro lugar, o homem do "agir" e do "fazer". Prefere gestos e símbolos às muitas palavras. Convém, pois, na celebração litúrgica, dar-lhe muitas ocasiões de participar por meio de gestos e atitudes corporais.

Para tanto, sugerimos o seguinte:

179. • Valorizar as procissões durante o desenrolar da cerimônia: da porta de entrada no centro da igreja, na passagem dos Ritos Iniciais para a Liturgia da Palavra; do centro da igreja para os bancos em frente do presbitério, durante a primeira parte da Liturgia Sacramental: daí à fonte batismal, no momento do batismo, e, por último, ao altar, formando um círculo em redor dele.

180. • Dramatizar as leituras bíblicas, propiciando a participação de vários leitores.

181. • Fazer com que os pais e padrinhos acendam juntos a vela no Círio Pascal e a segurem juntos, em seguida.

182. • Dar tempo suficiente para que os pais e padrinhos marquem, com o sinal da cruz, a testa de seus filhos e afilhados; valorizar gestos como as unções, o acender a vela no Círio Pascal, o colocar a veste branca.

183. • O homem do povo exprime-se de modo concreto, contando fatos reais, sem longos raciocínios abstratos. Por isso, na homilia, nas preces e nos comentários dos ritos, mas, especialmente, durante toda a preparação, é muito importante mencionar fatos concretos, solicitar breves depoimentos e apresentar exemplos tirados da vida do povo.

184. É sabido que o povo alimenta um forte sentimento de solidariedade, que traduz em mil gestos de apoio mútuo. Esta qualidade pode ser enriquecida sob o impulso da caridade cristã e do espírito comunitário-eclesial. Acentue-se, pois, na celebração do batismo, a dimensão comunitária deste sacramento, conforme se explicou acima.

São meios aptos para isso:

185. • A escolha de padrinhos que se destaquem pela participação na vida comunitária e na solução de problemas comuns.

186. • A participação da família dos batizados na celebração do batismo das crianças.

187. • A celebração do batismo na comunidade eclesial de base, onde os laços de comunhão são mais fortes, ou, pelo menos, a presença de representantes das várias comunidades do batismo celebrado na sede da Paróquia.

188. • A acolhida dos batizados à porta da igreja pelo pároco e pela equipe responsável pelo batismo, tanto na fase preparatória como durante a celebração.

189. Toda complexidade e multiplicidade de ritos e palavras causa confusão na mente do povo. Evitem-se, portanto, os longos monólogos do celebrante, o acúmulo de ritos, a linguagem e o vocabulário alheios ao falar comum do nosso povo. Um animador ou comentarista pode ser de muito proveito na explicação e introdução dos ritos. Deve-se preferir o tom pessoal e informal, que comunica mais, ao linguajar literário e artificial.

c) Cantos apropriados

190. O uso de cantos apropriados facilita e aumenta a participação do povo na liturgia. Apropriados são os cantos litúrgicos que exprimem louvor, súplica, ação de graças. Mensagens evangélicas, conteúdos catequéticos, pequenos conteúdos doutrinários podem ser muito bem transmitidos através do canto.

191. Instrumentos musicais poderão animar o canto.

192. O Ritual do Batismo permite, por exemplo, cantar um canto alegre de entrada, um canto de meditação após a leitura, um canto de agradecimento a Deus pela água, um ato

de fé, uma aclamação após o batismo, um canto de agradecimento, e um hino à Virgem Maria, entre outros.

d) Clima de alegria

193. O batismo é morte e ressurreição com Cristo. Por conseguinte, o clima geral de toda a celebração deve ser de alegria, festa, ressurreição, esperança, e não de tristeza, apatia, pressa, formalidade.

194. No momento de derramar a água, ou logo após a celebração, um alegre toque do sino traduz, em algumas comunidades, o júbilo pelo renascimento de mais um filho. Um cântico apropriado também ajudará o clima de alegria. Em alguns lugares, soltam-se foguetes.

195. Concluída a cerimônia, dê-se o abraço da paz e, onde for costume, a comunidade presente felicita a família do batizado.

196. Algumas comunidades celebram a alegria do batismo, realizando uma festinha comunitária nos dias de batizados. Deve-se ao menos lembrar ao povo o significado das festividades que já se fazem, tradicionalmente, em seus lares, por ocasião de um batizado.

e) Ministros do batismo

197. “Os Bispos, os presbíteros e os diáconos são os ministros ordinários do batismo. Em cada celebração desse sacramento, lembrem-se de que operam na Igreja em nome de Cristo e pela força do Espírito Santo. Por conseguinte, sejam cuidadosos na administração da Palavra de Deus e na celebração do mistério.

Que evitem a todo custo qualquer censura razoável dos fiéis por acepção de pessoas” (cf. SC 32; GS 29)¹⁶⁸; A Iniciação Cristã – Observações Preliminares Gerais, n.11)¹⁶⁹.

198. É, porém, muitas vezes aconselhável, dada a nossa realidade pastoral, que nas paróquias, com muitas comunidades ou nos grandes centros divididos em setores ou áreas de evangelização, sejam formados ministros leigos do batismo, que disponham de tempo para preparar e realizar o batismo. Uma Igreja, verdadeiramente Povo de Deus, incentiva seus membros a que assumam tarefas diversificadas.

199. Os ministros sejam aceitos e indicados pela comunidade e por seu pároco e instituídos pelo bispo.

200. A fim de aprimorar a formação e a experiência desses ministros, convém promover encontros periódicos com os mesmos.

201. Evite-se o perigo de clericalizar os leigos e se instrua os fiéis sobre a plena validade do batismo celebrado pelos ministros leigos, nas condições previstas pelo direito.

202. Em vista desta situação, “todos os leigos, uma vez que são considerados membros de um povo sacerdotal (...), procurem aprender, conforme sua possibilidade, a maneira correta de batizar em caso de necessidade” (cf. Rito para Batismo de Crianças, n.17)¹⁷⁰.

f) A equipe de celebração

203. A comunidade paroquial designa algumas pessoas que formem uma equipe para cuidar dos vários aspectos da celebração: arrumação da igreja, acolhida, canto, leituras, comentários, ajuda ao celebrante, aos pais e aos padrinhos. Esta equipe pode coincidir ou não com o grupo de agentes de pastoral que preparou as pessoas para o batismo.

204. Tal distribuição de tarefas valoriza as pessoas, desperta o interesse e a participação e tem fundamento teológico na diversidade de ministérios com que a Igreja é enriquecida (cf. SC 14,26 e 28)¹⁷¹.

2. Os ritos do batismo

a) Ritos iniciais

205. RECEPÇÃO – Os pais e padrinhos podem aguardar, junto à entrada da igreja, a chegada do celebrante com a equipe do batismo.

206. CANTO DE ENTRADA – Pode-se também organizar uma procissão de entrada dos pais, dos padrinhos e das crianças, enquanto se entoa um alegre canto de batismo ou de convite à reunião da comunidade.

O celebrante e seus ministros recebem o grupo no interior da igreja. Se o número de batizados for grande, não permitindo a procissão, haja sempre um bom acolhimento. A procissão poderá ser feita com apenas a família de um batizando, representando as demais.

207. SAUDAÇÃO – O celebrante saúda os pais e os padrinhos com um aperto de mão, quando possível, e com palavras amigas. Depois, incentiva a todos os presentes com palavras como estas: “Sejam bem-vindos. A comunidade estava ansiosa por recebê-los. Vocês se prepararam seriamente...”.

208. DIÁLOGO – Segue o diálogo sobre o nome da criança, o pedido do batismo e advertência sobre o compromisso que pais e padrinhos vão assumir. De preferência, tudo se faça em forma de diálogo direto e simples, usando a terceira pessoa, com expressões como estas: “Que nome deram para a criança”, “qual o nome da criança?”, “como se chama a criança?”, e a seguir: “O que vieram pedir à Igreja de Deus para seu filho?”, “por que vieram à casa de Deus hoje?”. Em algumas regiões do Brasil, a forma usual de tratamento é a segunda pessoa.

209. SINAL DA CRUZ – Encerram-se os ritos iniciais, traçando o sinal da cruz sobre a frente de cada criança. O gesto de traçar a cruz sobre a frente deve ser feito pelo celebrante, pelos pais e pelos padrinhos. O mesmo se presta admiravelmente a uma pequena catequese sobre a redenção e pertença a Cristo.

210. Se os ritos iniciais foram realizados à entrada da igreja, faz-se, neste momento, uma procissão até o centro da igreja.

b) Liturgia da Palavra

211. IMPORTÂNCIA DA LITURGIA DA PALAVRA – Uma forma de realçar a importância da palavra seria trazer processionalmente a Bíblia até o centro da igreja, dando uma brevíssima explicação deste rito.

212. Onde for possível, convém que um dos pais faça uma das leituras. No fim, para melhor exprimir sua adesão e compromisso, os pais beijam a Bíblia ou realizam outro gesto adequado.

213. Se o batismo for celebrado numa missa dominical, convém que se leia o Evangelho do domingo, para acompanhar a liturgia dominical, escolhendo-se um texto batismal para a primeira ou segunda leitura.

214. As leituras sejam ordinariamente introduzidas com breves palavras, aptas a prender a atenção dos ouvintes e a facilitar a compreensão do texto.

215. A proclamação da Palavra de Deus seja feita da melhor maneira: clara, pausada, comunicativa. A repetição, às vezes, agrada e aproveita mais ao povo do que a multiplicidade ou extensão dos textos.

216. Nunca se omita a proclamação do texto bíblico, embora possa, a seguir, ser recontado ou parafraseado por um ou mais dos presentes.

217. Além das versões da Bíblia já admitidas para a liturgia, pode-se usar qualquer outra versão aprovada por autoridade eclesiástica e que seja mais adequada à cultura e linguagem dos ouvintes.

218. HOMILIA – Na homilia, seria interessante oferecer a todos (pais, padrinhos e equipe de batismo) a possibilidade de dar testemunhos sobre a preparação que se faz e de participar na reflexão sobre o texto sagrado.

219. Não se deixe de apontar também os deveres da comunidade inteira para com os recém-batizados.

220. Depois da homilia – que convém seja breve – o Ritual sugere uma oração em silêncio. Este silêncio talvez seja mais proveitoso durante ou após a ladainha.

221. ORAÇÃO DOS FIÉIS E LADAINHA – A ladainha, enriquecida pela invocação dos santos padroeiros das crianças e da comunidade local, lembra que formamos uma só Igreja com os santos. A ladainha poderá ser cantada.

222. CONCLUSÃO DA LITURGIA DA PALAVRA – Apesar de termos, na XI Assembléia Geral da CNBB em 1970, permitido a omissão da unção pré-batismal no caso de serem muito numerosos os batizando, esta permissão deve ser interpretada restritivamente, de modo que não se perca, pelo desuso, a riqueza de conteúdo deste gesto. A unção pré-batismal é muito apreciada pelo povo. É sinal da força de Cristo penetrando na criança. O comentador, como em outros momentos da celebração, poderá intervir, esclarecendo os presentes sobre o significado deste gesto, aliás, muito diferente da unção pós-batismal.

223. Terminada a Liturgia da Palavra, todos ou, pelo menos, o celebrante, os pais, os padrinhos e as crianças, dirigem-se ao local do batismo, normalmente situado no presbitério.

c) Liturgia sacramental

224. BÊNÇÃO DA ÁGUA – Por este rito, agradece-se a Deus pelo dom da água e invoca-se a força do Espírito Santo. Como participação de todos na invocação do Espírito Santo, poderia haver orações espontâneas ou um canto, como “A nós descei, divina luz”.

225. A ligação entre batismo e ressurreição se exprime pelo rito de mergulhar o Círio Pascal na água do Sábado Santo. Este rito poderia ser repetido aqui.

226. PROMESSAS BATISMAIS: RENÚNCIA E PROFISSÃO DE FÉ – A exortação que se faz aos pais e padrinhos, antes de receber deles a renovação das promessas batismais, deve deixar claro o empenho dos pais e padrinhos em viver o próprio batismo, de modo que sejam capazes de educar cristãmente seus filhos e afilhados.

A renovação das promessas batismais é ocasião de os pais e padrinhos e de toda a comunidade reassumirem conscientemente a graça de seu batismo e o compromisso de vivê-la.

227. RENÚNCIA – Em lugar da palavra “renunciar”, pode-se usar outra expressão, como “lutar contra”, “desistir de”, “não querer nada com”, “combater”.

228. Conserve-se a palavra “demônio”. É muito concreta e popular, ainda que seja necessário esclarecer a fé do nosso povo a respeito.

229. Na renúncia, é útil mencionar, como recomenda o próprio Ritual, alguns pecados que mais ocorram na comunidade. Os próprios pais e padrinhos, durante a preparação para o batismo, podem sugerir quais sejam estes pecados. As renúncias ou promessas que as manifestam poderão, pois, ser de várias formas, além das previstas no Ritual.

230. PROFISSÃO DE FÉ – Convém, conforme as circunstâncias, acrescentar aos textos da profissão de fé, para torná-los mais acessíveis ao nosso povo, o que segue:

– Vocês acreditam em Deus, Pai, que fez tudo o que existe, que nos ama e deseja a felicidade de todos os seus filhos?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam em Jesus Cristo, Deus Filho, que se fez homem como nós, nasceu da Virgem Maria, sofreu e morreu para nos salvar, foi sepultado, ressuscitou dos mortos e subiu ao céu?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam em Deus, Espírito Santo, que mora em cada um de nós e dirige invisivelmente a Igreja?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam na Igreja Católica, pela qual cada um de nós é responsável?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam que nós, aqui na terra, vivemos uns dependendo dos outros e em união com os que já estão junto com Deus?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam que Deus perdoa os pecados, quando nos arrependemos e nos confessamos?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam que os mortos vão ressuscitar com Jesus e que os bons vão entrar na vida eterna?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam que Jesus está presente na Eucaristia como nossa oferta a Deus e nosso alimento?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam que o Papa e os Bispos continuam a missão dos Apóstolos e de Pedro, mantendo a Igreja unida e fiel?

– Acreditamos.

– Vocês acreditam que a família deve ser uma comunidade de vida e de amor e é a primeira responsável pela vida cristã de seus membros?

– Acreditamos.

231. A realização de um gesto concreto, durante a renúncia e a profissão de fé, como colocar a mão sobre a Bíblia ou sobre a cruz, no caso de os batizados serem poucos, ou de manter a mão estendida em direção ao altar ou ao sacrário, no caso de serem muitos os batizados, reforçará o sentido deste rito. Pode-se pronunciar as promessas falando ou cantando.

232. BATISMO – O celebrante alerta para a importância do momento. O rito da água é o ponto culminante da liturgia batismal.

233. A pergunta “Vocês querem que seu filho seja batizado nesta mesma fé da Igreja que acabamos de professar?” – dirigida aos pais – lembra, mais uma vez, a responsabilidade que eles e os padrinhos estão assumindo.

234. Sendo possível, o acólito pode chamar as crianças uma a uma pelo nome ou pelo nome dos pais para que se aproximem da pia batismal.

235. No momento do batizado, é preferível que a própria mãe segure a criança, uma vez que são os pais que pedem o batismo para seus filhos e são os principais responsáveis por seu crescimento na fé. Os padrinhos devem tocar a criança. Caso não haja incompreensão do gesto, conforme os costumes locais, o pai também deve tocar a criança.

236. A pia batismal pode ser um recipiente ou ainda uma fonte da qual jorra água continuamente. Ambos devem apresentar-se limpos e belos. O espaço destinado ao batismo deve conter o maior número possível de pessoas presentes (cf. Iniciação Cristã – Observações Preliminares Gerais, n.25). Leve-se isto em consideração na construção de novas igrejas e na reforma de antigas.

237. Ensine-se ao povo a usar a água benta como recordação do batismo e dos compromissos batismais nele assumidos. Na missa dominical, use-se de vez em quando, o rito do “asperges” como lembrança do batismo, início da celebração.

238. UNÇÃO COM O CRISMA – Convém lembrar que esta unção é o sinal da verdadeira consagração a Deus que o batismo realiza, tornando os batizados participantes da missão profética, sacerdotal e real de Cristo, o Ungido.

239. Para que o rito seja mais expressivo, use-se realmente óleo, e não apenas algodão umedecido com pouquíssimo óleo. O algodão que se usa é para secar o dedo do celebrante, não para enxugar o lugar da unção.

240. VESTE BRANCA – A imposição da veste branca oferece algumas dificuldades práticas. Por isso, ou se procure realizar bem esse rito ou se omita.

241. É bom lembrar que esse rito será mais significativo se a criança for revestida com a veste branca neste preciso momento. Contudo, é mais prático que as crianças estejam vestidas de branco desde o início da celebração. Os pais e os padrinhos devem ser orientados sobre esse assunto na preparação para o batismo, para que não comprem enxoval de outra cor para as crianças.

242. Deve ser abolido o costume de impor à criança um simples lencinho branco ou uma toalha em lugar da veste verdadeira. As igrejas poderiam ter uma “veste”, aberta nas costas, que se usasse por cima da roupa da criança.

243. A VELA ACESA – O Círio Pascal é símbolo de Cristo, vivo e ressuscitado, luz do mundo. O batizado é iluminado pela verdadeira luz, que é Cristo. A vela acesa também representa a fé viva, o amor ardente, a vida cristã em geral.

244. Os pais e padrinhos acendem suas velas no Círio Pascal, exprimindo, assim, o seu compromisso de manter acesa a chama da fé em si mesmos e na criança.

245. Oportunamente, pode-se aproveitar algo da liturgia do Sábado Santo, como por exemplo, levantar o Círio Pascal e cantar: “a luz de Cristo”, enquanto todos respondem: “a Deus damos graças” ou então: “ilumine-nos, Senhor”.

246. Se o batismo for realizado à noite, podem-se apagar as luzes e deixar que o Círio Pascal ilumine todo o ambiente.

247. Recomende-se aos pais que guardem a vela batismal, para que a criança a use por ocasião da primeira comunhão.

248. EFETA – Este rito, apesar de ser significativo, no Ritual do Batismo para o Brasil não é obrigatório.

Ritos finais

249. PROCISSÃO ATÉ O ALTAR – A procissão com canto e velas acesas até o altar significa a comunhão de todos em Cristo, a quem o altar simboliza, e o direito que as crianças batizadas têm de participar do culto cristão, sobretudo da Eucaristia.

250. Os filhos têm direito à mesa da família. Pode significar também que pertencem à Comunidade eclesial. Não viverão o cristianismo isoladamente, mas em comunidade, uma vez que, em Cristo, são filhos do mesmo Pai e irmãos entre si.

251. A procissão até o altar significa também que os pais e padrinhos devem acompanhar a criança, pelo ensino e testemunho de vida, especialmente no período de formação, levando-a à maturidade cristã.

252. O PAI-NOSSO – A exortação exprime a idéia de que o batismo é a porta para os demais sacramentos e para a vida em comunidade eclesial. O pai-nosso é um resumo do Evangelho e é a oração que os cristãos rezam, desde a antigüidade, antes das refeições, inclusive antes da refeição eucarística. É a oração dos “filhos de Deus” que se dirigem ao “Pai”.

253. Pode-se rezá-lo com os braços abertos e levantados, numa atitude filial.

254. BÊNÇÃO E DESPEDIDA – Na bênção final, conviria mencionar também os padrinhos, usando para eles uma fórmula como esta:

Deus todo-poderoso, pelo batismo, tornou-se nosso Pai e nos presenteou com uma grande família. Que ele abençoe os padrinhos destas crianças, para que ajudando seus pais e representando o compromisso de toda a comunidade com seus novos membros, levem seus afilhados a serem dignos de Deus.

255. Para encerrar a celebração, cante-se um hino de louvor, por exemplo, “O Senhor fez em mim maravilhas”, durante o qual o celebrante poderá aspergir os participantes com água batismal, a fim de que se recordem de seu batismo e de seus compromissos batismais.

256. A despedida final, num clima de festa, seja feita com palavras cordiais e espontâneas. Uma salva de palmas ou canto de parabéns pode expressar a alegria de todos.

257. CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA – A “consagração” a Nossa Senhora, que o Ritual põe como facultativa, por vezes assume, na mentalidade popular, uma importância tal que parece ter valor igual ao batismo.

258. Alguns falam em padrinhos e madrinhas de consagração.

Para se chegar a certo equilíbrio, seguem algumas sugestões:

259. – Acentuar que a verdadeira consagração a Deus e a Cristo é o batismo.

260. – Usar uma fórmula apropriada, em que Maria apareça como o modelo de perfeição consagrada a Deus.

261. – Realizar a consagração depois de toda a cerimônia do batismo e não logo depois do Pai-Nosso.

262. – Respeitar os costumes da religiosidade popular, deixando, por exemplo, que os pais levem a criança batizada até o altar de Nossa Senhora, ou, antes da despedida, rezando todos juntos a Ave-Maria.

3. Depois da celebração

263. Sugere-se que sempre se dê à família uma certidão de batismo.

264. Como recordação do batismo, pode-se entregar à criança ou aos pais um texto com uma pequena dedicatória, contendo, por exemplo, os pontos mais importantes da doutrina sobre o batismo e suas conseqüências para a vida do cristão.

265. Para incentivar o espírito comunitário, sugere-se que a comunidade promova uma festa de confraternização depois do batismo.

266. A celebração do aniversário do batismo, à semelhança do aniversário natalício, teria um sentido muito cristão. A comunidade local, talvez a nível de comunidade de base, poderia, pelo menos, mandar um cartão de felicitações.

CONCLUSÃO

267. Apresentamos com este documento aos pastores das nossas comunidades e seus agentes de pastoral, de modo especial às equipes que ajudam os pais e padrinhos na preparação para o batismo de crianças, subsídios teológico-pastorais para a celebração do primeiro sacramento. O documento será de proveito na medida em que ele for estudado e aplicado.

Temos certeza de que ele poderá contribuir para uma melhor evangelização da sociedade brasileira, a partir da opção pelos pobres, como o exige o Objetivo Geral da Ação Pastoral no Brasil, em seqüência à III Conferência do Episcopado Latino-americano em Puebla.

Nota:1

cf. **Pastoral do Batismo, Introdução:** "Reunidos na XIII Assembléia Geral, pareceu-nos oportuno a nós, Bispos do Brasil, dirigir a todos os nossos colaboradores no sagrado ministério uma palavra orientada sobre a pastoral do batismo.

Importantes razões nos levam a isso, principalmente o desejo duma renovação da pastoral batismal e o intuito de esclarecer problemas práticos, decorrentes da situação atual da Igreja no Brasil.

Se nos limitamos a refletir sobre o sacramento do batismo, não o fazemos para isolar um setor da pastoral de todo o conjunto da ação da Igreja, mas para apontar questões específicas que são próprias deste sacramento.

Tratando-se de orientações práticas omitimos propositadamente longas dissertações teóricas, embora as diretrizes propostas se baseiem nas verdades da fé e numa sã teologia".

Nota:2

cf. **SC 37-40:** "37. A Igreja não pretende impor a uniformidade litúrgica. Mostra-se flexível diante de tudo que não esteja vinculado necessariamente à fé e ao bem de toda a comunidade. Interessa-lhe manter e incentivar as riquezas e os dons das diversas nações e povos. Tudo, pois, que não estiver ligado indissolavelmente a erros ou superstições deve ser levado em consideração, conservado e até promovido, podendo mesmo, em certos casos, ser assimilado pela liturgia, desde que esteja em harmonia com o modo de ser e o verdadeiro espírito litúrgico.

38. Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas.

39. Compete à autoridade eclesial territorial, de acordo com o art. 22 § 2, definir essas modificações, dentro dos limites das edições oficiais dos livros litúrgicos, especialmente no que respeita à administração dos sacramentos, aos sacramentais, às procissões, à língua litúrgica, à música e à arte sagradas, segundo as normas fundamentais desta constituição.

40. Como, porém, em certos lugares ou circunstâncias se requer uma modificação mais profunda da liturgia e, portanto, mais difícil, fica estabelecido que:

1) O assunto seja levado quanto antes à autoridade competente, de acordo com o art. 22 § 2, que decidirá com prontidão e prudência o que se pode e é oportuno admitir no culto divino, em continuidade com as tradições e a índole de cada povo. Peça-se então à sé apostólica autorização para introdução das adaptações julgadas úteis e necessárias.

2) Para que a adaptação seja feita com a devida prudência, a sé apostólica dará poderes à autoridade territorial competente para que, conforme o caso, permita e oriente sua introdução em determinados grupos julgados aptos, a título de experiência.

3) Como a aplicação das leis litúrgicas sobre as adaptações encontra especiais dificuldades nas missões, deve-se formar, o quanto antes, peritos nesse assunto".

SC, n.6,1: "Como foi enviado pelo Pai, também Cristo enviou os apóstolos no Espírito Santo, para pregar o Evangelho a toda criatura, anunciando que o Filho de Deus, por sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de satanás e da morte, fazendo-nos entrar no reino do Pai. Ao mesmo tempo que anunciavam, realizavam a obra da salvação pelo sacrifício e pelos sacramentos, através da liturgia. Pelo batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo, participando de sua morte, de sua sepultura e de sua ressurreição, recebem o espírito de adoção, como filhos, *no qual clamamos: Abbá, Pai* (Rm 8, 15) e se tornam os verdadeiros adoradores que o Pai procura. Todas as vezes que participamos da ceia do Senhor, anunciamos a sua morte,

até que venha. No próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, *os que receberam a palavra de Pedro, foram batizados e perseveravam na doutrina dos apóstolos, na partilha do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo estimados por todo o povo* (At 2, 41-47). Desde então, a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, lendo o *que dele se fala em todas as escrituras* (Lc 24, 27), celebrando a eucaristia, *em que se representa seu triunfo e sua vitória sobre a morte*, dando igualmente graças a *Deus pelo dom inefável* (2Cor 9, 15) em Cristo Jesus, para louvor de sua glória (Ef 1, 12), na força do Espírito Santo”.

Nota:3

SC 38: “Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas”.

Nota:4

A Iniciação Cristã – Observações Preliminares Gerais, n.30-33: “30. Compete às Conferências Episcopais, por força da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, (art. 63b), preparar nos rituais particulares um título que corresponda a este título do Ritual Romano adaptado às necessidades de cada região, para que, após reconhecimento pelas Atas da Sé Apostólica, seja aplicado às regiões em questão.

Compete às Conferências Episcopais:

- 1) Definir as adaptações a que se refere o art. 39 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia.
 - 2) Considerar com cuidado e prudência o que se pode admitir oportunamente das tradições e da índole de cada povo, e propor à Sé Apostólica outras adaptações que julgar úteis e necessárias introduzir com a necessária aprovação.
 - 3) Conservar os elementos próprios dos Rituais particulares já existentes, desde que estejam de acordo com a Constituição sobre a Sagrada Liturgia e as necessidades do tempo atual; ou adaptá-los.
 - 4) Preparar as traduções dos textos, de modo a adaptá-las à índole das várias línguas e culturas, acrescentando também, sempre que julgar oportuno, as melodias adequadas ao canto.
 - 5) Adaptar e completar as observações preliminares que se encontram no Ritual Romano, de modo que os ministros compreendam o pleno significado dos ritos e os ponham em execução.
 - 6) Dispor de modo mais apropriado ao uso pastoral a matéria nas várias edições de livros litúrgicos que as Conferências Episcopais providenciarem.
31. Especialmente em territórios de missão, segundo as normas dos mesmos n.37-40 e 65 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, compete às Conferências Episcopais julgar se aqueles elementos da iniciação, que cada povo conserva em uso, poderão ser adaptados ao rito do batismo cristão e determinar se poderão ser nele incluídos.
32. Quando o Ritual Romano do Batismo apresenta várias fórmulas à livre escolha, os Rituais particulares podem também acrescentar outras fórmulas do mesmo gênero.
33. Como a celebração do Batismo recebe grande incentivo pelo canto, seja despertando a união das pessoas presentes, seja alimentando a oração comum das mesmas, e finalmente manifestando a alegria pascal que deve transparecer em todo rito, as Conferências Episcopais procurem interessar os peritos em música a adornarem com melodias os textos litúrgicos que os fiéis cantam durante o Batismo”.

Nota:5

Rito da Iniciação Cristã dos Adultos, n.64 e 65: “64. Além das adaptações previstas nos n.30-33 da Introdução geral, o Rito de iniciação dos adultos admite outras, a serem determinadas pelas Conferências Episcopais.

65. Conforme o parecer dessas Conferências, podem ser determinados os seguintes pontos:

- 1) Onde parecer oportuno, estabelecer antes do catecumenato o modo de receber os simpatizantes (cf. n.12).
- 2) Se em certos lugares se alastram cultos pagãos, incluir no Rito de instituição dos catecúmenos, n.79 e 80, o primeiro exorcismo e a primeira renúncia.
- 3) Determinar que o gesto de assinalar seja feito diante da frente, se em algum lugar não parecer conveniente tocá-la (n.83).
- 4) Onde for costume nas religiões não cristãs dar imediatamente outro nome aos iniciados, determinar que os candidatos recebam um novo nome no Rito de instituição dos catecúmenos (n.88).
- 5) De acordo com os costumes locais, incluir no mesmo Rito, n.89, ritos auxiliares para significar o ingresso na comunidade.
- 6) No tempo do catecumenato, além dos ritos habituais (n.106-124), introduzir ritos de transição, como a antecipação das entregas (n.125-126), o rito do Éfeta, a recitação do Símbolo ou mesmo a unção com o óleo dos catecúmenos (n.127-129).
- 7) Prescrever que a unção dos catecúmenos seja omitida (n.218), transferida para os ritos de preparação imediata (n.206-207) ou usada durante o tempo do catecumenato à maneira de rito de transição(n.127-132).
- 8) Tornar as fórmulas de renúncia mais ricas e incisivas (cf. n.217 e 80)”.

Nota:6

Pastoral do Batismo, 1.1-3: “1. A população do Brasil é uma população, na sua quase totalidade, de batizados. Quais as razões que levaram o povo brasileiro a ser um povo de batizados?

1.2. Entre outras razões possíveis, agrupamos algumas que nos parecem mais comuns:

1.2.1. Razões com conotações de natureza teológica mais acentuada, como, por exemplo:

- necessidade do batismo para a salvação,
- necessidade do batismo para apagar o pecado original,
- meio para se tornar filho de Deus,
- meio para se tornar cristão,
- meio para ser membro da Igreja;

1.2.2. Razões supersticiosas, como, por exemplo:

- crendices a respeito de doença e saúde,
- exigências impostas por outras religiões ou culturas populares;

1.2.3. Razões de cunho social:

- tradição familiar e social,

- busca de vantagens futuras, como por ocasião do casamento religioso;

1.2.4. Razão de ordem econômica:

- apresentada por alguns fiéis, para que o afilhado tenha amparo material por parte do padrinho.

1.3. Evidentemente, entre as razões apontadas acima, há razões válidas para o batismo e há razões falsas.

Deixando de lado as razões falsas, é importante notar, quanto as razões válidas, que o sacramento do batismo é tão rico, que nenhuma razão tomada com exclusividade lhe esgotará os muitos aspectos. É normal, portanto, que na história da Igreja os acentos recaíssem com mais ênfase ora sobre um ora sobre outro aspecto.

Há dimensões, porém, tão essenciais ao sacramento do batismo, que sempre devem estar presentes, sob pena de desvio num trabalho pastoral que as esquecesse”.

Nota:7

Pastoral do Batismo, n.4,1-4.4: “Verifica-se entre os pastores, bispos e presbíteros, diversidade de linhas de ação no que se refere à administração do sacramento do batismo.

4.1. Há os que continuam a batizar, sem fazer as exigências que se requerem, particularmente em nossos tempos, para que o sacramento do batismo não seja desvinculado do processo de iniciação à vida cristã.

As razões de natureza teológica, que são apresentadas para justificar esta atitude (perdão do pecado original, necessidade para a salvação, infusão da graça de Deus), não podem ser aceitas, se isoladas das outras dimensões acima referidas. Se o sacramento do batismo deve ser administrado prontamente às crianças em perigo de morte, é em vista da ação interior da graça no íntimo do seu ser e da impossibilidade evidente de desenvolver a dimensão comunitária e de relacionamento pessoal com Deus. Tanto isto é verdade, que a um adulto capaz, em perigo de morte, não se pode conceder o batismo sem levá-lo a assumir também essa dimensão dialogal e comunitária do sacramento.

4.2. Há os que negam o batismo à criança, por diferentes razões.

4.2.1. Alguns indebitamente ignoram ou negam a ação transformadora de Deus no íntimo da pessoa através do batismo. Estes se colocam à margem da fé recebida e tradicionalmente proclamada pela Igreja.

4.2.2. Outros não encontram, no ambiente em que a criança a ser batizada vai desabrochar para a vida, condições favoráveis para o despertar da fé.

É louvável, sem dúvida, a preocupação dos pastores com esta situação. O melhor caminho será criar um contexto pastoral para o batismo que ajude os pais da criança para a opção consciente. Quando o sacerdote precipita a decisão, concedendo ou negando o sacramento, sem outras exigências, ele substitui indevidamente a opção que deve ser feita pelos responsáveis mais diretos da criança. Portanto, não se deveria negar o sacramento direto mas só concedê-lo depois de aceitas e cumpridas pelos pais ou responsáveis as exigências apresentadas de acordo com a pastoral diocesana.

4.3. Há os que exigem uma séria preparação.

Neste caso, quando o candidato ao batismo é adulto, a preparação refere-se a ele próprio e tem exigências mais radicais de fé, com o respectivo comprometimento pessoal e comunitário.

Quando se trata de crianças, a preparação refere-se especialmente aos pais e padrinhos. Esta preparação deve consistir, não somente numa transmissão de doutrina mas será, antes, oportunidade privilegiada de colocar os pais da criança em contato com cristãos que se esforçam para viver o Evangelho e assim testemunhar a fé. O objetivo principal da preparação não é tanto aumentar nos pais da criança o conhecimento teórico do cristianismo, mas acender ou reanimar ou intensificar a chama da fé.

Para isso, é importante que os encontros sirvam para criar laços dos participantes com grupos de cristãos que se reúnem em torno da Palavra de Deus para alimentar a fé e celebrar na Igreja os sacramentos pascais.

A fim de que esta preparação não tome um caráter de mera formalidade (como: freqüentar tantas palestras, conseguir um diploma, etc.), convém distinguir entre os pais já iniciados na fé e integrados na vida da comunidade, e os outros que, por razões diferentes mas com boa vontade, vêm procurar o batismo para seus filhos. Para os primeiros, a preparação poderá estar bastante inspirada na própria celebração do sacramento e seus ritos. Para os demais, o fundamental é ajudá-los a descobrir a Igreja em suas comunidades, sua missão e recursos para alimentar a vida de seus membros.

Em vista do objetivo de criar laços entre os pais da criança e os cristãos iniciados na fé, seria desejável que, além das reuniões preparatórias em locais pertencentes à Igreja, se promovessem visitas às famílias dos batizando.

4.4. Alguns discutem a validade da preparação dos pais para o batismo, ou porque a julgam insuficiente e formalista, ou porque falta uma disciplina comum de exigências para o batismo.

Na verdade, é preciso que se considere a preparação para o batismo inserido num conjunto pastoral mais amplo, onde está em questão não apenas o sacramento do batismo ou algum outro detalhe pastoral, mas a própria realização concreta da Igreja com sua missão. Nesta perspectiva, todo o esforço que se faz na pastoral do batismo deve ser considerado como mais um passo dado e não como a totalidade da solução. Assim se pode compreender que os objetivos da pastoral do batismo numa comunidade não coincidem exclusivamente com os objetivos do próprio sacramento, mas se abrem para os objetivos de toda a vida pastoral da Igreja local. (Leiam-se, quanto a isso, as atas do Encontro Nacional sobre Estruturas Eclesiais e Diversificação de Ministérios em: Comunicado Mensal, 219, dezembro de 1970, p.13ss).

Não resta dúvida de que o progresso da pastoral assim entendida, depende de orientações dadas e assumidas nos diversos níveis de realização da Igreja: local, diocesana, regional, nacional.

É evidente que a execução dum sério programa de pastoral do batismo supõe a participação tanto dos sacerdotes como principalmente de agentes pastorais leigos, e, entre estes, sobretudo de casais. Seria impossível o desenvolvimento da pastoral do batismo, sem a crescente participação de agentes leigos, participação esta que na Igreja de hoje se vai constituindo num verdadeiro ministério”.

Nota:8

Pastoral do Batismo, 3: “O mal não é haver muita gente batizada. Isto seria um bem. O mal é que muitos são batizados sem a consciência, própria ou por parte dos pais, da triplíce dimensão do batismo que acabamos de analisar”.

Nota:9

AG 7: “O fundamento da atividade missionária é a vontade de Deus de “salvar todos os seres humanos e levá-los ao conhecimento da verdade. Deus é um só. Um só, também, o mediador entre Deus e os seres humanos, o

homem Cristo Jesus, que se entregou para a redenção da multidão (1Tm 2, 4-6). "De ninguém mais se pode esperar a salvação" (At 4, 12). Por intermédio da pregação da Igreja, todos devem se converter a ele e fazer um só corpo com ele e com a Igreja, pela recepção do batismo. O próprio Cristo insistiu expressamente na necessidade da fé e do batismo, mostrando ao mesmo tempo a necessidade da Igreja, porta pela qual são convidados a passar todos os seres humanos. Não se podem salvar todos aqueles que, sabendo que a Igreja católica foi fundada por Jesus Cristo, da parte de Deus, como necessária à salvação, recusam-se a entrar ou a permanecer nela.

Embora Deus possa fazer chegar à fé, sem a qual ninguém que lhe é agradável, por caminhos só dele conhecidos, pessoas que, sem culpa de sua parte, ignorem o Evangelho, isto não torna dispensável, de maneira alguma, hoje como sempre, nem a Igreja nem a atividade missionária. Por isso deve ser mantido, com todo vigor, na sua integridade, hoje como sempre, o direito divino de evangelizar e, por conseguinte, o exercício da atividade missionária.

A atividade missionária faz crescer o corpo místico, polarizando e dispondo na devida ordem de prioridade todas as suas forças: leva os membros da Igreja a se moverem pelo amor com que amam a Deus e que os faz desejar comungar, com todos os seres humanos, nos bens espirituais da vida presente e futura.

Na atividade missionária Deus é sumamente glorificado, pois todos os homens e mulheres são convidados a acolher, consciente e plenamente, a obra salutar por ele realizada em Cristo. Por seu intermédio, cumpre-se o desígnio de Deus a serviço do qual Cristo se colocou inteiramente, por obediência e por amor, para a glória do Pai que o enviou, a fim de formar com todo o gênero humano um só povo de Deus, a ele unindo-se num só corpo, na edificação de um só templo do Espírito Santo.

A perspectiva de uma fraternidade universal envolvendo a todos corresponde à mais íntima aspiração da humanidade. O Criador quis fazer o ser humano à sua imagem e semelhança. Alcança de fato tal objetivo quando todos os que participam da natureza humana são regenerados por Cristo, no Espírito Santo, e se tornam capazes de dizer juntos, para a glória de Deus, "Pai Nosso".

cf. **AG 6**: "Embora varie, de acordo com as circunstâncias e com o modo como é exercida, a ação missionária é a mesma e uma só, realizada em todas as partes do mundo e em todas as situações pelos bispos, sob a presidência do sucessor de Pedro, conjuntamente com a oração e a colaboração de toda a Igreja. Portanto, as diferenças que se observam na Igreja quanto ao exercício da atividade missionária, não provêm da natureza da missão, mas se devem às diferentes situações em que é exercida.

A diversidade de situações pode vir da própria Igreja, dos vários povos em sua grande multiplicidade, dos grupos humanos e das pessoas a que se dirige a missão.

Apesar de dispor da totalidade e da plenitude dos meios de salvação, a Igreja nem sempre nem simultaneamente recorre a todos. Sua ação é gradual e progressiva, num esforço de ir aos poucos realizando o desígnio divino. Acontece mesmo que às vezes, depois de brilhantes começos, experimenta dolorosos retrocessos ou passa por longos estágios de incompletude e de insuficiência.

Pessoas, grupos humanos e populações, por sua vez, não são senão progressiva e lentamente influenciados e compenetrados pela plenitude católica. Os instrumentos de ação devem levá-lo em conta e se adaptarem a essas diversas situações e condições.

Denominam-se habitualmente *missões* a atividade própria desenvolvida por aqueles que percorrem o mundo pregando o Evangelho e implantando a Igreja entre os povos ou grupos humanos que ainda não vivem segundo a fé em Cristo. A atividade missionária no sentido estrito é esse trabalho feito em determinados territórios designados pela santa sé. O objetivo primordial dessa atividade é a evangelização e a implantação da Igreja nos povos e grupos humanos em que ela ainda não tem raízes.

As Igrejas autóctones particulares, plantadas a partir da semente da palavra de Deus, crescem por sua própria força e alcançam a maturidade quando, dotadas de hierarquia própria, unidas ao povo fiel, e dos meios de salvação necessários ao desempenho de uma vida cristã plena, contribuem a seu modo para o bem da Igreja universal.

O principal instrumento desta implantação é a pregação do Evangelho de Jesus Cristo, para cujo anúncio o Senhor enviou os seus discípulos a todo o mundo com o objetivo de fazer com os seres humanos renascidos pela palavra de Deus, se incorporassem pelo batismo à Igreja que, como corpo do Verbo encarnado, alimenta-se e vive da palavra de Deus e do pão eucarístico.

Na atividade missionária da Igreja ocorrem às vezes situações mistas: o começo e a implantação se fazem sem maior novidade, nem nenhuma expressão de juventude. Uma vez, porém, implantada a Igreja, sua ação missionária não pode cessar. É dever das igrejas particulares prosseguir-la, pregando o Evangelho àqueles que ainda não o conhecem.

Por outro lado, os grupos humanos em que vive a Igreja estão habitualmente sujeitos a profundas modificações, que dão origem a situações inteiramente diversas. A Igreja deve estar atenta para ver se estas mudanças não requerem de sua parte novas ações missionárias.

As circunstâncias são às vezes de tal natureza que durante algum tempo tornam impossível anunciar o Evangelho diretamente. Os missionários podem então e até devem perseverar no testemunho de Cristo com paciência e prudência, grande confiança, caridade e amor. Preparam assim o caminho do Senhor e de certa maneira o mantêm presente nas circunstâncias adversas que a Igreja atravessa.

Vê-se claramente que a atividade missionária decorre da própria natureza da Igreja, cuja fé salvadora se propaga, torna aos poucos efetiva a unidade católica, sustenta a apostolicidade, desperta a hierarquia para o amor da colegialidade, dá testemunho, difunde e promove a santidade.

A atividade missionária entre os povos é distinta tanto da ação pastoral, que se exerce junto aos fiéis, como da ação que se empenha na restauração da unidade entre os cristãos. Ambas, porém, conservam estreitos laços com a atividade missionária, pois a divisão entre os cristãos prejudica a pregação do Evangelho a toda a criatura e fecha, para muitos, as vias de acesso à fé.

Todos os batizados estão convidados a se reunir num único rebanho, para dar unanimemente testemunho de Cristo Senhor. Não se pode ainda dar testemunho de uma só fé, que ao menos, porém, dê-se testemunho da estima e do amor recíproco que nos deve animar a todos".

PO 5: "Deus, que somente é santo e santificador, quis colocar humildes associados e auxiliares a serviço da obra de santificação. Nesse sentido, os sacerdotes são consagrados a Deus, por ministério do bispo, como

participantes, a título especial, do sacerdócio de Cristo, para que atuem, nas celebrações sagradas, como ministros daquele que exerce incessantemente, por nós, na liturgia, seu papel sacerdotal, no Espírito.

Os sacerdotes introduzem os seres humanos, pelo batismo, no povo de Deus. Reconciliam os pecadores pelo sacramento da penitência. Aliviam os doentes com a unção. Oferecem na missa, sacramentalmente, o sacrifício de Cristo. Desde os tempos primitivos, como mostra santo Inácio, mártir, os padres estão associados ao bispo em todos os sacramentos e o representam de diversas maneiras em cada uma das assembleias de fiéis.

Os sacramentos, todos os ministérios eclesiais e todas as obras apostólicas estão ordenados à eucaristia formando um só todo. Na eucaristia reside todo o bem espiritual da Igreja, que é Cristo, nossa páscoa. Pão vivo, em sua carne, vivificada e vivificante, no Espírito Santo, é fonte de vida para os homens, convidados a se unirem a ele, com todos os seus sofrimentos e toda a criação, num único oferecimento.

Por isso a eucaristia é fonte e cume de toda a evangelização. Os catecúmenos são progressivamente admitidos à eucaristia, enquanto os fiéis batizados e confirmados, pela recepção da eucaristia, se inserem cada vez mais profundamente no corpo de Cristo.

A assembleia eucarística, presidida pelo padre, é o centro de todas as reuniões de fiéis. Os sacerdotes ensinam o povo a oferecer a Deus Pai a vítima divina no sacrifício da missa, em união com sua própria vida.

No espírito de Cristo pastor, os sacerdotes procurarão levar os fiéis contritos a submeterem seus pecados ao sacramento da penitência, para melhor se converterem ao Senhor, recordando-se de sua palavra: *Façam penitência, aproxima-se o reino dos céus* (Mt 4, 17).

Habituem-nos igualmente a participar da liturgia sagrada, para se iniciarem na oração e se exercitarem a praticar, em toda a vida, de maneira cada vez mais perfeita, o espírito de oração, segundo as graças e necessidades de cada um. Orientem todos a viver segundo as exigências do seu estado, estimulando os mais perfeitos à prática dos conselhos evangélicos. Ensinem os fiéis a cantarem ao Senhor, em seu coração, hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças a Deus Pai por tudo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Os louvores e ações de graça da celebração eucarística se prolonguem pelas diversas horas do dia através da recitação do ofício divino, que os padres devem rezar em nome da Igreja, do seu povo, e de todos os seres humanos.

Para consolo e satisfação dos fiéis a casa de oração, em que se celebra e se guarda a santíssima eucaristia, deve ser objeto de respeito e veneração, pois é o lugar da reunião dos fiéis e da presença do Filho de Deus, nosso salvador, que se oferece no altar por nós. Ela deve estar sempre limpa e ser reservada à oração e às celebrações solenes, pois, nesse lugar, pastores e fiéis são convidados a corresponder ao dom daquele que, por sua humanidade, infunde incessantemente a vida em seu corpo.

Cultivem os sacerdotes a ciência e arte litúrgicas, para que seu ministério junto às comunidades que Ihe são confiadas seja cada dia mais perfeito no louvor a Deus Pai, Filho e Espírito Santo".

Nota:10

cf. **At 14,26**: "Daí embarcaram para Antioquia da Síria, seu ponto de partida, onde tinham sido entregues à graça de Deus para o trabalho que acabavam de realizar".

Nota:11

Jo 3,5: "Jesus respondeu: Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito".

Nota:12

Gl 5,6: "porque, em Jesus Cristo, o que conta não é a circuncisão ou a não circuncisão, mas a fé que age por meio do amor".

Nota:13

cf. **Mt 25,32-40**: "Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar. Então os justos Ihe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar? Então o Rei lhes responderá: Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram".

Nota:14

Sl 99,4: "Reinas com poder e amas a justiça. Tu estabeleceste a retidão. Administras a justiça e o direito, tu ages em Jacó".

Nota:15

Sl 121,1: "Cântico para as subidas. Ergo os olhos para os montes: de onde virá o meu socorro?".

Nota:16

Rm 8,29: "Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos".

Nota:17

cf. **Mt 24,45**: "Qual é o empregado fiel e prudente? É aquele que o Senhor colocou como responsável pelos outros empregados, para dar comida a eles na hora certa".

Nota:18

Mc 10,14-15: "Vendo isso, Jesus ficou zangado e disse: Deixem as crianças vir a mim. Não lhes proibam, porque o Reino de Deus pertence a elas. Eu garanto a vocês: quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele".

Nota:19

cf. **Gn 2,18**: "Javé Deus disse: Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que Ihe seja semelhante".

Nota:20

Ex 19,24: "Javé insistiu: Vá, desça, e depois suba com Aarão. Os sacerdotes e o povo, porém, não devem ultrapassar os limites, para subir onde está Javé, o qual se voltaria contra eles".

Nota:21

Ex 19,6: "Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. É o que você deverá dizer aos filhos de Israel".

Nota:22

Jo 11,52: "E não só pela nação, mas também para reunir juntos os filhos de Deus que estavam dispersos".

Nota:23

Jo 10,16: "Tenho também outras ovelhas que não são deste curral. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor".

Nota:24

LG 9: "Todo aquele que pratica a justiça é acolhido por Deus (cf. At 10, 35), em qualquer situação, tempo ou lugar. Deus quis entretanto santificar e salvar os homens não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que os unem, mas constituiu um povo para reconhecê-lo na verdade e servi-lo na santidade.

Escolheu então o povo judeu, fez com ele uma aliança e o foi instruindo gradativamente. Manifestou-se-lhe revelando sua vontade através da história e o santificando para si.

Tudo isso, porém, era preparação e prenúncio da nova aliança, perfeita, a ser realizada em Cristo, Revelação plena, que seria selada pelo próprio Verbo de Deus encarnado. Virão os dias, diz o Senhor, que farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança... Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração. Serei o Deus deles e eles serão o meu povo... Porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão (Jr 31, 31-34).

Foi Cristo quem instituiu essa nova aliança, testamento novo, firmado com seu sangue (cf. 1Cor 11, 25), reunindo judeus e pagãos na unidade de um só povo, não segundo a raça, mas segundo o Espírito: o povo de Deus. Os fiéis renasceram em Cristo pela palavra de Deus vivo (cf. 1Pd 1, 23), que não está sujeita à corrupção como o está a geração humana. Renasceram não da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cf. Jo 3, 5-6). Constituem, assim, uma raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (...) que antes não era povo, mas se tornou povo de Deus (1Pd 2, 9-10)".

Nota:25

Mt 28,19: "Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Nota:26

cf. **SC 26, 27, 41, 42:** "26. As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, *sacramento da unidade*, povo santo reunido ordenadamente em torno do bispo.

São, pois, ações de todo o corpo da Igreja, que lhe dizem respeito e o manifestam, interessando a cada um dos membros de maneira diversa, segundo a variedade das ordens, das funções e da participação efetiva.

27. Sempre que o rito, por natureza, comportar uma celebração comum, com a presença e efetiva participação dos fiéis, deve-se estimulá-la, na medida do possível, dando-lhe preferência à celebração privada.

Isso vale para a administração dos sacramentos e sobretudo para a celebração da missa, sem que se conteste a natureza pública e social, mesmo da missa privada.

41. O bispo seja tido como grande sacerdote, em seu rebanho, de que deriva e, de certa maneira, depende, a vida dos seus fiéis, em Cristo.

Todos devem dar a máxima importância à vida litúrgica da diocese, em torno do bispo, nas catedrais. Estejam persuadidos de que a principal manifestação da Igreja é a participação plena e ativa de todo o povo de Deus nessas celebrações litúrgicas, especialmente na mesma eucaristia, na mesma oração e em torno do mesmo altar, sob a presidência do bispo, cercado de seu presbitério e de seus ministros.

42. Mas o bispo não pode estar sempre presente à sua igreja, nem presidir o rebanho em toda parte. É preciso, por isso que se constituam comunidades de fiéis. Entre essas, têm especial relevo as paróquias locais, organizadas em torno de um pastor que faz as vezes de bispo. São elas que, de certa forma, representam a Igreja visível existente no mundo.

A vida litúrgica paroquial deve manter no espírito e na prática, estreita relação com o bispo, tanto por parte dos fiéis como pelo clero. A celebração da missa dominical é a principal expressão e o sustento do espírito paroquial comunitário".

Pastoral da Eucaristia, cap. 1º: "Povo de Deus, vivendo no Espírito Santo – 'De toda e qualquer nação, são agradáveis a Deus aqueles que o respeitam e praticam o que é justo' (At 10,35). No entanto, um povo foi constituído e historicamente educado para que servisse ao Senhor em santidade.

Para isso o próprio Deus se manifestou e foi reconhecido através dos acontecimentos da história, até chegar o tempo da plenitude, em que o pacto de amizade estreita entre Deus e os homens se efetivou no Filho que veio, como homem, para reconquistar os filhos dos homens e reconduzi-los para o Pai (cf. LG 9).

Jesus de Nazaré, "entregue por nossos pecados e tornado Senhor para nossa salvação" (Rm 4,25), é constituído Cabeça do povo messiânico. Este povo, habitado e movido pelo Espírito Santo, tem a missão de difundir o anúncio do Reino de Deus e, vivendo no mesmo Espírito, é chamado a concretizar já aqui na terra a comunhão de vida, na caridade, na verdade e na justiça, tornando-se assim sinal e instrumento da salvação universal do mundo (cf. LG 9).

O Senhor Jesus bem conhece a condição peregrina da Igreja que avança em direção à cidade futura e permanente (cf. Hb 13,14); por isso envia o seu Espírito Educador das consciências e a cumula de meios aptos para que realize esta união visível e social, convocando e constituindo todos os seus seguidores como Povo, Igreja, Sacramento da unidade salvífica (cf. S. Cipriano, Epíst. 69,6- PL 3,1.142).

Entre os maravilhosos meios de crescimento na unidade com que Cristo dotou sua Igreja, destacamos a Eucaristia sacramento de sua ação salvífica, presença do Cristo glorificado que continua convocando seu povo pela Palavra e alimentando-o na caminhada com seu Corpo e seu Sangue, oferecidos pela redenção de todos que se unem à sua paixão e morte (Rm 8,1).

É neste sentido que deve ser entendido o sinal do pão e do vinho: "Eu recebi do Senhor, o que também vos transmiti: Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e tendo agradecido a Deus, partiu-o e

disse: "Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isso em minha memória. Toda vez que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha" (ICor 11,23-26).

É preciso pois que, ao celebrar a Eucaristia, a comunidade reconheça nos SINAIS o anúncio da morte e proclame a Ressurreição, para que esta seja feita em memória do Senhor.

1.2. Assembléia, reunião dos convocados.

1.2.1. Nos escritos da Antiga Aliança o termo EKKLESIA, corrente na literatura grega, designa a Assembléia do povo, convocada regularmente pela autoridade competente, a fim de tomar decisões ou ratificar as propostas feitas pela autoridade.

O judeu sabia que sua Assembléia, *convocada pela palavra* de Javé, devia tornar-se fonte de união, e que a salvação um dia se manifestaria sob a forma de um vasto assembleamento do povo.

1.2.2. Só uma evangelização que anuncie a Palavra e faça com que os cristãos descubram nela a razão de se reunirem, poderá fundamentar a Assembléia eclesial e distingui-la das demais reuniões com os mais variados objetivos

1.2.3. O Vaticano II reafirma que "aprouve a Deus santificar e salvar os homens não isoladamente, com exclusão de toda relação mútua, mas em povo que o reconhece na verdade para servi-lo santamente" (GS 32, cf. LG 9) .

Os profetas (Jer 10,21; Ez 34, 5-6) reprovam os que reúnem o povo e que, ao invés de lograrem mais união, fomentem a dispersão e separação ou o iludem com ritos vazios.

1.2.4. Deus revelou suficientemente seu desígnio de salvar *todos os homens* para que a Assembléia não se reduza a uma reunião de perfeitos (Ez 34, 13; 20, 34-38.41). No entanto um ponto permanece essencial: *sem iniciação à fé, a Assembléia - mesmo sendo reunião cultural - fica reduzida ao nível das Assembléias humanas; mais divide e ilude do que constrói.* Somente à luz destes princípios a Assembléia local se reunirá no Espírito e poderá se tornar, ao nível do sinal, anúncio e preparação da Assembléia universal. Nem fechamento em elites perfeitas, nem multidão inconsciente em sua fé realiza uma Assembléia congregada em nome do Senhor.

1.3 Diversificação de Assembléias

1.3.1. O fato pastoral - Na atual situação da Igreja, verificam-se vários tipos de Assembléias, dos mais diferentes níveis de consciência cristã conforme as circunstâncias que os levam a se reunirem. A Eucaristia, como sacramento da unidade, não terá pois significação se não houver um *real esforço e atenção para a constituição da Assembléia.*

Não podemos considerar que a carência de iniciação justifique uma atitude drástica como seria a de fechar as portas às pessoas não iniciadas. Faltar-nos-iam, aliás, critérios suficientes para tanto. Mas sabemos também que o sacramento da *Eucaristia tem exigências quanto à constituição da Assembléia; exigências essas que urge uma pedagogia inspirada no amor e na misericórdia, capaz de conduzir à conversão e maior possibilidade de penetração nos sinais que, à luz da fé, são entendidos pela Igreja como atualização do mistério do Cristo morto-ressuscitado.*

Para que uma Assembléia tenha condições de realizar os sinais do mistério, entender na fé a significação dos mesmos e compromissar-se com suas exigências, é necessário que se *distingam os diferentes tipos de assembléia*, com suas características peculiares.

1.3.2. Caracterização das Assembléias

1.3.2.1 *As assembléias de frequentadores assíduos* das missas dominicais devem ser mais claramente convocadas pela Palavra, isto é, que sua fé, purificada na evangelização, seja o motivo de sua presença na comunidade dos irmãos, para que se tornem capazes de perceber a significação dos ritos comuns. Com efeito, nas nossas assembléias dominicais, *há pessoas que, levadas por motivação evangélica*, participam comunitariamente da Eucaristia e são comprometidas na comunidade.

Há, porém, pessoas que estão presentes por *sentimentos religiosos estranhos à fé evangélica* (sincretismo religioso) ou que assistem à celebração eucarística como mero ato de piedade individual. Essas pessoas, ao invés de se sentirem chamadas a maior vivência do mistério pascal que os sinais tornam presente, emprestam-lhes um significado que não corresponde ao que a Igreja entende e pretende ao fazê-los. Assistem e até realizam a mesma cerimônia, dando-lhe porém, uma interpretação que não se fundamenta no ensinamento de Jesus de Nazaré e da Igreja.

Há também os que são trazidos à celebração por *motivos os mais variados*, como sejam costume, dever familiar, social... pressão moral do preceito (medo) e similares. Estes manifestam mais uma atitude de espectadores do que real desejo de participação. Apesar de certa assiduidade, nunca chegam a se comprometerem com a comunidade cristã e não se esclarecem nem aprofundam a própria fé.

Neste caso, um tanto ambíguo com relação à Eucaristia, o presidente é *liturgo* com os primeiros; deve, porém, fazer-se catequista (mistagogo) para os segundos e *missionário* para os últimos, corre assim o risco de não atender a ninguém. Cabe, pois, ao celebrante e à equipe de celebração identificar a Assembléia, distinguir as diferentes necessidades e procurar celebrar de tal forma, que cada qual se sinta atingido e motivado a participar de modo mais consciente. *O testemunho da equipe de celebração*, especialmente do presidente, é que exercerá real influência educadora sobre a comunidade, sem com isto dispensar outras iniciativas.

A Eucaristia, mistério da fé, *supõe normalmente uma ekklesia*, reunião de iniciados, capazes de se congregarem explicitamente para a celebração do sacramento da Unidade, porque guiados pela Palavra que revela o desígnio de Deus aos que se reúnem para ouvi-la.

1.3.2.2. Nas reuniões de *assembléias ocasionais* (missas de defuntos, casamentos, festas patronais etc.) *a liturgia da palavra* seja realçada e tome cunho nitidamente missionário. Deve-se ter em vista mover à *integração numa comunidade que persevera na instrução da fé*, a fim de possibilitar iniciação adequada e oportuna conversão evangélica.

N.B. Devido às características próprias de tais reuniões não se pode simplesmente tomar o formulário próprio do dia proposto para os que freqüentam habitualmente a assembléia. É urgente que se providenciem *subsídios catequéticos*, e mesmo Formulários para Celebrações mais adequados ao nível cultural e de iniciação dos participantes, não raro a maioria deles é de pessoas que só têm contato com a Igreja nestas ocasiões especiais. Reconhecendo que em situações semelhantes a Igreja é procurada mais para atender a uma necessidade religiosa ou por causa do relacionamento social, do que pelo desejo de participar regularmente na vida da comunidade cristã, será preciso ter presente que o efeito da celebração depende de:

- *um contato e um acolhimento humanos* que façam as pessoas perceberem que a Igreja está alerta e atenta a todos os feitos e acontecimentos da vida do homem. Evite-se, pois, toda aparência de rigor e exigências que mais afastam do que atraem;
- *um cuidado especial na preparação* da celebração a fim de que se sintam à vontade, possam captar a mensagem oportuna à ocasião e assim conservem boa lembrança deste contacto com a Igreja;
- *uma participação* ativa, solicitando-se para isso a colaboração na própria celebração (por ex.: confiando-lhes as leituras, preces, orientando as atitudes a serem tomadas durante a celebração etc.) .

1.4. Pedagogia e ação pastoral

A história nos ensina pistas para o restabelecimento de uma assembléia em que a *Eucaristia retome sua plena significação* de "Manifestação da Igreja", de "Sinal de Unidade", de "sacramento para iniciados". Para isto não será suficiente inovar ritos (retocar, inventar ou seguir livros novos), será necessária uma autêntica renovação aculturada, para que *os ritos sejam redescobertos em sua significação profunda*.

É pastoralmente urgente superar a situação de uma Eucaristia colocada para pessoas que se *"reúnem dispersamente"* com suposta iniciação, que a fraca participação "ativa, consciente e frutuosa" (SC) na ação litúrgica vem contradizer.

1.4.1. Com efeito, as *comunidades eclesiais* que estão se formando por um processo mais apurado de *iniciação evangelizadora* em grupos de base, se constituem em assembléias onde a coesão da fraternidade oferece melhores condições de uma liturgia viva, capaz de unir rito e vida, sinal e realidade de união. A unanimidade na fé e no amor, fundada no mútuo conhecimento e na recíproca ajuda, faz perceber que a reunião foi *convocada pela Palavra*. O progresso da conversão permite uma Assembléia em oração, com participação mais frutuosa graças ao engajamento vivencial e ao crescimento na Fé evangélica que provoca.

É evidente que tais assembléias darão *nova vida aos ritos* conforme suas necessidades culturais e seu nível de crescimento na fé. Para que os acontecimentos da vida cotidiana possam ocupar lugar explícito nas celebrações, sente-se a necessidade de criar algo que expresse melhor a integração vital no mistério de Cristo; chega-se não raro à conclusão de que é necessário adaptar os ritos propostos que se mostram insuficientes. Diante de iniciativas neste terreno, mera atitude de repressão poderá conduzir tais grupos a agirem à margem da disciplina vigente, com conseqüente prejuízo para a unidade eclesial; por outro lado, a falta de fundamentação histórico-teológica de certos dirigentes (presbíteros ou outros) faz com que algumas celebrações da Eucaristia se afastem não apenas das formas oficiais elaboradas para grande público, mas também da unidade eclesial da liturgia.

Diante destes fatos, é urgente que se dê especial atenção pastoral às celebrações que correspondam às necessidades de tais grupos e lhes permitam uma expressão autêntica da fé, no estágio em que se encontram e com modalidades adaptadas à cultura e formação dos mesmos. Para isso deve-se procurar manter a unidade da liturgia da Igreja com a diversificação das formas, em consonância com o Espírito de criatividade que tradicionalmente constitui a riqueza da liturgia e tão sabiamente preconizado pelos documentos conciliares e subsequentes.

N.B.: cf. Instrução sobre missas para grupos particulares, Doc. 19 Prot. 77/69; Encontro dos Presidentes e Secretários das CNL dos países Latino-americanos - CELAM, Departamento de Liturgia, Medellín, 1972; Documento dos Presbíteros, CNBB 1969, p. 213, proposição 1. 7 que obteve maciça votação: "Que se promova uma corajosa aculturação litúrgica", Diretório das missas com crianças, S. Congr. para o culto divino, 1º de novembro de 1973, instrução *actio pastoralis* de 15 de maio de 1969 da S. Congr. para o culto divino. Estes documentos são aplicação prática dos números 37-40 da Constituição "Sacrosanctum Concilium".

1.4.2. Celebrações com grupos e comunidades paroquiais

O reexame das dimensões da Eucaristia das Basílicas ou Matriz, ainda hoje em vigor, e suas influências sobre o ritual do culto, levar-nos-ia a uma nítida revalorização das celebrações em pequenas comunidades, sem com isso negligenciar a significação das Assembléias mais representativas da universalidade da Igreja, nem ceder à tentação de celebrar eucaristias para público socialmente reunido, mas não congregado em nome do Senhor (cf. EM 25-27). A história nos ensina que foi essa passagem da *Eucaristia comunitária* (simplicidade doméstica - em dimensões familiares e fraternas) para *as celebrações diante de um povo convertido em massa e sem a devida iniciação* que levou, pouco a pouco, entre outros motivos culturais, a substituir o altar (uma verdadeira mesa de refeições onde todos tomavam parte) pelo *trono* que distancia o sacerdote do povo, adotando uma série de etiquetas inspiradas nos protocolos da corte imperial (genuflexões, inclinações, gestos, vestimentas etc.). A conseqüência foi a progressiva falta de participação do povo nas celebrações litúrgicas, apesar de estarem assistindo as cerimônias. Essa situação chegou a ponto de fazer com que o Concílio de Latrão IV, na Idade Média (1215), impusesse a obrigação de comungar ao menos uma vez por ano, pela Páscoa da Ressurreição.

Para que haja progressiva integração entre as celebrações em pequenos grupos e maior autenticidade nas celebrações em ambientes mais abertos a um público numeroso (igrejas paroquiais etc.), é necessário que se aprofundem os princípios gerais para a catequese sobre o mistério Eucarístico e as normas sobre a celebração do Memorial do Senhor conforme a Instrução sobre o culto Eucarístico (EM nn. 5-30) .

1.4.2.1. As Assembléias de CENTROS URBANOS, bem como as celebrações de lugares de convergência turística, exigem especial atenção pastoral por constituírem um fenômeno típico da era das comunicações.

De fato, a facilidade de locomoção e o teor de vida das grandes cidades aumentam as dificuldades de reunir-se de modo assíduo num mesmo local e até mesmo de se constituírem comunidades estáveis de pessoas. A mobilidade produz o fenômeno dos TRANSEUNTES em nossas assembléias de centros urbanos e faz com que as assembléias reúnam pessoas sem grande relacionamento humano, máxime nos locais de turismo (hotéis de veraneio, balneários, cidades turísticas...).

Diante deste fato, é necessário que a pastoral prepare a comunidade e a faça tomar consciência do dever cristão da hospitalidade aos irmãos na fé que vêm se unir a ela na celebração.

O acolhimento e a integração dos transeuntes, a disponibilidade destes para se comunicarem com os membros da comunidade local, são condições indispensáveis para uma autêntica liturgia comunitária. Não se pode supor comunidade e começar a celebração sem levar em conta esta realidade.

Iniciativas neste sentido devem ser tomadas para que a assembléia seja realmente sinal de unidade e não apenas uma reunião de pessoas justapostas e isoladas.

1.4.2.2. Quanto à celebração com grupos de famílias, pessoas de relacionamento ambiental ou comunidades de base, a experiência tem mostrado sua eficácia. No entanto, o perigo de se constituírem em "guetos" ou igrejinhas isoladas, perdendo assim o contato com o povo de Deus, também é real.

Por outro lado, o Concílio tem insistido sobre a significação da assembléia paroquial (SC n.42) e sua força de expressividade representativa da Igreja.

A encíclica "Eucharisticum mysterium" já fala da celebração com tais grupos, especialmente durante a semana (EM 17; cf. Diretório das missas com crianças n.20).

Portanto, fiéis ao pensamento da Igreja, é preciso que os grupos tomem consciência de sua missão em vista da renovação litúrgica nas assembléias paroquiais e fundamentem seu não fechamento grupista", na significação eclesial das Assembléias mais representativas das diferentes categorias de que a Igreja se compõe na realidade.

A presença, nas grandes Assembléias, de grupos que tiveram a oportunidade de fazer experiências de liturgia mais viva e comunicativa, sua identificação como grupo e a solicitação para servirem a comunidade, será um testemunho de verdadeira fé que torna os cristãos conscientes, ativos no serviço de acolhimento e animação dos demais irmãos. Apesar de numerosa, a assembléia evitará o perigo - aliás muito comum - de ser uma massa anônima, graças ao relacionamento pessoal no interior dos grupos e ao entrosamento dos grupos na constituição de uma assembléia comunitária.

1.4.3. Celebração doméstica da Eucaristia

A consciência do caráter tipicamente doméstico que a Eucaristia conservou desde a Ceia no Cenáculo até a metade do século III (quando as casas cedidas para a "Ecclesia" dos irmãos começaram a se tornar propriedade da comunidade que se encarregou de administrá-las e ampliá-las conforme suas necessidades) deveria fazer com que se desse particular atenção pastoral a tais celebrações.

O aprofundamento do mistério Eucarístico e sua *exigência essencial de comunidade*, hierarquicamente ordenada, levará a uma pastoral que vise prioritariamente à *constituição da Igreja em níveis diversos de realização* (Igreja doméstica, grupos de evangelização, diaconias, paróquias e finalmente diocesana presidida pelo bispo) com os ministérios respectivos para que cresça uma efetiva unidade que se origina do mesmo pão partido entre os irmãos.

O costume de celebrar quotidianamente só na matriz priva da participação eucarística muitas pessoas que se acham impedidas porque os horários não se ajustam aos seus compromissos. Razões pastorais exigem que se reconsidere o atendimento quase exclusivo dos templos e se revejam os horários, atendendo a complexidade da vida moderna, para que se vá *ao encontro dos fiéis*, a fim de evangelizá-los e com eles celebrar a fé.

Neste sentido os documentos da Sé Romana encorajam as celebrações eucarísticas com grupos, em suas próprias casas, em dias e horários que mais favoreçam a participação dos membros das famílias.

N.B. cf. EM 17; *De Sacra Communione et de cultu mysterii eucharistici extra missam* n.16 e 18; Diretório das missas com crianças n.25. Encontro dos presidentes e secretários das CNL, Medellín 1972.

Procure-se, no entanto, evitar que as celebrações domésticas se reduzam à simples mudança da missa do templo para as casas. O ambiente familiar favorece maior espontaneidade e possibilita a criatividade (Medellín 1972, documento n.5).

Os sacerdotes terão o cuidado de não passarem do atendimento a multidões anônimas para "capelães de guetos". Essas ocasiões são preciosas para maior contacto com as famílias, na perspectiva de uma presença evangelizadora em ambiente mais natural, mas não podem perder as dimensões eclesiais do mistério.

É neste contexto que se recoloca o desafio das vocações ministeriais capazes de dar atendimento às novas necessidades da Igreja. É evidente que não se trata de conceder privilégios por motivos estranhos à fé (como sejam posição social, egoísmo de alguma família, número de um programa festivo da família), mas fazer maior número de pessoas terem experiência de uma celebração eucarística em clima de íntima fraternidade e educar os fiéis para o sentido comunitário da vida eclesial.

1.4.4. Celebração com grupos de jovens

Sociologicamente os jovens se constituem hoje em grupos caracterizados por exigências próprias. Do ponto de vista religioso, nota-se forte movimento da busca de Cristo no mundo juvenil. Atendendo às *necessidades específicas* desta faixa da população, tem-se procurado promover celebrações que possibilitem à juventude a expressão de sua fé de modo mais adaptado às suas características.

Tenha-se presente que o *objetivo destas celebrações* não pode reduzir-se à mera atração e ponto de encontro motivados pela apresentação de "shows", variedades musicais, clima de euforia, sob pena de se tornarem alienantes, mais do que *participação no mistério de Cristo e da vida eclesial*.

A finalidade é alcançar maior *autenticidade na expressão da fé*. Para isso a Eucaristia terá que voltá-los para a vida, para o mundo juvenil e para a sociedade em concreto, integrando-os na comunidade e comprometendo-os em tarefas concretas.

Cuide-se para que essas assembléias de jovens *não aumentem a tensão* entre as gerações, nem venham a cair no "grupismo", com prejuízo para a unidade eclesial na sua totalidade.

A fim de evitar o fechamento destes grupos sobre si mesmos, promovam-se, em certas solenidades e ocasiões (por ex.: Natal, Páscoa, Pentecostes, festa do padroeiro, dias dos pais etc.), *assembléias mais representativas de fraternidade universal* reúnam adultos, jovens e crianças numa única celebração.

É importante que se dê especial atenção à formação "*equipes de Liturgia*" de jovens que assumam o preparo do ritual e comentários para suas celebrações, bem como ajudem a assembléia a celebrar com maior consciência.

O canto e instrumentos usados sejam escolhidos de modo que evidenciem claramente a mensagem e favoreçam o *clima de oração*.

N.B. a) Fatores psicológicos e o respeito pelos direitos autorais não permitem, por ex., que se façam adaptações superficiais de textos de músicas compostas para outras situações e não condigam com o momento da oração.

b) Lembremos que a mensagem evangélica faz parte da expressão da fé e não se pode ignorá-la na escolha dos cantos.

c) Uma boa evangelização proporcionará à exuberância dos jovens maiores possibilidades de criar músicas cujo ritmo corresponda às suas justas exigências e cujos textos transmitam a mensagem e expressem a fé.

1.4.5. Celebrações com a participação de crianças (cf. Diretório das missas com crianças)

1.4.5.1. Faz parte da Iniciação cristã das crianças a participação na liturgia (Dir. n.8) que, graças à sua inata eficácia pedagógica, exerce uma influência ímpar no desenvolvimento da fé e faz descobrir as dimensões e valores próprios da Igreja, desenvolvendo o Espírito comunitário (n.2). É, pois, indispensável que as crianças se sintam dentro de um grupo que celebra sua fé e sejam envolvidas por todo aquele clima de fraternidade que a comunidade cristã deve cultivar, máxime quando se reúne na comunhão com e em Cristo (Dir. n.8) . A presença de adultos, portanto, é sumamente desejável (Dir. n.24), de modo particular a dos familiares e educadores das crianças (Dir. n.10 e 16). No caso de os pais não terem vida sacramental, sugerem-se vários tipos de celebrações não eucarísticas, em que pais e crianças sejam educados para aqueles valores humanos que servem de base para a vida familiar, criam condições para uma melhor integração social e, oportunamente, eclesial (cf. Dir. n.10). Tais celebrações oferecem para isto maior liberdade de recursos e meios pedagógicos mais adequados ao nível próprio de iniciação de cada grupo.

Tendo essas reuniões objetivo de educar na fé, deve-se evitar um cunho demasiado didático, pois se trata de levar as crianças a perceberem a significação própria da liturgia em seus variados elementos e não apenas de "ensinar".

A palavra, celebrada com assiduidade, máxime no advento e quaresma, despertará, desde cedo, estima e veneração para com a Sagrada Escritura (Dir. n.13) e educará as crianças para uma vida de autêntica fé evangélica, mais do que para práticas religiosas.

1.4.5.2. A celebração eucarística paroquial reúne os adultos, principalmente nos domingos e dias festivos, para a participação no mistério central da fé cristã (Dir n.16).

O valioso testemunho da experiência comunitária não basta para educar as crianças, se essas se sentirem deixadas de lado durante a própria ação litúrgica (Dir n.17). Por isso é necessário que se façam as adaptações oportunas, a fim de atender às crianças conforme as necessidades específicas de cada Assembléia (cf. SC 38; Dir. n.3) e evitar que a rotina das cerimônias e a falta de adaptação à mentalidade infantil, venham a enfriar a imaginação viva das crianças, causando possível dano no seu relacionamento com a Igreja (Dir. n.2).

É urgente que se dê especial atenção pastoral para que a liturgia corresponda às exigências próprias das crianças, tomando em conta a percepção e a vivacidade do seu mundo específico (Dir. n.12 e 35). A presença de adultos como companheiros de oração e não como " vigias " (Dir. n.21 e 24), é o modo mais completo de iniciar à vida em comunidades, mas é educativo que se celebre, às vezes, com grupos menores, só com crianças, especialmente durante a semana (Dir. n.20, 27 e 28). A fim de que possam se expressar mais espontaneamente, leve-se em conta a formação, mais do que a idade.

1.4.5.3. Eis as principais adaptações que o Diretório prevê:

- Quanto ao local de celebração:

- mesmo que o templo seja o local normal das celebrações, procure-se reunir as crianças num espaço que favoreça o recolhimento e as mantenha unidas, evitando o perigo de distração ou dispersão. Caso isto seja difícil, celebre-se em qualquer lugar digno, mesmo fora do recinto do templo (Dir. n.17).

- Quanto aos ministérios:

- Que se distribuam as leituras, comentários, preces dos fiéis, cantos, preparação do altar, transporte das oferendas para o altar entre adultos e crianças, de tal modo que se sintam solicitados ao serviço direto na própria cerimônia (Dir. 18, 29, 24, 47, 32, 48, 34, 22).

- Quanto aos instrumentos musicais e ao canto:

- O canto corresponde melhor ao estilo infantil (Dir. n.30) e a melodia ajuda a pronunciar e memorizar mais facilmente do que se recitam, sobretudo as aclamações da oração eucarística e demais textos do ordinário. Para isto é possível usar traduções adaptadas desde que aprovadas pela autoridade competente (cf. Dir. n.31).

O uso de instrumentos musicais, sobretudo se tocados pelas crianças, é vivamente recomendado e o critério fundamental será o sentido pastoral, isto é, que conduzam a uma liturgia "festiva, fraterna e recolhida" (cf. Dir. n.32).

- Os Gestos

A natureza própria da liturgia exige que o homem se expresse com todo o seu ser, portanto, é também ação do corpo. Tratando-se de crianças, cuja característica é a manifestação corporal mais do que intelectual, deve-se dar a máxima importância aos gestos, não só do sacerdote, mas à participação efetiva da assembléia.

Embora o texto do Diretório enfatize as procissões, neste campo é urgente que se recorra à ajuda psicopedagógica de educadores especializados a fim de que a liturgia com crianças possa corresponder às exigências próprias de tais Assembléias (SC 38 Dir. 33-34).

É importante que, entre os gestos, se dê particular ênfase à *atitude de silêncio*, para que não se caia em movimentação externa com prejuízo da participação (cf. Dir. 36)

- Recursos visuais:

Só o uso de elementos visuais, e sonoros, juntamente com gestos significativos, poderá corresponder às crianças e fugir ao risco de fazer da liturgia um momento árido e fatigante.

Além do relevo com que se deve utilizar os símbolos próprios da liturgia (círio, cores, cruz, objetos significativos), é sumamente necessário que se traduza em formas plásticas o conteúdo da Palavra ouvida e do mistério celebrado.

Também aqui os métodos audiovisuais tornam-se subsídio indispensável à participação das crianças na Liturgia (cf. Dir. 35).

1.4.5.3. Além das várias modalidades e iniciativas, o Diretório afirma que é possível à CNBB propor à Sé Romana outras adaptações que se fizerem pastoralmente úteis e oportunas (Dir. n.5).

Fiel à estrutura geral da celebração, isto é, à Palavra e Sacramento, que constituem um único culto e os ritos de abertura e encerramento (cf. IGMR n.8), o Diretório prevê, como necessárias, adaptações no modo de conduzir e realizar a Eucaristia com crianças.

Recomenda-se, no entanto, que as "aclamações, respostas comuns e o Pai-nosso" sejam conservados intactos para que sejam possíveis celebrações integradas com toda a comunidade eclesial (cf. Dir. n.38-39).

N.B. a) Para a liturgia eucarística, todos os que já podem participar do sacramento voltem normalmente a se reunir em única assembléia, significando a força de unidade deste mistério celebrado. b) Não seria de se desejar que as crianças que ainda não fizeram a 1ª Eucaristia, fossem às vezes atendidas por mães (ou outras pessoas e às vezes pelo próprio presbítero) em celebrações e/ou atividades recreativas e educativas?

1.4.6. Eucaristia junto aos enfermos e inválidos

N.B. Para uma visão mais completa a respeito da pastoral dos enfermos, é indispensável que se medite o "Rito da unção dos enfermos e sua assistência pastoral". Trata-se, com efeito, mais de um manual de orientações do que de um simples rito de celebração.

Que os agentes pastorais *proporcionem aos enfermos e inválidos, freqüentes ocasiões* de acesso à Eucaristia, certos de que é o meio mais eficaz para concretizar a aspiração de que os cristãos se reúnam e vivam comunitariamente. Dê-se a máxima importância e valor à participação na Eucaristia, mesmo por parte daqueles que se acham legitimamente impedidos de se reunirem no mesmo lugar e hora da assembléia, mas que, quando possível, fazem parte da Eucaristia. Assim, organizem-se com eficiência a *distribuição da Eucaristia e a celebração a domicílio* para enfermos e inválidos e para os que deles cuidam, ficando impossibilitados de tomarem parte na assembléia.

A missa domiciliar possibilita a comunhão sob as duas espécies, como prevê o ritual, e concretiza a legítima disposição de, quanto possível, comungar na própria celebração da eucaristia (cf. Rito da unção... n.26).

É sumamente desejável que a caridade cristã preveja a ajuda de irmãos na fé para a oportuna substituição dos familiares de enfermos e inválidos, a fim de que os mesmos irmãos que prestam tal assistência não sejam privados da assembléia por tempo demasiado longo, com conseqüente prejuízo para o crescimento na doutrina dos apóstolos e na convivência com os irmãos que se reúnem no Senhor (cf. Rito da unção n.42-43).

É evidente que tanto a celebração junto aos enfermos e inválidos quanto a distribuição da comunhão, fazem parte de toda uma perspectiva muito ampla da pastoral dos enfermos; a comunhão é que deve assumir a missão de envolver os irmãos que sofrem, num clima de fé e caridade, capaz de sustentá-los em momentos tão importantes e dolorosos, na esperança que ilumina o mistério da dor e da morte com a luz da Ressurreição (cf. Rito da unção n.1-4).

Note-se que essa tarefa de solicitude para com os enfermos e pessoas idosas é tão importante que já Hipólito de Roma qualifica o diácono como sendo o "ministro dos doentes e dos pobres" (cf. Trad. Apostólica n.39 e 34).

Recentemente a Igreja, ao revitalizar a função do acólito, volta a insistir sobre o cuidado que este deve ter na distribuição da Eucaristia aos enfermos (cf. Ministeria quaedam, & VI).

1.4.7. Missas exequiais e orientações pastorais

A liturgia das exéquias coloca os pastores diante de uma perplexidade: as missas encomendadas por ocasião de morte, 7^o e 30^o dias não passam, muitas vezes, de puro ato social a que não se pode recusar; por outro lado, tais situações oferecem excelente ocasião de contacto com pessoas que raramente procuram a Igreja. Resta, no entanto, uma perplexidade se os pastores confrontam as exigências do Sacramento com as disposições concretas.

1.4.7.1. É indispensável que os presbíteros despertem para uma maior sensibilidade, a fim de não serem os únicos a não se comoverem com o fato que abala toda a Assembléia reunida.

Se quem preside não participa dos sentimentos da assembléia, sua celebração, e principalmente a homília, será desencarnada, pois, não fala de um fato vivido.

1.4.7.2. Para que a celebração do mistério de Cristo por ocasião da morte de um membro da Igreja se torne vivencial, é necessário colher alguns dados sobre a vida da pessoa falecida e travar previamente um mínimo de relação com a família enlutada.

1.4.7.3. Há diferença entre uma celebração feita por um freqüentador assíduo da assembléia eucarística e uma pessoa desligada da Igreja. No entanto, a reunião poderá ser ponto de partida para uma evangelização, sobretudo se a liturgia for celebrada de tal modo que manifeste o esforço da atualização da Igreja num clima humano de acolhimento e solidariedade.

1.4.7.4. Neste particular, a comunidade eucarística dos assíduos à Igreja tem especial oportunidade de dar testemunho de disponibilidade, serviço e atenção às pessoas que ocasionalmente estão presentes a uma celebração, levadas por circunstâncias mais do que por motivação de fé evangélica.

N.B.: É necessário superar todo aspecto de comércio, tão explorado, infelizmente, até por empresas funerárias, e fazer a comunidade paroquial cooperar no serviço às pessoas que se reúnem nestas ocasiões.

1.4.7.5. Uma boa equipe paroquial dedicada à assistência das famílias enlutadas, poderá ajudar na superação da mentalidade matemática (exatamente o 7^o e 30^o dias) e criar um clima mais eclesial. Por exemplo, a paróquia oferece uma missa pelos mortos em determinado dia da semana, com a presença desta equipe que procurou tomar contacto com as famílias visitadas pela morte.

Nesta celebração a comunidade paroquial poderá cantar, fazer as leituras, acolher as famílias dos recém-falecidos, dando especial destaque a essas intenções no decorrer de toda a celebração.

N.B. Para outras indicações concretas, veja-se o "Presbiteral das exéquias" Ed. Vozes p. 7-9: "Orientação pastoral da Comissão Nacional de Liturgia".

1.4.8. Celebrações oficiais

1.4.8.1. O sentido da celebração do Memorial do Senhor comunidade dos fiéis colocará em profundo questionamento celebrações chamadas "*oficiais*" dentro de uma sociedade pluralista. De fato, tais celebrações oficiais podem não oferecer bases sólidas para classificarmos de "*Assembléias convocadas e congregadas pela palavra*", visto serem atos públicos, mas não comunitários no sentido eclesial, pela ausência de fé comum.

Tais eucaristias se tornariam mais um ato sem sentido do que sinal de Unidade na fé, na consciência da presença do Senhor.

1.4.8.2. Pastoralmente é necessário que se verifique cada caso e que a autoridade diocesana os controle pessoalmente para evitar celebrações que não reúnam as condições mínimas que justifiquem a Eucaristia. Há outros tipos de celebrações que podem ser mais oportunas conforme as circunstâncias.

1.4.8.3. O mesmo se diga das promoções de caráter prevalentemente social, como formaturas, bênçãos de estabelecimentos e outras em que a celebração eucarística poderia ser mais um número da programação do que uma autêntica celebração eclesial.

1.4.9. Liturgia de televisão e rádio

Outro fato pastoral é o alcance dos Meios de Comunicação Social (MCS) e sua influência na formação da mentalidade litúrgica no meio da população.

1.4.9.1. Apesar do escasso uso que a Igreja faz dos MCS, as missas são freqüentemente transmitidas e a quantidade de pessoas que sintonizam tal programa não é indiferente. Esse fato repercute de modo decisivo na renovação litúrgica.

1.4.9.2. Sabendo que a participação está condicionada à transmissão, é de suma importância que se explorem todas as possibilidades tanto do ponto de vista técnico como litúrgico.

Neste sentido, a preparação técnica de litúrgos, como a iniciação litúrgica de técnicos, se faz indispensável.

1.4.9.3. Não é suficiente televisionar ou irradiar uma missa. Os MCS têm exigências tão decisivas, que só uma liturgia preparada adequadamente poderá atingir os objetivos a que se propõe um esforço neste campo da ação pastoral.

A liturgia não pode ignorar as chances que os MCS lhe oferecem, mas as exigências próprias deste mundo técnico não deve obscurecer o autêntico sentido da liturgia.

1.4.9.4. Embora haja muita discussão em torno do valor desta missa de televisão, é bom lembrar que há diferentes graus de participação na oração da Igreja e que, indubitavelmente, essa ação pastoral tem grande poder educativo".

Nota:27

cf. **Jo 10,14**: "Eu sou o bom pastor: conheço minhas ovelhas, e elas me conhecem".

Nota:28

Jo 10,15: "assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a vida pelas ovelhas".

Nota:29

cf. **Jo 15,12,17**: "O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês. O que eu mando é isto: amem-se uns aos outros".

Nota:30

cf. **1Sm 25,25**: "Que meu senhor não dê atenção a esse homem grosseiro que é Nabal, pois o seu nome significa grosseiro, e a grosseria está mesmo com ele. Eu, sua serva, não cheguei a ver os moços que meu senhor havia mandado".

Nota:31

Ecl 6,10: "Existe amigo que é companheiro de mesa, mas que não será fiel quando você estiver na pior".

Nota:32

Jó 30,8: "Gente vil, homens sem nome, expulsos do país!".

Nota:33

Nm 1,2,42: "Façam um recenseamento completo da comunidade dos filhos de Israel: todos os homens, um a um, conforme os clãs e famílias, registrando seus nomes. (...) Foram recenseados os filhos e descendentes de Neftali, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra".

Ap 3,4: "Sei que aí em Sardes existem algumas pessoas que não sujaram a roupa. Estas vão andar comigo, vestidas de branco, pois são pessoas dignas".

Ap 11,13: "Na mesma hora aconteceu um grande terremoto. A décima parte da cidade desmoronou, e sete mil pessoas morreram no desastre. Os sobreviventes ficaram apavorados e deram glória ao Deus do céu".

Nota:34

Gn 17,5: "E não se chamará mais Abrão, mas o seu nome será Abraão, pois eu o tornarei pai de muitas nações".

Nota:35

Gn 32,27-29: "Então o homem disse: Solte-me, pois a aurora está chegando. Jacó respondeu: Não o soltarei, enquanto você não me abençoar. O homem lhe perguntou: Qual é o seu nome? Ele respondeu: Jacó. O homem continuou: Você já não se chamará Jacó, mas Israel, porque você lutou com Deus e com homens, e você venceu".

Nota:36

2Sm 12,25: "e manifestou isso através do profeta Natã. Este, por ordem de Javé, deu a Salomão o nome de Querido de Javé".

Nota:37

Mt 16,18: "Por isso eu lhe digo: você é Pedro, e sobre essa pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la".

Mc 3,16-17: "Constituiu assim os Doze: Simão, a quem deu o nome de Pedro; Tiago e João, filhos de Zebedeu, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer filhos do trovão".

Nota:38

cf. **Mt 1,21**: "Ela dará à luz um filho, e você lhe dará o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados".

Nota:39

cf. **Mt 16,15**: "Então Jesus perguntou-lhes: E vocês, quem dizem que eu sou?".

Nota:40

cf. **Mt 28,19**: "Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Nota:41

cf. **Mt 28,20**: "e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo".

Nota:42

LG 64: "A Igreja, contemplando a misteriosa santidade de Maria, imitando-lhe a caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai a partir da fiel acolhida da palavra de Deus, torna-se igualmente mãe: pela pregação e pelo batismo, gera para a vida nova os filhos que nascem de Deus, concebidos pelo Espírito Santo. A Igreja é também virgem. Guarda pura e íntegra a sua fidelidade ao esposo. Imita a mãe do seu Senhor e, na força do Espírito Santo, conserva virginalmente a firmeza da fé, a solidez da esperança e a sinceridade do amor".

Nota:43

Ex 12: "Javé disse a Moisés e Aarão na terra do Egito: Este mês será para vocês o principal, o primeiro mês do ano. Falem assim a toda a assembléia de Israel: No dia dez deste mês, cada família tome um animal, um

animal para cada casa. Se a família for pequena para um animal, então ela se juntará com o vizinho mais próximo de sua casa. O animal será escolhido conforme o número de pessoas e conforme cada uma puder comer. O animal deve ser macho, sem defeito, e de um ano. Vocês o escolherão entre os cordeiros ou entre os cabritos, e o guardarão até o dia catorze deste mês, quando toda a assembléia de Israel o imolará ao entardecer. Pegarão o sangue e o passarão sobre os dois batentes e sobre a travessa da porta, nas casas onde comerem o animal. Nessa noite, comerão a carne assada no fogo e acompanhada de pão sem fermento com ervas amargas. Vocês não comerão a carne crua nem cozida na água, mas assada no fogo: inteiro, com cabeça, pernas e vísceras. Não deixarão restos para o dia seguinte; se sobrar alguma coisa, devem queimá-la no fogo.

Vocês devem comê-lo assim: com cintos na cintura, sandálias nos pés e cajado na mão; vocês o comerão às pressas, porque é a páscoa de Javé. Nessa noite, eu passarei pela terra do Egito, matarei todos os primogênitos egípcios, desde os homens até os animais. E farei justiça contra todos os deuses do Egito. Eu sou Javé. O sangue nas casas será um sinal de que vocês estão dentro delas: ao ver o sangue, eu passarei adiante. E o flagelo destruidor não atingirá vocês, quando eu ferir o Egito. Esse dia será para vocês um memorial, pois nele celebrarão uma festa de Javé. Vocês o celebrarão como um rito permanente, de geração em geração.

Durante sete dias, vocês comerão pães sem fermento. No primeiro dia, vocês tirarão o fermento de dentro de casa, e será excluída de Israel qualquer pessoa que comer algo fermentado, desde o primeiro dia até o sétimo. No primeiro dia vocês farão uma assembléia sagrada. E, no sétimo dia, outra assembléia sagrada. Nesses dias ninguém trabalhará, e vocês prepararão apenas o que cada um deve comer. Vocês observarão a festa dos Pães sem fermento, porque nesse mesmo dia eu fiz os exércitos de vocês sair do Egito. Vocês observarão esse dia como rito permanente, de geração em geração. No dia catorze do primeiro mês, à tarde, vocês comerão pães sem fermento, até a tarde do dia vinte e um desse mês. Durante sete dias não se achará fermento na casa de vocês, pois todo aquele que comer pão fermentado será eliminado da comunidade de Israel, tanto o imigrante como o natural do país. Vocês não comerão pão fermentado; comerão pães sem fermento em todo lugar em que morarem.

Moisés convocou todos os anciãos de Israel e lhes disse: Escolham por família um animal e imolem a Páscoa. Peguem alguns ramos de hissopo, molhem no sangue que estiver na bacia, e com o sangue que estiver na bacia marquem a travessa da porta e seus batentes. Ninguém de vocês saia de casa antes de amanhecer o dia seguinte, porque Javé passará para ferir os egípcios. E quando notar o sangue sobre a travessa da porta e sobre os dois batentes, ele passará adiante dessa porta e não deixará que o exterminador entre em suas casas para ferir vocês. Observem esse preceito, como decreto perpétuo, para vocês e para seus filhos. Quando vocês tiverem entrado na terra que Javé lhes dará, conforme ele disse, vocês observarão esse rito. Quando seus filhos perguntarem: Que rito é este? vocês responderão: É o sacrifício da Páscoa de Javé. Ele passou no Egito junto às casas dos filhos de Israel, ferindo os egípcios e protegendo nossas casas. Então o povo se ajoelhou e se prostrou. Os filhos de Israel foram e fizeram tudo isso, e o fizeram como Javé tinha ordenado a Moisés e Aarão.

À meia-noite, Javé feriu todos os primogênitos do Egito: desde o primogênito do Faraó, que iria suceder-lhe no trono, até o primogênito do prisioneiro que estava na cadeia e até os primogênitos dos animais. No meio da noite, o Faraó levantou-se com todos os seus ministros e todos os egípcios. E houve um clamor imenso em todo o Egito, pois não havia casa onde não houvesse um morto. De noite ainda, o Faraó chamou Moisés e Aarão, e lhes disse: Levantem-se e saiam do meio do meu povo, vocês e os filhos de Israel. Vão servir a Javé, como pediram. Levem também seus rebanhos e seu gado, como diziam. Vão embora e me abençoem.

Os egípcios pressionavam o povo para que saísse depressa do país, pois tinham medo que morressem todos. E o povo levou sobre os ombros a farinha amassada antes que levedasse, e as amassadeiras, atadas em trouxas com seus mantos.

Os filhos de Israel fizeram também o que Moisés havia mandado: pediram aos egípcios objetos de prata e ouro e também roupas. Javé fez com que eles ganhassem a simpatia dos egípcios, que lhes deram tudo o que estavam pedindo. E assim eles despojaram os egípcios.

Os filhos de Israel partiram de Ramsés, em direção de Sucot: eram seiscentos mil homens a pé, sem contar as crianças. Subiu também com eles imensa multidão com ovelhas, gado e muitos animais. Assaram pães sem fermento com a farinha que haviam levado do Egito, pois a massa não estava levedada: é que, expulsos do Egito, não puderam parar, nem preparar provisões para o caminho.

A estada dos filhos de Israel no Egito durou quatrocentos e trinta anos. No mesmo dia em que terminaram os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de Javé saíram do Egito. Essa noite foi uma vigília para Javé, quando ele os tirou do Egito. E assim deve ser para todos os filhos de Israel: uma vigília para Javé, em todas as gerações.

Javé disse a Moisés e Aarão: Assim será o ritual da Páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela. Os escravos que você tiver comprado por dinheiro, poderão comer dela se forem circuncidados. Quem estiver de passagem e os mercenários não comerão dela. Cada cordeiro deverá ser comido dentro de uma casa; e nenhum pedaço de carne deverá ser levado para fora; e dele não se deverá quebrar nenhum osso. Toda a comunidade de Israel celebrará a Páscoa. Se algum imigrante que mora com você quiser celebrar a Páscoa de Javé, todos os homens de sua casa deverão ser circuncidados; então, ele poderá celebrá-la e será como um nativo do país. Por isso, nenhum incircunciso poderá comer dela. A mesma lei vale tanto para o nativo como para o imigrante que mora no meio de vocês. Todos os filhos de Israel fizeram o que Javé tinha ordenado a Moisés e Aarão. Nesse dia, Javé tirou do Egito os filhos de Israel, segundo seus exércitos".

Nota:44

Ex 9,4-7: "Javé, no entanto, fará distinção entre os rebanhos de Israel e os rebanhos dos egípcios, de modo que nada perecerá do que pertence aos filhos de Israel. Javé estabeleceu um prazo: amanhã Javé fará isso no país. Javé cumpriu sua palavra no dia seguinte. E morreram todos os animais dos egípcios, mas não morreu nenhum dos animais dos filhos de Israel. O Faraó mandou averiguar e viu que do rebanho de Israel nenhum animal havia morrido. No entanto, o Faraó endureceu o coração e não deixou o povo partir".

Nota:45

cf. **Ap 7,2-4:** "Vi também outro Anjo que vinha do Oriente, trazendo o selo do Deus vivo. Ele gritou em alta voz aos quatro Anjos, que tinham sido encarregados de fazer mal à terra e ao mar: Não prejudiquem a terra,

nem o mar, nem as árvores! Primeiro vamos marcar a frente dos servos do nosso Deus. Ouvi então o número dos que receberam a marca: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos do povo de Israel”.

Ap 9,4: “Eles receberam ordem de não estragar a vegetação da terra, nem o verde, nem as árvores. Só podiam ferir os homens que não tivessem na frente a marca de Deus”.

Nota:46

cf. **1Ts 2,13:** “O motivo do nosso contínuo agradecimento a Deus é este: quando ouviram a Palavra de Deus que anunciamos, vocês a acolheram não como palavra humana, mas como ela realmente é, como Palavra de Deus, que age com eficácia em vocês que acreditam”.

Rm 10,14: “Ora, como poderão invocar aquele no qual não acreditaram? Como poderão acreditar, se não ouviram falar dele? E como poderão ouvir, se não houver quem o anuncie?”.

2Cor 2,17: “Nós não somos como tantos daqueles que falsificam a Palavra de Deus; pelo contrário, é com sinceridade e como enviados de Deus que falamos a respeito de Cristo na presença de vocês”.

Rm 10,18: “Agora eu pergunto: será que eles não ouviram? Ao contrário, pela terra inteira correu a voz deles e suas palavras foram até os confins do mundo”.

2Cor 13,3: “De fato, é evidente que vocês são uma carta de Cristo, da qual nós fomos o instrumento; carta escrita, não com tinta, mas nas tábuas de carne do coração de vocês”.

Lc 10,16: “Quem escuta vocês, escuta a mim, e quem rejeita vocês, rejeita a mim; mas quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou”.

Nota:47

cf. **SC 59:** “Os sacramentos se destinam à santificação dos seres humanos, à edificação do corpo de Cristo e, finalmente, ao culto que se deve a Deus. Como sinais, visam também à instrução. Requerem a fé, mas também a alimentam, sustentam e exprimem, com palavras e coisas, merecendo, por isso, ser chamados sacramentos da fé. Conferem a graça, mas também dispõem os fiéis a recebê-la frutuosamente, prestar o devido culto a Deus e exercer a caridade. É de suma importância que os fiéis entendam os sinais sacramentais e freqüentem assiduamente os sacramentos, instituídos para sustento da vida cristã”.

Nota:48

cf. **Iniciação Cristã**, Observações Preliminares Gerais, n.3: “O Batismo, porta da vida e do Reino, é o primeiro sacramento da nova Lei, que Cristo instituiu para que todos possam alcançar a vida eterna, e em seguida confiou à sua Igreja juntamente com o Evangelho, quando ordenou aos apóstolos: Ide e ensinai a todos os povos; batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Assim, o Batismo é, antes de tudo, o sinal daquela fé com a qual os homens respondem ao Evangelho de Cristo, iluminados pela graça do Espírito Santo. Por conseguinte, a Igreja nada tem de mais importante e de mais próprio do que despertar em todos, sejam catecúmenos, sejam pais ou padrinhos dos batizando, aquela fé verdadeira e ativa, pela qual, dando sua adesão a Cristo, iniciam ou confirmam o pacto da nova aliança. Para essa finalidade ou meta deve ser orientada a instrução pastoral dos catecúmenos, a preparação dos pais, a celebração da Palavra de Deus e a profissão de fé batismal”.

Nota:49

cf. **Ap 5,8:** “Quando ele recebeu o livro, os quatro Seres vivos e os vinte e quatro Anciãos ajoelharam-se diante do Cordeiro. Cada um tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos”.

Ap 8,3: “E outro Anjo se colocou perto do altar: tinha nas mãos um turíbulo de ouro. Ele recebeu uma grande quantidade de incenso para ser oferecido, juntamente com as orações de todos os santos, sobre o altar de ouro, que está diante do trono”.

Nota:50

1Tm 1,15: “Esta palavra é segura e digna de ser acolhida por todos: Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro”.

Nota:51

cf. **Lc 4,18-20:** “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor. Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele”.

Lc 7,18-20: “Os discípulos de João o puseram a par de todas essas coisas. Então João chamou dois de seus discípulos, e os mandou perguntar ao Senhor: És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro? Eles foram a Jesus, e disseram: João Batista nos mandou a ti para perguntar: És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?”.

Nota:52

cf. **Jo 10,10:** “O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”.

Nota:53

1Tm 2,4-5: “Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem”.

Nota:54

cf. **LG 16:** “Os que ainda não receberam o Evangelho mantêm, com o povo de Deus, um relacionamento diversificado. Primeiro o povo a que foram dados os testamentos e as promessas, a cuja raça pertenceu Cristo, por nascimento (cf. Rm 9, 4-5). Povo escolhido com amor, definitivamente, pois os dons e vocação divinos nunca voltam atrás (cf. Rm 11, 28-29). A salvação alcança também aqueles que reconhecem o criador, antes de tudo os muçulmanos, que se filiam à fé de Abraão e conosco adoram a Deus, único e misericordioso, juiz de todos os homens no último dia. Mas Deus também não está longe daqueles que o buscam como a um desconhecido, através de suas sombras e imagens, pois a todos dá vida, inspiração e tudo o mais (cf. At 17, 25-28) e, como salvador, os quer salvar a todos, (cf. 1Tm 2, 4). Todos os que buscam a Deus sinceramente, procuram cumprir a sua vontade, conhecida através da consciência, e agem sob o influxo íntimo da graça, podem obter a salvação. A providência divina não priva dos auxílios necessários à salvação aqueles que, sem culpa expressa, ainda não alcançaram o conhecimento de Deus e procuram seguir o caminho do bem, não sem assistência da graça divina. A Igreja interpreta como preparação evangélica tudo que neles há de bom e de verdadeiro, dom daquele que ilumina todos as pessoas a fim de que tenham vida. Os seres humanos são

muitas vezes enganados pelo Maligno. Com raciocínios vazios trocam a verdade de Deus pela mentira e servem à criatura em lugar do criador (cf. Rm 1, 21.25). Vivendo e morrendo sem Deus, expõem-se ao eterno desespero. Por isso a Igreja, para a glória de Deus e salvação desses homens e mulheres, empenha-se nas missões, de acordo com o preceito do Senhor: Pregai o Evangelho a todas as criaturas. (Mc 16, 15)".

GS 22: "O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado. O primeiro homem, Adão, era imagem do futuro, o Cristo Senhor. Ao revelar o mistério do Pai e de seu amor, Jesus Cristo, o último Adão, manifesta plenamente aos seres humanos o que é o ser humano e a sublimidade da vocação humana. Não admira pois que todas as verdades a que anteriormente aludíamos tenham sua fonte em Cristo e, nele, alcancem sua máxima expressão.

Ele é imagem do Deus invisível (CI 1, 15), homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a integridade violada pelo pecado. Nele, a natureza humana foi assumida sem ser afetada e, por isso mesmo, tornou-se ainda mais digna e preciosa. Pela sua encarnação, o Filho de Deus, de certo modo, uniu-se a todos os seres humanos. Trabalhou com mãos humanas, pensou e agiu como qualquer ser humano, amando com um coração humano. Nascido da virgem Maria, foi realmente um dos nossos em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, tendo derramado livremente o seu sangue, nos mereceu a vida. Nele, Deus se reconciliou conosco e nos livrou da escravidão do demônio e do pecado, para que cada um de nós pudesse dizer com o apóstolo: o Filho de Deus me amou e se entregou por mim (Gl 2, 20). Sofrendo por nós, não apenas deu exemplo, para que lhe sigamos os passos, mas estabeleceu o caminho através do qual a vida e a morte ganham um sentido novo e se tornam vias de santificação.

O cristão, conforme a imagem do Filho, primogênito entre muitos irmãos, recebeu as primícias do Espírito (Rm 8, 23), tornando-se capaz de cumprir a nova lei do amor. Pelo Espírito, que é penhor da herança (Ef 1, 14), o homem interior se renova completamente, até a redenção do corpo (Rm 8, 23): Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu Espírito que habita em vocês (Rm 8, 11).

O cristão precisa sem dúvida e tem o dever de lutar contra o mal através de todas as dificuldades, aceitando, inclusive, a morte. Associado porém ao mistério pascal e configurando-se ao Cristo na morte, caminha animado pela esperança da ressurreição.

Isto não vale somente para os fiéis, mas para todos os homens de boa vontade, em cujo coração atua a graça, de maneira invisível. Como Cristo morreu por todos, todos são chamados a participar da mesma vida divina. Deve-se pois admitir que o Espírito Santo oferece absolutamente a todos os seres humanos a possibilidade de se associar ao mistério pascal, de maneira conhecida somente por Deus.

Eis o grande e admirável mistério do ser humano. Os fiéis o reconhecem através da revelação cristã. Por Cristo e em Cristo brilha uma luz no fim do túnel de dor e de morte, que nos sufocaria, não fosse o Evangelho. Cristo ressuscitou. Destruíu a morte com sua morte e a todos deu a vida, para que, como filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abba! Pai!".

Nota:55

Mc 16,16: "Quem acreditar e for batizado, será salvo. Quem não acreditar, será condenado".

Nota:56

Jo 3,3,5: "Jesus respondeu: Eu garanto a você: se alguém não nasce do alto, não poderá ver o Reino de Deus. Jesus respondeu: Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito".

Nota:57

cf. **Ef 6,16:** "tenham sempre na mão o escudo da fé, e assim poderão apagar as flechas inflamadas do Maligno".

1Jo 3,8: "Quem comete o pecado pertence ao Diabo, porque o Diabo é pecador desde o princípio. Foi para isto que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo".

Mt 6,13: "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal".

Nota:58

cf. **CI 1,13:** "Deus Pai nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu Filho amado".

Jo 8,12: "Jesus continuou dizendo: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida".

Nota:59

cf. **Mt 9,2.6.13:** "Nisso, levaram a ele um paraplético deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paraplético: Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados.

Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados então disse Jesus ao paraplético: Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa.

Aprendam, pois, o que significa: Eu quero a misericórdia e não o sacrifício. Porque eu não vim para chamar justos, e sim pecadores".

Lc 5,20: "Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse: Homem, seus pecados estão perdoados".

Lc 7,48: "E Jesus disse à mulher: Seus pecados estão perdoados".

Nota:60

cf. **CI 1,12-13:** "Com alegria, dêem graças ao Pai, que permitiu a vocês participarem da herança dos cristãos, na luz. Deus Pai nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu Filho amado".

Jo 8,12: "Jesus continuou dizendo: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida".

Jo 12, 35-36.46: "Jesus respondeu: A luz ainda estará no meio de vocês por um pouco de tempo. Procurem caminhar enquanto vocês têm a luz, para que as trevas não alcancem vocês. Quem caminha nas trevas não sabe para onde está indo. Enquanto vocês têm a luz, acreditem na luz, para que vocês se tornem filhos da luz. Depois de dizer isso, Jesus foi embora e se escondeu deles.

Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que acredita em mim não fique nas trevas".

Ef 5,8: "Outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Por isso, comportem-se como filhos da luz".

1Ts 5,5: "Porque todos vocês são filhos da luz e filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas".

1Pd 2,9: "Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa".

Nota:61

cf. **1Cor 10,13**: "Vocês não foram tentados além do que podiam suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejam tentados acima das forças que vocês têm. Mas, junto com a tentação, ele dará a vocês os meios de sair dela e a força para suportá-la".

2Pd 2,9: "Isso tudo mostra que o Senhor sabe libertar da prova aqueles que o servem, e reserva os ímpios para o castigo no dia do julgamento".

Ap 3,10: "Uma vez que você guardou a minha ordem para perseverar, eu também guardarei você da hora da tentação. Essa hora virá sobre o mundo inteiro, para colocar à prova os habitantes da terra".

Nota:62

cf. **At 23,11**: "Na noite seguinte, o Senhor aproximou-se de Paulo e lhe disse: Tenha confiança. Assim como você deu testemunho de mim em Jerusalém, é preciso que também dê testemunho em Roma".

Ef 6,20: "do qual sou embaixador aprisionado. Que eu possa anunciá-lo com ousadia, como é meu dever".

Nota:63

cf. **Ex 15,2**: "Javé é minha força e meu canto, ele foi a minha salvação. Ele é o meu Deus: eu o louvarei; é o Deus de meu pai: eu o exaltarei".

Sl 141,7: "Como pedra de moinho, rebentada por terra, nossos ossos estão espalhados junto à boca do túmulo".

Cl 1,11: "fortalecidos em todos os sentidos pelo poder de sua glória. Assim vocês terão perseverança e paciência a toda prova".

1Cor 10,13: "Vocês não foram tentados além do que podiam suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejam tentados acima das forças que vocês têm. Mas, junto com a tentação, ele dará a vocês os meios de sair dela e a força para suportá-la".

Ef 6,10: "Ademais, fortaleçam-se no Senhor e na força do seu poder".

2Tm 4,17: "Mas o Senhor ficou comigo e me encheu de força, a fim de que eu pudesse anunciar toda a mensagem, e ela chegasse aos ouvidos de todas as nações. E assim eu fui liberto da boca do leão".

Ap 3,8: "Conheço sua conduta; coloquei à sua frente uma porta aberta, que ninguém mais poderá fechar. Pois você tem pouca força, mas guardou minha palavra e não renegou meu nome".

Nota:64

Sl 58,11: "Que o justo se alegre ao ver a vingança, e lave seus pés no sangue do injusto".

Nota:65

Ef 6,11.14: "Vistam a armadura de Deus para poderem resistir às manobras do diabo. Estejam, portanto, bem firmes: cingidos com o cinturão da verdade, vestidos com a couraça da justiça".

Is 11,5: "A justiça é a correia de sua cintura, é a fidelidade que lhe aperta os rins".

Is 59,17: "Ele se vestiu de justiça como de couraça, e colocou na cabeça o capacete da salvação; revestiu-se com a veste da vingança, e por manto envolveu-se na indignação".

1Ts 5,8: "Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé e do amor e com o capacete da esperança da salvação".

Nota:66

Ef 6,11: "Vistam a armadura de Deus para poderem resistir às manobras do diabo".

Nota:67

Fl 4,13: "Tudo posso naquele que me fortalece".

Nota:68

Rito para o Batismo de Crianças, n.55: "Durante o tempo pascal, nas igrejas em que a água foi consagrada na Vigília pascal, para que não falte ao Batismo o louvor e a súplica, faça-se a oração sobre a água, segundo os n.223-224, pp. 137-139, tendo em conta as variações do texto no final das fórmula".

Nota:69

Gn 1,2.6-10: "A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: Que exista um firmamento no meio das águas para separar águas de águas! Deus fez o firmamento para separar as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento. E assim se fez. E Deus chamou ao firmamento céu. Houve uma tarde e uma manhã: foi o segundo dia. Deus disse: Que as águas que estão debaixo do céu se ajuntem num só lugar, e apareça o chão seco. E assim se fez. E Deus chamou ao chão seco terra, e ao conjunto das águas mar. E Deus viu que era bom".

Gn 1,21-22: "E Deus criou as baleias e os seres vivos que deslizam e vivem na água, conforme a espécie de cada um, e as aves de asas conforme a espécie de cada uma. E Deus viu que era bom. E Deus os abençoou e disse: Sejam fecundos, multipliquem-se e encham as águas do mar; e que as aves se multipliquem sobre a terra".

Nota:70

Gn 7,9: "entrou um casal, macho e fêmea, na arca de Noé, conforme Deus havia ordenado a Noé".

Nota:71

Ex 14,15-22: "Javé disse a Moisés: "Por que você está clamando por mim? Diga aos filhos de Israel que avancem. Quanto a você, erga a vara, estenda a mão sobre o mar e dívida-o pelo meio para que os filhos de Israel possam atravessá-lo a pé enxuto. Eu endureci o coração dos egípcios, para que eles persigam vocês. Assim eu mostrarei a minha honra, derrotando o Faraó e seu exército, com seus carros e cavaleiros. Quando eu derrotar o Faraó com seus carros e cavaleiros, os egípcios ficarão sabendo que eu sou Javé". O anjo de Deus, que ia na frente do exército de Israel, se retirou para ficar na retaguarda. A coluna de nuvem também se retirou da frente deles e se colocou atrás, ficando entre o acampamento dos egípcios e o acampamento de Israel. A nuvem se escureceu, e durante toda a noite a escuridão impediu que um se aproximasse do outro. Moisés estendeu a mão sobre o mar, e Javé fez o mar se retirar com um forte vento oriental, que soprou a noite inteira: o mar ficou seco e as águas se dividiram em duas. Os filhos de Israel entraram pelo mar a pé enxuto, e as águas formavam duas muralhas, à direita e à esquerda".

Nota:72

Mt 3,13-17: "Jesus foi da Galiléia para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João, e ser batizado por ele. Mas João procurava impedi-lo dizendo: Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim? Jesus, porém, lhe respondeu: Por enquanto deixe como está! Porque devemos cumprir toda a justiça. E João concordou.

Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele. E do céu veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho amado, que muito me agrada”.

Nota:73

Jo 19,34: “mas um soldado lhe atravessou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água”.

Nota:74

Mt 28,19: “Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Nota:75

Rm 6,4-5: “Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos por meio da glória do Pai, assim também nós possamos caminhar numa vida nova. Se permanecermos completamente unidos a Cristo com morte semelhante à dele, também permaneceremos com ressurreição semelhante à dele”.

Nota:76

Cl 2,12: “Com alegria, dêem graças ao Pai, que permitiu a vocês participarem da herança dos cristãos, na luz”. cf. **1Pd 3,21-22:** “Aquela água representava o batismo que agora salva vocês; não se trata de limpeza da sujeira corporal, mas do compromisso solene de uma boa consciência diante de Deus, mediante a ressurreição de Jesus Cristo. Ele subiu ao céu e está sentado à direita de Deus, após ter submetido os anjos, as dominações e os poderes”.

UR 22: “Quando conferido de acordo com a instituição do Senhor e recebido com a devida disposição de alma, o sacramento do batismo incorpora de fato a pessoa a Cristo crucificado e ressuscitado e a regenera para a participação na vida divina, segundo o que diz o apóstolo: sepultados juntamente com ele pelo batismo, em quem também ressuscitamos, pela fé no gesto divino, que o ressuscitou dentre os mortos (Cl 2, 12).

O batismo é por conseguinte um vínculo sacramental de unidade, unindo todos os que foram regenerados por ele. Mas o batismo é também um simples começo, que tende à consecução da plenitude da vida em Cristo. Assim, o batismo está ordenado à profissão da fé integral, à plena incorporação na instituição da salvação, segundo a vontade de Cristo, e, finalmente, à participação na comunhão eucarística.

As denominações eclesiais separadas, embora não estejam unidas conosco segundo a unidade plena, radicada no batismo, e embora acreditemos, sobretudo pela falta do sacramento da ordem, que não tenham conservado integralmente a substância do mistério eucarístico, ao celebrarem a santa ceia, fazem efetivamente memória da morte e da ressurreição do Senhor, manifestam, pela comunhão, a vida em Cristo e testemunham esperar a sua vinda gloriosa. Por isso a doutrina a respeito da ceia do Senhor, dos outros sacramentos, do culto e do ministério da Igreja deve necessariamente ser objeto de diálogo”.

Nota:77

SC 5: “5. Deus quer que todos os homens sejam salvos e alcancem o reconhecimento da verdade (1Tm 2,4). Falou outrora aos pais, pelos profetas, de muitos modos e maneiras (Hb 1,1). Quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo encarnado, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres e curar os corações feridos, como *médico do corpo e da alma*, mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, unida à pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Em Cristo realizou-se nossa perfeita reconciliação e nos foi dado acesso à plenitude do culto divino.

Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que *morrendo destruiu a nossa morte e, ressuscitando, restaurou-nos a vida*, realizou a obra da redenção dos homens e, rendendo a Deus toda glória, como foi prenunciado nas maravilhas de que foi testemunha o povo do Antigo Testamento. Do lado de Cristo, morto na cruz, brotou o admirável mistério da Igreja.”

Nota:78

Rm 6,11: “Assim também vocês considerem-se mortos para o pecado e vivos para Deus, em Jesus Cristo”.

Nota:79

Rito para o Batismo de Crianças, A Iniciação Cristã, n.6: “Bem mais valioso que as purificações da antiga Lei, o Batismo produz todos os efeitos supramencionados, em virtude do mistério da paixão e da ressurreição do Senhor. Todos os que são batizados, enxertados nele por morte semelhante à de Cristo, juntamente com ele sepultados na morte, são convivificados e conressuscitados com ele. O Batismo recorda e realiza o mistério pascal, uma vez que por ele os homens passam da morte do pecado para a vida. Razão pela qual em sua celebração, sobretudo na vigília pascal e nos domingos, convém que transpareça a alegria da ressurreição”.

Nota:80

Gn 2,10-14: “Um rio saía de Éden para regar o jardim, e de lá se dividia em quatro braços. O primeiro chama-se Fison: é aquele que rodeia toda a terra de Hévilá, onde existe ouro; e o ouro dessa terra é puro, e nela se encontram também o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: ele rodeia toda a terra de Cuch. O terceiro rio chama-se Tigre e corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates”.

Nota:81

cf. **Is 35,1.6-7:** “Alegram-se o deserto e a terra seca, o campo floresça de alegria; os aleijados saltarão como cervo, e a língua do mudo cantará, porque jorrarão águas no deserto e rios na terra seca. A terra seca se mudará em vargens, e o chão seco se encherá de fontes. E onde viviam os lobos, a erva se transformará em taboa e junco”.

Nota:82

cf. **Jo 7,37-39:** “No último dia da festa, que é o mais solene, Jesus ficou de pé e gritou: Se alguém tem sede, venha a mim, e aquele que acredita em mim, beba. É como diz a Escritura: Do seu seio jorrarão rios de água viva. Jesus disse isso, referindo-se ao Espírito que deveriam receber os que acreditassem nele. De fato, ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”.

Nota:83

Jo 3,5: “Jesus respondeu: Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito”.

Nota:84

LG 64: “A Igreja, contemplando a misteriosa santidade de Maria, imitando-lhe a caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai a partir da fiel acolhida da palavra de Deus, torna-se igualmente mãe: pela pregação e pelo

batismo, gera para a vida nova os filhos que nascem de Deus, concebidos pelo Espírito Santo. A Igreja é também virgem. Guarda pura e íntegra a sua fidelidade ao esposo. Imita a mãe do seu Senhor e, na força do Espírito Santo, conserva virginalmente a firmeza da fé, a solidez da esperança e a sinceridade do amor”.

Nota:85

cf. **2Pd 1,4**: “Por meio delas é que ele nos deu os bens extraordinários e preciosos que tinham sido prometidos, e com esses vocês se tornassem participantes da natureza divina, depois de escaparem da corrupção que o egoísmo provoca neste mundo”.

Nota:86

cf. **Jo 1,12-13**: “Ela, porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome. Estes não nasceram do sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus”.

Nota:87

cf. **Rm 8,14-17**: “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros junto com Cristo, uma vez que, tendo participado dos seus sofrimentos, também participaremos da sua glória”.

Gl 3,26-28: “De fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo”.

Nota:88

cf. **At 1,5**: “João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo”.

At 4,2: “Estavam irritados porque os apóstolos ensinavam o povo e anunciavam que a ressurreição dos mortos tinha acontecido em Jesus”.

At 19,1-13: “Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou as regiões mais altas e chegou a Éfeso. Encontrou aí alguns discípulos, e perguntou-lhes: Quando vocês abraçaram a fé receberam o Espírito Santo? Eles responderam: Nós nem sequer ouvimos falar que existe um Espírito Santo. Paulo perguntou: Que batismo vocês receberam? Eles responderam: O batismo de João. Então Paulo explicou: João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus. Ao ouvir isso, eles se fizeram batizar em nome do Senhor Jesus. Logo que Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram, ao todo, doze homens. Em seguida, Paulo foi à sinagoga e, durante três meses, falava com toda a convicção, discutindo e procurando convencer os ouvintes sobre o Reino de Deus. Todavia como alguns se obstinavam na incredulidade e falavam mal do Caminho diante da multidão, Paulo rompeu com eles, separou os discípulos e, diariamente, os ensinava na escola de um homem chamado Tiranos. Isso durou dois anos, de modo que todos os habitantes da Ásia, judeus e gregos, puderam ouvir a Palavra do Senhor. Deus realizava milagres extraordinários pelas mãos de Paulo, a tal ponto que pegavam lenços e aventais usados por Paulo para colocá-los sobre os doentes, e estes eram libertados de suas doenças e os espíritos maus eram afastados. Alguns exorcistas judeus itinerantes começaram a invocar o nome do Senhor Jesus sobre aqueles que tinham espíritos maus. E diziam: Eu esconjuro vocês por este Jesus que Paulo está pregando”.

Nota:89

Rm 8,14-17: “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros junto com Cristo, uma vez que, tendo participado dos seus sofrimentos, também participaremos da sua glória”.

Gl 4,6: “A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!”.

Nota:90

cf. **Jo 3,5**: “Jesus respondeu: Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito”.

Nota:91

Tt 3,5-6: “não por causa dos atos justos que tivéssemos praticado, mas porque fomos lavados por sua misericórdia através do poder regenerador e renovador do Espírito Santo. Deus derramou abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador”.

Nota:92

2Rs 5: “Naamã, chefe do exército do rei de Aram, era homem estimado e favorecido pelo seu senhor. Foi por meio dele que Javé concedeu a vitória aos arameus. No entanto, esse homem valente ficou leproso. Numa incursão, os arameus tinham levado do território de Israel uma jovem, que ficou a serviço da mulher de Naamã. Ela disse à patroa: Meu senhor poderia apresentar-se ao profeta de Samaria. Ele certamente o livraria da lepra. Naamã foi informar seu senhor: A moça israelita disse isso. O rei de Aram lhe disse: Vá até lá. Vou mandar uma carta para o rei de Israel. Naamã partiu levando trezentos e cinqüenta quilos de prata, sessenta e oito quilos de ouro e dez roupas de festa. Naamã entregou ao rei de Israel a carta que dizia: Quando você receber esta carta, verá que estou lhe mandando meu servo Naamã para que o cure da lepra. O rei de Israel leu a carta e rasgou as próprias roupas, exclamando: Por acaso eu sou um deus, capaz de dar a morte ou a vida, para que esse fulano me mande um homem para eu curá-lo de lepra? Vejam bem: ele anda buscando algum pretexto contra mim! Eliseu, homem de Deus, soube que o rei de Israel tinha rasgado as próprias roupas, e mandou dizer a ele: Por que você rasgou as roupas? Deixe que ele venha ao meu encontro, e ficará sabendo que há um profeta em Israel. Naamã chegou com seus cavalos e seu carro, e parou na frente da casa de Eliseu. Então Eliseu mandou um mensageiro até ele com esta ordem: Vá e se lave sete vezes no rio Jordão. Seu corpo ficará limpo, e você ficará curado. Naamã se irritou e foi embora, dizendo: Eu pensava que ele saísse e invocasse de pé o nome de Javé, o Deus dele. Depois passasse a mão no lugar da doença e, assim, me livrasse da lepra. Por acaso o Abana e o Farfar, rios de Damasco, não são melhores que todas as águas de

Israel? Eu não poderia lavar-me neles e ficar curado? Virou-se e foi embora indignado. Seus servos se aproximaram e disseram: Se o profeta lhe tivesse mandado fazer alguma coisa difícil, o senhor não faria? No entanto, ele só mandou isto: Lave-se, e você ficará curado. Então Naamã desceu e mergulhou sete vezes no rio Jordão, como o homem de Deus havia dito. Sua carne se tornou como a carne de uma criança, e ele ficou curado. Então Naamã voltou com toda a sua comitiva até o homem de Deus. Entrou, parou na frente do profeta e disse: Agora eu sei que não há outro Deus na terra, a não ser em Israel! Por favor, aceite um presente do seu servo. Eliseu respondeu: Pela vida de Javé, a quem eu sirvo: não aceitarei nenhum presente. Naamã insistiu para que ele aceitasse, mas ele recusou. Então Naamã pediu: Já que o senhor recusou, ao menos permita que seja dado a seu servo a quantidade de terra que duas mulas podem carregar, pois o seu servo não oferecerá mais holocausto e sacrifício a outros deuses, mas somente para Javé. E que Javé perdoe só uma coisa ao seu servo: quando o rei, meu senhor, vai ao templo de Remon para adorar, ele se apóia no meu braço e eu também me prostro junto com ele no templo de Remon. Que Javé perdoe esse gesto do seu servo. Eliseu disse: Vá em paz. Naamã já se havia distanciado um bom tanto, quando Giezi, servo de Eliseu, pensou: Meu senhor foi condescendente com esse arameu Naamã, não aceitando dele o presente oferecido. Pela vida de Javé! Vou correr atrás dele e ganharei alguma coisa. Então Giezi saiu correndo para alcançar Naamã. Quando Naamã viu que Giezi ia correndo atrás dele, desceu do carro, foi ao seu encontro, e perguntou: Está tudo bem? Giezi respondeu: Tudo bem. Só que meu senhor mandou dizer-lhe: Agora mesmo acabam de chegar, da região montanhosa de Efraim, dois jovens irmãos profetas. Por favor, dê para eles trinta e cinco quilos de prata e duas roupas de festa. Naamã respondeu: Aceite setenta quilos. Insistiu para que Giezi aceitasse. Depois Naamã colocou setenta quilos de prata e as roupas de festa em duas sacolas, e entregou a dois servos seus. Estes foram na frente de Giezi, levando as sacolas. Chegando a Ofel, Giezi pegou os presentes, guardou-os em casa, despediu os homens, e eles foram embora. Depois Giezi foi ao encontro do seu senhor, e Eliseu lhe perguntou: Onde é que você foi, Giezi? Ele respondeu: O seu servo não foi a lugar nenhum. Mas Eliseu retrucou: Você pensa que o meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você? Agora que você recebeu o dinheiro, com ele você pode comprar roupas, plantações de azeitonas, vinhas, ovelhas, bois, servos e servas. Mas a lepra de Naamã passará para você e seus descendentes para sempre. E Giezi saiu da presença de Eliseu, branco como a neve, por causa da lepra".

Zc 13,1-2: "Nesse dia, estará à disposição da casa de Davi e dos habitantes de Jerusalém uma fonte para lavar o pecado e a impureza. Eliminação dos ídolos. Nesse dia oráculo de Javé dos exércitos cortarei do país o nome dos ídolos, para que nunca mais sejam lembrados. Também expulsarei do país os profetas e o espírito de impureza".

Nota:93

SI 50,2-4: "Quando o profeta Natã foi encontrá-lo, após ele ter estado com Betsabéia. Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor! Por tua grande compaixão, apaga a minha culpa! Lava-me da minha injustiça e purifica-me do meu pecado!".

Nota:94

cf. **Ef 5,26:** "assim, ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra".

Nota:95

Rito para o Batismo de Crianças; A Iniciação Cristã, n.5: "O banho com água unido à palavra da vida, que é o Batismo, lava os homens de toda culpa, tanto original como pessoal e os torna participantes da natureza divina e da adoção de filhos. O Batismo, é, pois, o banho da regeneração e do nascimento dos filhos de Deus, como é proclamado nas orações para a bênção da água. Invoca-se a Santíssima Trindade sobre os batizados, que são marcados em seu nome, para que lhe sejam consagrados e entrem em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A tal sublimidade devem preparar e conduzir as leituras bíblicas, as preces da comunidade e a tríplice profissão de fé".

Nota:96

cf. **Rm 6,2:** "De jeito nenhum! Uma vez que já morremos para o pecado, como poderíamos ainda viver no pecado?".

Nota:97

Gn 6,7: "E Javé disse: Vou exterminar da face da terra os homens que criei, e junto também os animais, os répteis e as aves do céu, porque me arrependo de os ter feito".

Nota:98

Ex 14: "Javé falou a Moisés: "Diga aos filhos de Israel que voltem e acampem em Piariot, entre Magdol e o mar, diante de Baal Sefon; aí vocês acamparão, junto ao mar. O Faraó irá pensar que os filhos de Israel andam errantes pelo país e que o deserto os bloqueou. Eu endurecerei o coração do Faraó, que os perseguirá. Então eu mostrarei a minha honra, derrotando o Faraó e todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou Javé". E os filhos de Israel assim fizeram.

Quando comunicaram ao rei do Egito que o povo tinha fugido, o Faraó e seus ministros mudaram de opinião sobre o povo e disseram: "O que é que nós fizemos? Deixamos partir nossos escravos israelitas!" O Faraó mandou aprontar seu carro e levou consigo suas tropas: seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles. Javé endureceu o coração do Faraó, rei do Egito, e este perseguiu os filhos de Israel, que saíram ostensivamente.

Perseguindo com todos os cavalos e carros do Faraó, os cavaleiros e o exército os alcançaram quando estavam acampados junto ao mar, em Piariot, diante de Baal Sefon. Quando o Faraó se aproximou, os filhos de Israel levantaram os olhos e viram que os egípcios avançavam atrás deles. Cheios de medo, clamaram a Javé, e disseram a Moisés: "Será que não havia sepulturas lá no Egito? Você nos trouxe ao deserto para morrermos! Por que nos tratou assim, tirando-nos do Egito? Não é isso que nós dizíamos a você lá no Egito: 'Deixe-nos em paz, para que sirvamos aos egípcios'? O que é melhor para nós? Servir aos egípcios ou morrer no deserto?" Moisés respondeu ao povo: "Não tenham medo. Fiquem firmes, e verão o que Javé fará hoje para salvar vocês. Nunca mais vocês verão os egípcios, como estão vendo hoje. Javé combaterá por vocês. Podem ficar tranquilos".

Javé disse a Moisés: "Por que você está clamando por mim? Diga aos filhos de Israel que avancem. Quanto a você, erga a vara, estenda a mão sobre o mar e divida-o pelo meio para que os filhos de Israel possam atravessá-lo a pé enxuto. Eu endureci o coração dos egípcios, para que eles persigam vocês. Assim eu

mostrarei a minha honra, derrotando o Faraó e seu exército, com seus carros e cavaleiros. Quando eu derrotar o Faraó com seus carros e cavaleiros, os egípcios ficarão sabendo que eu sou Javé".

O anjo de Deus, que ia na frente do exército de Israel, se retirou para ficar na retaguarda. A coluna de nuvem também se retirou da frente deles e se colocou atrás, ficando entre o acampamento dos egípcios e o acampamento de Israel. A nuvem se escureceu, e durante toda a noite a escuridão impediu que um se aproximasse do outro.

Moisés estendeu a mão sobre o mar, e Javé fez o mar se retirar com um forte vento oriental, que soprou a noite inteira: o mar ficou seco e as águas se dividiram em duas. Os filhos de Israel entraram pelo mar a pé enxuto, e as águas formavam duas muralhas, à direita e à esquerda. Na perseguição, os egípcios entraram atrás deles com todos os cavalos do Faraó, seus carros e cavaleiros, e foram até o meio do mar. De madrugada, Javé olhou da coluna de fogo e da nuvem, viu o acampamento dos egípcios e provocou uma confusão no acampamento: emperrou as rodas dos carros, fazendo-os andar com dificuldade. Então os egípcios disseram: "Vamos fugir de Israel, porque Javé combate a favor deles". Javé disse a Moisés: "Estenda a mão sobre o mar, e as águas se voltarão contra os egípcios, seus carros e cavaleiros". Moisés estendeu a mão sobre o mar. E, de manhã, este voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram ao encontro do mar, e Javé atirou-os no meio do mar. As águas voltaram, cobrindo os carros e os cavaleiros de todo o exército do Faraó, que os haviam seguido no mar: nem um só deles escapou. Os filhos de Israel, porém, passaram pelo meio do mar a pé enxuto, enquanto as águas se erguiam em forma de muralhas, à direita e à esquerda. Nesse dia Javé salvou Israel das mãos dos egípcios, e Israel viu os cadáveres dos egípcios à beira-mar. Israel viu a mão forte com que Javé atuou contra o Egito. Então o povo temeu a Javé e acreditou nele e no seu servo Moisés".

Nota:99

Jo 3,5: "Jesus respondeu: Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito".

Nota:100

Gn 3,1-5.13: "serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus havia feito. Ela disse para a mulher: É verdade que Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim? A mulher respondeu para a serpente: Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer. Então a serpente disse para a mulher: De modo nenhum vocês morrerão. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal. Javé Deus disse para a mulher: O que foi que você fez? A mulher respondeu: A serpente me enganou, e eu comi".

Nota:101

Gn 3,6: "Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu".

Nota:102

cf. **Nm 11,1-15:** "O povo começou a queixar-se a Javé de suas desgraças. Ao ouvir a queixa, a ira dele se inflamou, e o fogo de Javé começou a devorar uma extremidade do acampamento. O povo gritou a Moisés. Este intercedeu junto a Javé em favor deles, e o incêndio se apagou. Esse local se chamou Lugar do Incêndio, porque aí o fogo de Javé ardeu contra eles.

A multidão que estava com eles ficou faminta. Então os filhos de Israel começaram a reclamar junto com eles, dizendo: "Quem nos dará carne para comer? Temos saudade dos peixes que comíamos de graça no Egito, os pepinos, melões, verduras, cebolas e alhos! Agora, perdemos até o apetite, porque não vemos outra coisa além desse maná!" O maná era parecido com a semente de coentro e tinha aparência de resina. O povo se espalhava para juntá-lo e o esmagava no moinho ou moía no pilão; depois o cozinhava numa panela e fazia bolos, com gosto de bolo amassado com azeite. À noite, quando caía orvalho sobre o acampamento, caía também o maná.

Moisés ouviu o povo reclamar, cada família na entrada da própria tenda, provocando a ira de Javé. Moisés ficou desgostoso, e disse a Javé: "Por que tratas tão mal o teu servo? Por que gozo tão pouco do teu favor, a ponto de me impores o peso de todo este povo? Por acaso, fui eu que concebi ou dei à luz este povo, para que me digas: 'Tome este povo nos braços, da maneira que a ama carrega a criança no colo, e leve-o para a terra que eu jurei dar aos pais deles'? De onde vou tirar carne para dar a todo este povo? Eles vêm a mim reclamando: 'Dê-nos carne para comer'. Eu sozinho não consigo carregar este povo, pois supera as minhas forças! Se é assim que me pretendes tratar, prefiro a morte! Concede-me esse favor, e eu não terei que passar por essa desgraça!".

Nota:103

cf. **Lc 4,1-13:** "Repleto do Espírito Santo, Jesus voltou do rio Jordão, e era conduzido pelo Espírito através do deserto. Aí ele foi tentado pelo diabo durante quarenta dias. Não comeu nada nesses dias e, depois disso, sentiu fome. Então o diabo disse a Jesus: Se tu és Filho de Deus, manda que essa pedra se torne pão. Jesus respondeu: A Escritura diz: Não só de pão vive o homem. O diabo levou Jesus para o alto. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. E lhe disse: Eu te darei todo o poder e riqueza desses reinos, porque tudo isso foi entregue a mim, e posso dá-lo a quem eu quiser. Portanto, se te ajoelhares diante de mim, tudo isso será teu. Jesus respondeu: A Escritura diz: Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá. Depois o diabo levou Jesus a Jerusalém, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: Se tu és Filho de Deus, joga-te daqui para baixo. Porque a Escritura diz: Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, que te guardem com cuidado. E mais ainda: Eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra. Mas Jesus respondeu: A Escritura diz: Não tente o Senhor seu Deus. Tendo esgotado todas as formas de tentação, o diabo se afastou de Jesus, para voltar no tempo oportuno".

Mt 4,1-11: "Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães! Mas Jesus respondeu: A Escritura diz: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: Se tu és Filho de Deus, joga-te para baixo! Porque a

Escritura diz: Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, e eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra. Jesus respondeu-lhe: A Escritura também diz: Não tente o Senhor seu Deus. O diabo tornou a levar Jesus, agora para um monte muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. E lhe disse: Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar. Jesus disse-lhe: Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a ele servirá. Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus”.

Mc 1,12-13: “Em seguida o Espírito impeliu Jesus para o deserto. E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí era tentado por Satanás. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam”.

Lc 11,14s-15: “Jesus estava expulsando um demônio que era mudo. Quando o demônio saiu, o mudo começou a falar, e as multidões ficaram admiradas. Mas alguns disseram: É por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios”.

Nota:104

1Cor 15,45: “Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida”.

1Cor 15,21-22: “De fato, já que a morte veio através de um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos receberão a vida”.

Rm 5,12-21: “Assim como o pecado entrou no mundo através de um só homem e com o pecado veio a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram. De fato, já antes da Lei existia pecado no mundo, embora o pecado não possa ser levado em conta quando não existe Lei. Ora, a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, cometendo uma transgressão igual à de Adão, o qual é figura daquele que devia vir. O dom da graça, porém, não é como a falta. Se todos morreram devido à falta de um só, muito mais abundantemente se derramou sobre todos a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo. Também não acontece com o dom da graça, como aconteceu com o pecado de um só que pecou: a partir do pecado de um só, o julgamento levou à condenação, ao passo que a partir de numerosas faltas, o dom da graça levou à justificação. Porque se através de um só homem reinou a morte por causa da falta de um só, com muito mais razão reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça, por meio de um só: Jesus Cristo. Portanto, assim como pela falta de um só resultou a condenação para todos os homens, do mesmo modo foi pela justiça de um só que resultou para todos os homens a justificação que dá a vida. Assim como, pela desobediência de um só homem, todos se fizeram pecadores, do mesmo modo, pela obediência de um só, todos se tornarão justos. A Lei sobreveio para dar plena consciência da falta; mas, onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça, para que, assim como o pecado havia reinado através da morte, do mesmo modo a graça reine através da justiça para a vida eterna, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Nota:105

cf. **Rm 9,25:** “Como ele diz em Oséias: Chamarei Meu-povo àquele que não é meu povo, e Amada àquela que não é amada”.

Tt 2,14: “Ele se entregou a si mesmo por nós, para nos resgatar de toda iniquidade e para purificar um povo que lhe pertence, e que seja zeloso nas boas obras”.

1Pd 2,9-10: “Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas naquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa. Vocês que antes não eram povo, agora são povo de Deus; vocês que não tinham alcançado misericórdia, mas agora alcançaram misericórdia”.

Ap 21,3: “Nisso, saiu do trono uma voz forte. E ouvi: Esta é a tenda de Deus com os homens. Ele vai morar com eles. Eles serão o seu povo e ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus”.

Nota:106

cf. **Dt 8,3:** “Ele humilhou você, fez você sentir fome e o alimentou com o maná, que nem você nem seus antepassados conheciam, tudo para mostrar a você que o homem não vive só de pão, mas que o homem vive de tudo aquilo que sai da boca de Javé”.

Nota:107

Dt 6,16: “Não tentem a Javé seu Deus, como vocês o tentaram em Massa”.

Nota:108

Dt 6,3: “Portanto, Israel, ouça e procure colocar em prática o que será bom para você e que o multiplicará muito, como Javé, o Deus de seus antepassados, lhe disse ao entregar a você uma terra onde corre leite e mel”.

Nota:109

cf. **Mc 10,45:** “Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos”.

Nota:110

Fl 2,8: “humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!”.

Nota:111

cf. **Ez 37,14.24:** “Colocarei em vocês o meu espírito, e vocês reviverão. Eu os colocarei em sua própria terra, e vocês ficarão sabendo que eu, Javé, digo e faço oráculo de Javé. O meu servo Davi reinará sobre eles, e haverá um só pastor para todos. Eles viverão segundo as minhas normas, observarão os meus estatutos e os colocarão em prática”.

Nota:112

cf. **Rm 8,15:** “E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai!”.

Nota:113

cf. **Rm 8,13-14:** “Se vocês vivem segundo os instintos egoístas, vocês morrerão; mas se com a ajuda do Espírito fazem morrer as obras do corpo, vocês viverão. Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”.

Rm 5,5: “E a esperança não engana, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.

Nota:114

Jo 15,12: "O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês".

Nota:115

1Pd 5,8-9: "Sejam sóbrios e fiquem de prontidão! Pois o diabo, que é o inimigo de vocês, os rodeia como um leão que ruge, procurando a quem devorar. Resistam ao diabo, permanecendo firmes na fé, pois vocês sabem que essa mesma espécie de sofrimento atinge os seus irmãos que estão espalhados pelo mundo".

Nota:116

Rito para o Batismo de Crianças, A Iniciação Cristã, n.3: "O Batismo, porta da vida e do Reino, é o primeiro sacramento da nova Lei, que Cristo instituiu para que todos possam alcançar a vida eterna, e em seguida confiou à sua Igreja juntamente com o Evangelho, quando ordenou aos apóstolos: Ide e ensinai a todos os povos; batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Assim, o Batismo é, antes de tudo, o sinal daquela fé com a qual os homens respondem ao Evangelho de Cristo, iluminados pela graça do Espírito Santo. Por conseguinte, a Igreja nada tem de mais importante e de mais próprio do que despertar em todos, sejam catecúmenos, sejam pais ou padrinhos dos batizando, aquela fé verdadeira e ativa, pela qual, dando sua adesão a Cristo, iniciam ou confirmam o pacto da nova aliança. Para essa finalidade ou meta deve ser orientada a instrução pastoral dos catecúmenos, a preparação dos pais, a celebração da Palavra de Deus e a profissão de fé batismal".

Nota:117

cf. **Mc 16,15-16:** "Então Jesus disse-lhes: Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade. Quem acreditar e for batizado, será salvo. Quem não acreditar, será condenado".

Nota:118

Rm 8,14: "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus".

Nota:119

cf. **Mt 28,19:** "Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Nota:120

cf. **SC 6:** "Como foi enviado pelo Pai, também Cristo enviou os apóstolos no Espírito Santo, para pregar o Evangelho a toda criatura, anunciando que o Filho de Deus, por sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de satanás e da morte, fazendo-nos entrar no reino do Pai. Ao mesmo tempo que anunciavam, realizavam a obra da salvação pelo sacrifício e pelos sacramentos, através da liturgia. Pelo batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo, participando de sua morte, de sua sepultura e de sua ressurreição, recebem o espírito de adoção, como filhos, *no qual clamamos: Abba, Pai* (Rm 8,15) e se tornam os verdadeiros adoradores que o Pai procura. Todas as vezes que participamos da ceia do Senhor, anunciamos a sua morte, até que venha. No próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, *os que receberam a palavra de Pedro, foram batizados e perseveravam na doutrina dos apóstolos, na partilha do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo estimados por todo o povo* (At 2, 41-47). Desde então, a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, lendo o *que dele se fala em todas as escrituras* (Lc 24, 27), celebrando a eucaristia, *em que se representa seu triunfo e sua vitória sobre a morte*, dando igualmente graças a *Deus pelo dom inefável* (2Cor 9, 15) em Cristo Jesus, para louvar de sua glória (Ef 1, 12), na força do Espírito Santo".

Nota:121

AG 7: "O fundamento da atividade missionária é a vontade de Deus de 'salvar todos os seres humanos e levá-los ao conhecimento da verdade. Deus é um só. Um só, também, o mediador entre Deus e os seres humanos, o homem Cristo Jesus, que se entregou para a redenção da multidão' (1Tm 2, 4-6). 'De ninguém mais se pode esperar a salvação' (At 4, 12). Por intermédio da pregação da Igreja, todos devem se converter a ele e fazer um só corpo com ele e com a Igreja, pela recepção do batismo. O próprio Cristo insistiu expressamente na 'necessidade da fé e do batismo, mostrando ao mesmo tempo a necessidade da Igreja, porta pela qual são convidados a passar todos os seres humanos. Não se podem salvar todos aqueles que, sabendo que a Igreja católica foi fundada por Jesus Cristo, da parte de Deus, como necessária à salvação, recusam-se a entrar ou a permanecer nela'.

Embora Deus possa fazer chegar à fé, sem a qual ninguém que lhe é agradável, por caminhos só dele conhecidos, pessoas que, sem culpa de sua parte, ignorem o Evangelho, isto não torna dispensável, de maneira alguma, hoje como sempre, nem a Igreja nem a atividade missionária. Por isso deve ser mantido, com todo vigor, na sua integridade, hoje como sempre, o direito divino de evangelizar e, por conseguinte, o exercício da atividade missionária.

A atividade missionária faz crescer o corpo místico, polarizando e dispondo na devida ordem de prioridade todas as suas forças: leva os membros da Igreja a se moverem pelo amor com que amam a Deus e que os faz desejar comungar, com todos os seres humanos, nos bens espirituais da vida presente e futura.

Na atividade missionária Deus é sumamente glorificado, pois todos os homens e mulheres são convidados a acolher, consciente e plenamente, a obra salutar por ele realizada em Cristo. Por seu intermédio, cumpre-se o designio de Deus a serviço do qual Cristo se colocou inteiramente, por obediência e por amor, para a glória do Pai que o enviou, a fim de formar com todo o gênero humano um só povo de Deus, a ele unindo-se num só corpo, na edificação de um só templo do Espírito Santo.

A perspectiva de uma fraternidade universal envolvendo a todos corresponde à mais íntima aspiração da humanidade. O Criador quis fazer o ser humano à sua imagem e semelhança. Alcança de fato tal objetivo quando todos os que participam da natureza humana são regenerados por Cristo, no Espírito Santo, e se tornam capazes de dizer juntos, para a glória de Deus, 'Pai Nosso'."

Nota:122

UR 22: "Quando conferido de acordo com a instituição do Senhor e recebido com a devida disposição de alma, o sacramento do batismo incorpora de fato a pessoa a Cristo crucificado e ressuscitado e a regenera para a participação na vida divina, segundo o que diz o apóstolo: sepultados juntamente com ele pelo batismo, em quem também ressuscitamos, pela fé no gesto divino, que o ressuscitou dentre os mortos (Cl 2, 12).

O batismo é por conseguinte um vínculo sacramental de unidade, unindo todos os que foram regenerados por ele. Mas o batismo é também um simples começo, que tende à consecução da plenitude da vida em Cristo. Assim, o batismo está ordenado à profissão da fé integral, à plena incorporação na instituição da salvação, segundo a vontade de Cristo, e, finalmente, à participação na comunhão eucarística.

As denominações eclesiais separadas, embora não estejam unidas conosco segundo a unidade plena, radicada no batismo, e embora acreditemos, sobretudo pela falta do sacramento da ordem, que não tenham conservado integralmente a substância do mistério eucarístico, ao celebrarem a santa ceia, fazem efetivamente memória da morte e da ressurreição do Senhor, manifestam, pela comunhão, a vida em Cristo e testemunham esperar a sua vinda gloriosa. Por isso a doutrina a respeito da ceia do Senhor, dos outros sacramentos, do culto e do ministério da Igreja deve necessariamente ser objeto de diálogo”.

Nota:123

cf. **At 16,15-33**: “Após ter sido batizada, assim como toda a sua família, ela nos convidou: Se vocês me consideram fiel ao Senhor, permaneçam em minha casa. E nos forçou a aceitar. Estávamos indo para a oração, quando veio ao nosso encontro uma jovem escrava, que estava possuída por um espírito de adivinhação; fazia oráculos e obtinha muito lucro para seus patrões. Ela começou a seguir Paulo e a nós, gritando: Esses homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação para vocês. Isso aconteceu durante muitos dias. Por fim, não suportando mais a situação, Paulo voltou-se e disse ao espírito: Eu lhe ordeno em nome de Jesus Cristo: saia dessa mulher! E o espírito saiu no mesmo instante.

Os patrões da jovem, vendo que tinham perdido a esperança de lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à praça principal, diante dos chefes da cidade. Apresentaram os dois aos magistrados, e disseram: Estes homens estão provocando desordem em nossa cidade; são judeus e pregam costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem seguir. A multidão se amotinou contra Paulo e Silas, e os magistrados rasgaram as vestes deles e mandaram açoitá-los com varas. Depois de os açoitar bastante, os lançaram na prisão, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança. Ao receber essa ordem, o carcereiro os levou para o fundo da prisão e prendeu os pés deles no tronco. À meia noite, Paulo e Silas estavam rezando e cantando hinos a Deus; os outros companheiros de prisão escutavam. De repente, houve um terremoto tão violento que sacudiu os alicerces da prisão. Todas as portas se abriram e as correntes de todos se soltaram. O carcereiro acordou e viu as portas da prisão abertas. Pensando que os prisioneiros tivessem fugido, puxou da espada e estava para suicidar-se. Mas Paulo gritou: Não faça isso! Nós estamos todos aqui. Então o carcereiro pediu tochas, correu para dentro e, tremendo, caiu aos pés de Paulo e Silas. Conduzindo-os para fora, perguntou: Senhores, que devo fazer para ser salvo? Paulo e Silas responderam: Acredite no Senhor Jesus, e serão salvos você e todos os da sua casa. Então Paulo e Silas anunciaram a Palavra do Senhor ao carcereiro e a todos os da sua casa. Na mesma hora da noite, o carcereiro os levou consigo para lavar as feridas causadas pelos açoites. A seguir, foi batizado junto com todos os seus”.

1Cor 1,16: “Ah! Sim. Batizei também a família de Estéfanas. Além deles, não me lembro de ter batizado nenhum outro de vocês”.

Nota:124

cf. **Ef 5,26**: “Assim, ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra”.

Nota:125

cf. **2Pd 1,4**: “Por meio delas é que ele nos deu os bens extraordinários e preciosos que tinham sido prometidos, e com esses vocês se tornassem participantes da natureza divina, depois de escaparem da corrupção que o egoísmo provoca neste mundo”.

Nota:126

cf. **Rm 8,15**: “E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai!”.

Gl 4,5: “para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adotados como filhos”.

Nota:127

cf. **Tt 3,5**: “não por causa dos atos justos que tivéssemos praticado, mas porque fomos lavados por sua misericórdia através do poder regenerador e renovador do Espírito Santo”.

Nota:128

Rito para o Batismo de Crianças, n.5: “O banho com água unido à palavra da vida, que é o Batismo, lava os homens de toda culpa, tanto original como pessoal e os torna participantes da natureza divina e da adoção de filhos.

O Batismo, é, pois, o banho da regeneração e do nascimento dos filhos de Deus, como é proclamado nas orações para a bênção da água. Invoca-se a Santíssima Trindade sobre os batizando, que são marcados em seu nome, para que lhe sejam consagrados e entrem em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A tal sublimidade devem preparar e conduzir as leituras bíblicas, as preces da comunidade e a triplíce profissão de fé”.

Nota:129

cf. **Mt 28,19**: “Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Nota:130

cf. **Jo 14,15-17.23**: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. Então, eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês outro Advogado, para que permaneça com vocês para sempre. Ele é o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês, e estará com vocês. Jesus respondeu: Se alguém me ama, guarda a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada”.

1Jo 2,6.24.27-28: “quem diz que está com Deus deve comportar-se como Jesus se comportou. Quanto a vocês, tudo o que ouvirem desde o princípio permanecerá em vocês. Se permanecer em vocês tudo aquilo que ouvirem desde o princípio, vocês também permanecerão no Filho e no Pai. Vocês receberam de Jesus a unção que permanece em vocês, e já não têm necessidade que alguém os ensine; pelo contrário, como a unção dele, que é verdadeira e não mentirosa, lhes ensina tudo aquilo que Jesus lhes tinha ensinado, permaneçam com ele. Agora, portanto, filhinhos, permaneçam com Jesus; assim, quando ele se manifestar, nos sentiremos seguros, e não fracassados por estarmos longe dele no dia da sua Vinda”.

1Jo 3,6.24: “Todo aquele que nele permanece, não peca. Todo aquele que peca, não o viu nem o conheceu. Quem cumpre os mandamentos dele, está com Deus, e Deus está com ele. Assim, graças ao Espírito que ele nos deu, reconhecemos que Deus está conosco”.

Jo 4,12-16: “Ninguém jamais viu Deus. Se nos amamos uns aos outros Deus está conosco, e o seu amor se realiza completamente entre nós. Nisto reconhecemos que permanecemos com Deus, e ele conosco: ele nos deu o seu Espírito. E nós vimos e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Quando alguém confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece com ele, e ele com Deus. E nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos nesse amor. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele”.

1Jo 5,20: “Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu inteligência para conhecermos o Deus verdadeiro. E nós estamos com o Verdadeiro, graças a seu Filho Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a Vida eterna”.

Nota:131

cf. **1Cor 8,6:** “Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. Dele tudo procede, e para ele é que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos”.

Nota:132

cf. **Rm 8,14-17.28:** “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros junto com Cristo, uma vez que, tendo participado dos seus sofrimentos, também participaremos da sua glória. (...) Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o projeto dele”.

Nota:133

cf. **Gl 4,4-7:** “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adotados como filhos. A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai! Portanto, você já não é escravo, mas filho; e se é filho, é também herdeiro por vontade de Deus”.

Nota:134

cf. **Mc 14,36:** “Ele rezava: Abba! Pai! Tudo é possível para ti! Afasta de mim este cálice! Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres”.

Nota:135

Gn 1,27: “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher”.

Nota:136

cf. **Tt 3,4-7:** “Mas a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram. Ele nos salvou, não por causa dos atos justos que tivéssemos praticado, mas porque fomos lavados por sua misericórdia através do poder regenerador e renovador do Espírito Santo. Deus derramou abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados por sua graça, nós nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna”.

1Pd 1,3-5: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por sua grande misericórdia. Ressuscitando a Jesus Cristo dos mortos, ele nos fez renascer para uma esperança viva, para uma herança que não se corrompe, não se mancha e não murcha. Essa herança está reservada no céu para vocês que, graças à fé, estão guardados pela força de Deus para a salvação que está prestes a revelar-se no final dos tempos”.

Nota:137

cf. **Lc 4,16-22:** “Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor. Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabam de ouvir. Todos aprovavam Jesus, admirados com as palavras cheias de encanto que saíam da sua boca. E diziam: Este não é o filho de José?”.

Is 61,1-6: “O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião, para transformar sua cinza em coroa, seu luto em perfume de festa, seu abatimento em roupa de gala.

Eles serão chamados de carvalhos da justiça, plantação de Javé para a sua glória. Eles reconstruirão as ruínas antigas, erguerão novamente em pé os velhos escombros. Renovarão as cidades arruinadas e os escombros de muitas gerações.

Estrangeiros se apresentarão para apascentar os rebanhos de vocês; essa gente de fora é que trabalhará para vocês, puxando a enxada ou cuidando da lavoura de uvas. Vocês serão chamados de sacerdotes de Javé, ministros do nosso Deus. Vocês se alimentarão com os bens das nações e tomarão posse de suas riquezas”.

Nota:138

cf. **Rm 12,1:** “Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que vocês ofereçam os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Esse é o culto autêntico de vocês”.

1Jo 3,16: “Compreendemos o que é o amor, porque Jesus deu a sua vida por nós; portanto, nós também devemos dar a vida pelos irmãos”.

Nota:139

SC 14: “A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis participem das celebrações de maneira consciente e ativa, de acordo com as exigências da própria liturgia e por direito e dever do povo cristão, em virtude do batismo, como raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (1Pd 2, 9; cf. 2, 4-5)”.

Nota:140

cf. **1Pd 2,4-10:** “Aproximem-se do Senhor, a pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo. De fato, nas Escrituras se lê: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e

preciosa. Quem nela acreditar não ficará confundido. Isto é: para vocês que acreditam, ela será tesouro precioso; mas, para os que não acreditam, a pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a pedra angular, uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair. Eles tropeçam porque não acreditam na Palavra, pois foram para isso destinados.

Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa. Vocês que antes não eram povo, agora são povo de Deus; vocês que não tinham alcançado misericórdia, mas agora alcançaram misericórdia”.

Nota:141

AA 3: “O dever e o direito dos leigos ao apostolado decorre de sua união com Cristo cabeça. Inseridos no corpo místico de Cristo pelo batismo e, pela confirmação, corroborados com a força do Espírito, foram destinados ao apostolado pelo próprio Senhor. Consagrados como participantes do sacerdócio régio e do povo santo (cf. 1Pd 2, 4-10) para oferecer, por todo seu agir, hóstias espirituais e dar testemunho de Cristo em toda parte. Pelos sacramentos, especialmente pela eucaristia, comungam e são alimentados pelo amor, que é a alma de todo o apostolados.

O apostolado é fruto da fé, da esperança e da caridade que o Espírito Santo derrama no coração de todos os membros da Igreja. Além disso, o preceito da caridade, principal mandamento do Senhor, obriga a todos os fiéis a procurarem a glória de Deus, por intermédio do advento de seu reino, e a vida eterna, para que todos os seres humanos conheçam a Deus, único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, seu enviado (cf. Jo 17, 3).

A todos os fiéis se impõe o ônus insigne de trabalhar para que o anúncio da salvação divina seja conhecido e acolhido por todos os seres humanos, em toda a terra.

O mesmo Espírito Santo, que santifica o povo de Deus pelo ministério e pelos sacramentos, concede também aos fiéis dons peculiares (cf. 1Cor 12, 7) para o exercício do apostolado, distribuindo-os a seu bel-prazer (cf. 1Cor 12, 11). Assim, cada um, na medida da graça recebida, é chamado a colocar esses dons a serviço dos outros, tornando-se todos, bons dispensadores da graça multiforme de Deus (1Pd 4, 10), para a edificação de todo o corpo, no amor (cf. Ef 4, 16). Destes carismas, por mais simples que sejam, provém o direito e o dever de cada fiel de exercê-los, no mundo e na Igreja, em benefício dos seres humanos e da própria Igreja. Este exercício deve ser feito na liberdade do Espírito Santo, que sopra onde quer (cf. Jo 3, 8), mas, ao mesmo tempo, em comunhão com os irmãos em Cristo e, especialmente, com seus pastores, a quem pertence julgar da autenticidade dos carismas e de seu conveniente exercício, não para abafar o Espírito, mas para tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19.21)”.

Nota:142

AA, 11: “Ao constituir o consórcio conjugal como princípio e fundamento de toda a sociedade humana e ao lhe conferir a graça do grande sacramento, expressão da união de Cristo com sua Igreja (cf. Ef 5, 32), o Criador de todas as coisas tornou patente a especial importância que tem, tanto para a Igreja como para a sociedade civil o apostolado dos casais e de cada uma das famílias.

Os cônjuges cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé em relação a si mesmos, aos filhos e a todos os demais familiares. São eles os primeiros arautos e educadores da fé de seus próprios filhos, formando-os para a vida cristã por sua palavra e exemplo, ajudando-os na escolha prudente de sua vocação, especialmente da vocação sagrada que, uma vez identificada, precisa ser sustentada.

Foi sempre dever dos cônjuges e se tornou hoje um dos principais aspectos do seu apostolado testemunhar e confirmar o vínculo indissolúvel e a santidade do matrimônio. Proclamar o dever e o direito dos pais e tutores de educar cristãmente os filhos. Defender, enfim, a dignidade e a legítima autonomia da família.

Que os fiéis, em cooperação com todas as pessoas de boa vontade, lutem para que esses direitos sejam resguardados pela legislação civil, para que a nação seja governada de modo a se levar em conta as necessidades das famílias no que respeita à moradia, educação, condições de trabalho, seguridade social e legislação fiscal. Especialmente nas migrações, deve-se proteger e favorecer o convívio doméstico.

A família recebeu a missão divina de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumpra-a e se torna uma espécie de santuário doméstico da Igreja, quando a piedade de seus membros os reúne na oração comum quando reunida, insere-se na liturgia, pratica a hospitalidade, promove a justiça e se põe a serviço dos que passam necessidade.

Entre as diversas obras de apostolado familiar podem-se citar: a adoção de crianças abandonadas, o acolhimento dos estrangeiros, o apoio ao trabalho de educação escolar, a assistência moral e material prestada a adolescentes, a colaboração na preparação dos noivos ao casamento e na catequese, o apoio material e moral aos casais e às famílias em necessidade, o cuidado dos mais idosos, não só vindo em socorro de suas necessidades mas sobretudo encontrando maneiras de se sustentarem economicamente por si mesmos.

Vivendo de acordo com o Evangelho, e praticando de maneira exemplar as exigências do matrimônio, as famílias cristãs dão ao mundo precioso testemunho de Cristo. Este testemunho, que é sempre válido, em toda parte, torna-se fundamental nas regiões recém-evangelizadas, em que a Igreja esteja começando a se implantar ou em que esteja passando por dificuldades especiais.

Para melhor alcançar os objetivos de seu apostolado é conveniente que as famílias se agrupem em associações específicas”.

Nota:143

LG 11: “A índole sagrada e a constituição orgânica da comunidade sacerdotal se efetivam nos sacramentos e na prática cristã. Incorporados à Igreja pelo batismo, os fiéis recebem o caráter que os qualifica para o culto. Por outro lado, renascidos como filhos de Deus, devem professar a fé que receberam de Deus, por intermédio da Igreja.

O sacramento da confirmação os vincula ainda mais intimamente à Igreja e lhes confere de modo especial a força do Espírito Santo. Daí a obrigação maior de difundir e defender a fé, pela palavra e pelas obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo.

Participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, os fiéis oferecem a Deus a vítima divina e se oferecem com ela. Juntamente com os ministros, cada um a seu modo, têm todos um papel específico a desempenhar na ação litúrgica, tanto na oblação como na comunhão. Alimentando-se todos com o

corpo de Cristo, demonstram de maneira concreta a unidade do povo de Deus, proclamada e realizada pelo sacramento da eucaristia.

Os fiéis que procuram o sacramento da penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa que lhes fizeram. Ao mesmo tempo, se reconciliam-se com a Igreja, que ofenderam ao pecar e que contribui para sua conversão pelo amor, pelo exemplo e pelas orações.

Pela sagrada unção dos enfermos e pela oração dos sacerdotes, a Igreja inteira recomenda os doentes ao Senhor, para seu alívio e salvação (cf. Tg 5, 14). Exorta-os a se unirem livremente à paixão e à morte de Cristo (cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; 2Tm 2, 11-12; 1Pd 4, 13), dando assim sua contribuição para o bem do povo de Deus. Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos, em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus.

Finalmente os fiéis se dão o sacramento do matrimônio, manifestação e participação da unidade e do amor fecundo entre Cristo e sua Igreja (cf. Ef 5, 32). Ajudam-se mutuamente a se santificar na vida conjugal, no acolhimento e na educação dos filhos. Contam, por isso, com um dom específico e um lugar próprio ao seu estado de vida, no povo de Deus. A família procede dessa união. Nela nascem os novos membros da sociedade humana que, batizados, se tornarão filhos de Deus pela graça do Espírito Santo e perpetuarão o povo de Deus através dos séculos. A família é uma espécie de igreja doméstica. Os pais são os primeiros anunciadores da fé e devem cuidar da vocação própria de cada um dos filhos, especialmente da vocação sagrada.

Todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, de acordo com o caminho que lhes é próprio, são chamados pelo Senhor à perfeição da santidade, que é a própria perfeição de Deus e, por isso, dispõem de tais e de tantos meios".

Nota:144

cf. **AG 36**: "Como membros vivos de Cristo, a ele incorporados pelo batismo, pela confirmação e pela eucaristia, todos os fiéis são obrigados a cuidar do crescimento e desenvolvimento do Corpo a que pertencem, a fim de levá-lo à sua plenitude.

Todos os filhos da Igreja tenham consciência clara de sua responsabilidade para com o mundo, alimentem um espírito verdadeiramente católico e se empenhem generosamente no trabalho de evangelização. Saibam todos, porém, que o primeiro e mais importante dever para com a difusão da fé é viver intensamente a vida cristã. O fervor com que se aplicam ao serviço de Deus e sua caridade para com o próximo, que confere à Igreja um novo ânimo espiritual, fará com que se mostre qual sinal levantado entre os povos, 'luz do mundo' (Mt 5, 14) e 'sal da terra' (Mt 5, 13). O testemunho da vida produzirá tantos maiores frutos quanto for dado no seio da comunidade cristã, de acordo com as normas do decreto sobre o ecumenismo.

Nesse espírito renovado, ofereçam a Deus orações e penitências em vista de tornar fecunda a atividade missionária, suscitar vocações missionárias e não permitir que faltem os recursos necessários à missão.

Para que todos os fiéis tenham presente a realidade missionária e que a eles chegue o clamor da multidão que pede ajuda, procure-se difundir informações e notícias sobre as missões, inclusive por intermédio dos meios modernos de comunicação social, para que todos se dêem conta do que significa a atividade missionária, das imensas e profundas necessidades de populações inteiras e das inúmeras formas possíveis de ajuda.

É preciso que haja uma coordenação dessas notícias assim como da cooperação com os organismos nacionais e internacionais".

Nota:145

cf. **AG 15**: "Por intermédio das sementes da Palavra e pela pregação do Evangelho, o Espírito Santo chama a Cristo todos os seres humanos, desperta-lhes no coração a atitude de fé, gera nas fontes batismais, para uma nova vida, os que crêem em Cristo, reúne-os em um só povo de Deus como 'raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus' (1Pd 2, 9).

Como cooperadores de Deus os missionários devem suscitar grupos de fiéis que caminhem de maneira digna da vocação a que foram chamados e exerçam os papéis sacerdotal, profético e régio, que lhes foram atribuídos por Deus.

Dessa forma a comunidade cristã se torna sinal da presença de Deus no mundo. No sacrifício eucarístico, está em contato incessante com o Pai, por intermédio de Cristo. Alimentada constantemente pela palavra de Deus, dá testemunho de Cristo e caminha na caridade e no ardor apostólico, segundo o Espírito.

Desde o início a comunidade eclesial deve ser formada de tal maneira que possa suprir às suas próprias necessidades.

A comunidade dos fiéis, dotada com a riqueza cultural do povo a que pertence, deve estar profundamente radicada nesse povo. As famílias devem ser portadoras do espírito evangélico; as escolas, mantidas por pessoas capazes; estabeleçam-se associações e grupos por intermédio dos quais os leigos possam imbuir do espírito evangélico toda a sociedade; que reine finalmente um espírito de caridade entre os católicos de ritos diversos.

Cultive-se o espírito ecumênico entre os neófitos. Que encarem como irmãos em Cristo todos os discípulos de Cristo, regenerados pelo batismo e participantes dos muitos bens do povo de Deus. Na medida em que as circunstâncias religiosas o permitam, promovam-se atividades ecumênicas em comum, excluindo-se toda espécie de indiferentismo, confusão ou falsa emulação. Cooperando uns com os outros na ação social, nas áreas técnicas, culturais e religiosas, dá-se a todos testemunho da fé em Deus e em Jesus Cristo. A colaboração dos católicos obedeça às normas ditadas no decreto sobre o ecumenismo. Tenha-se em vista, antes de tudo, a Cristo, Nosso Senhor. Que seu nome nos reúna a todos! Não se trata de uma colaboração entre indivíduos apenas, mas deve se chegar, sob orientação do bispo, a uma colaboração entre igrejas e entre comunidades eclesiais.

Ao se reunirem na Igreja, 'os fiéis não se diferenciam das outras pessoas nem pelo governo a que estão sujeitos, nem pela língua, nem pelas instituições políticas'. Vivem por isso para Deus e para Cristo, segundo as maneiras de ser e os costumes honestos de seu próprio povo. Como bons cidadãos, cultivam o amor da pátria, verdadeiro e eficaz, mas evitam absolutamente o nacionalismo exacerbado e o desprezo de outras raças, empenhados que estão na promoção do amor universal para com todos os seres humanos.

Na obtenção de tais objetivos, desempenham papel primordial os leigos, isto é, os fiéis que, tendo sido incorporados a Cristo pelo batismo, vivem contudo no mundo. Imbuídos do Espírito de Cristo, compete-lhes

especificamente, como o fermento na massa, animar por dentro as realidades temporais e ordená-las de tal forma que se desenrolem sempre segundo o pensamento e a vontade de Cristo.

Não basta, porém, que a comunidade cristã esteja presente e seja organizada num determinado povo, como também não basta o apostolado do exemplo. Está presente e se organiza para anunciar Cristo aos concidadãos não-cristãos, pela palavra e pela ação, tudo fazendo para que o recebam da melhor forma possível.

A implantação e o crescimento da Igreja requerem grande diversidade de ministérios. A ação divina os suscita na comunidade, mas devem ser reconhecidos e cultivados com diligência. Dentre estes, contam-se o sacerdócio e o diaconato, o ministério dos catequistas e a ação católica. Também os religiosos e religiosas são chamados a trabalhar para o enraizamento e conseqüente desenvolvimento, nas almas, do reino de Cristo, tanto pela oração como pela ação e demais obras indispensáveis".

Nota:146

Ef 2,22: "Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor".

Nota:147

1Pd 2,9: "Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa".

Nota:148

cf. **UR 22:** "Quando conferido de acordo com a instituição do Senhor e recebido com a devida disposição de alma, o sacramento do batismo incorpora de fato a pessoa a Cristo crucificado e ressuscitado e a regenera para a participação na vida divina, segundo o que diz o apóstolo: sepultados juntamente com ele pelo batismo, em quem também ressuscitamos, pela fé no gesto divino, que o ressuscitou dentre os mortos (Cl 2, 12).

O batismo é por conseguinte um vínculo sacramental de unidade, unindo todos os que foram regenerados por ele. Mas o batismo é também um simples começo, que tende à consecução da plenitude da vida em Cristo. Assim, o batismo está ordenado à profissão da fé integral, à plena incorporação na instituição da salvação, segundo a vontade de Cristo, e, finalmente, à participação na comunhão eucarística.

As denominações eclesiais separadas, embora não estejam unidas conosco segundo a unidade plena, radicada no batismo, e embora acreditemos, sobretudo pela falta do sacramento da ordem, que não tenham conservado integralmente a substância do mistério eucarístico, ao celebrarem a santa ceia, fazem efetivamente memória da morte e da ressurreição do Senhor, manifestam, pela comunhão, a vida em Cristo e testemunham esperar a sua vinda gloriosa. Por isso a doutrina a respeito da ceia do Senhor, dos outros sacramentos, do culto e do ministério da Igreja deve necessariamente ser objeto de diálogo".

Nota:149

Rito para o Batismo de Crianças, n.4: "Além disso, o Batismo é o sacramento pelo qual os homens passam a pertencer ao corpo da Igreja, coadificados para constituir a habitação de Deus no Espírito, como povo santo e sacerdócio régio; é também o vínculo sacramental da unidade existente entre aqueles que com ele são marcados. Por causa desse efeito imutável, declarado na própria celebração do sacramento na liturgia latina, quando os batizados são unguídos pelo crisma na presença do povo de Deus, o rito do Batismo deve ser tido em alta estima por todos os cristãos, e não pode ser novamente conferido a quem já o tenha recebido validamente das mãos de irmãos separados".

Nota:150

cf. **Gl 3,27:** "pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo".

Ef 4,24: "e se revistam do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade".

Nota:151

cf. **Mc 9,13:** "Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele".

Ap 4,4: "Ao redor desse trono havia outros vinte e quatro; e neles vinte e quatro Anciãos estavam sentados, todos eles vestidos de branco e com uma coroa de ouro na cabeça".

Ap 7,9: "Depois disso eu vi uma grande multidão, que ninguém podia contar: gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam todos de pé diante do trono e diante do Cordeiro. Vestiam vestes brancas e traziam palmas na mão".

Nota:152

Rm 6,6: "Sabemos muito bem que o nosso homem velho foi crucificado com Cristo, para que o corpo de pecado fosse destruído e assim não sejamos mais escravos do pecado".

Nota:153

Gn 1,2: "A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas".

Nota:154

Lc 2,32: "luz para iluminar as nações e glória do teu povo, Israel".

Nota:155

Mt 2, 2.10: "e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem. (...) Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria".

Nota:156

cf. **Ap 22,5:** "Não haverá mais noite: ninguém mais vai precisar da luz da lâmpada, nem da luz do sol. Porque o Senhor Deus vai brilhar sobre eles, e eles reinarão para sempre".

Mt 25,30: "Quanto a esse empregado inútil, joguem-no lá fora, na escuridão. Aí haverá choro e ranger de dentes".

Nota:157

Jo 8,12: "Jesus continuou dizendo: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida".

Nota:158

Mt 5,14-16: "Vocês são a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha, e sim para colocá-la no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa".

Nota:159

cf. **At 2,3**: “Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles”.

Nota:160

1Pd 2,9: “Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa”.

Nota:161

Ef 5,8: “Outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Por isso, comportem-se como filhos da luz”.

Nota:162

LG 31: “Denominam-se leigos todos os fiéis que não pertencem às ordens sagradas, nem são religiosos reconhecidos pela Igreja. São, pois, os fiéis batizados, incorporados a Cristo, membros do povo de Deus, participantes da função sacerdotal, profética e régia de Cristo, que tomam parte no cumprimento da missão de todo o povo cristão, na Igreja e no mundo.

O caráter secular caracteriza os leigos. Os membros das sagradas ordens, apesar de exercerem às vezes funções seculares ou de se ocuparem de coisas seculares, estão orientados para o ministério sagrado, em virtude de uma vocação especial. Os religiosos, por sua vida, testemunham de maneira clara e magnífica a transfiguração do mundo oferecido a Deus numa vida inspirada nas bem-aventuranças. A vocação própria dos leigos é administrar e ordenar as coisas temporais, em busca do reino de Deus. Vivem, pois, no mundo, isto é, em todas as profissões e trabalhos, nas condições comuns da vida familiar e social, que constituem a trama da existência. São aí chamados por Deus, como leigos, a viver segundo o espírito do Evangelho, como fermento de santificação no seio do mundo, brilhando em sua própria vida pelo testemunho da fé, da esperança e do amor, de maneira a manifestar Cristo a todos os homens. Compete-lhes pois, de modo especial, iluminar e organizar as coisas temporais a que estão vinculados, para que elas se orientem por Cristo e se desenvolvam em louvor do criador e do redentor”.

Nota:163

cf. **Mt 11,4-5**: “Jesus respondeu: Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia”.

Nota:164

Rito da Iniciação Cristã dos Adultos, n.60: “O celebrante convida cada família a se aproximar da água batismal. Citando o nome da criança, interroga os pais e os padrinhos: Celebrante: *Quereis que N... seja batizado (a) na mesma fé da Igreja que acabamos de professar?* Pais e padrinhos: *Queremos*”.

Nota:165

cf. **Ritual para o Batismo de Crianças**. Observações Preliminares, n.25: “Se a celebração do Batismo for durante a missa dominical, dir-se-á a missa do dia ou, no tempo do Natal e no tempo comum, a missa própria para o batismo de crianças. A celebração será do seguinte modo:

1) O rito de acolhida das crianças (nn.33-43) seja no início da missa, omitindo-se a saudação, e o ato penitencial.

2) Na liturgia da Palavra:

a - Toma-se as leituras da missa de domingo. No tempo de Natal, ou no tempo comum, podem também ser usadas as que são propostas no presente Rito (p.107-127).

Quando não for permitida a missa ritual, uma das leituras pode ser tirada entre as que são propostas para o Batismo de crianças, tendo em conta o proveito dos fiéis e o caráter do dia litúrgico.

b - A homilia seja feita sobre o texto sagrado, relacionada com a celebração do Batismo.

c - Não se diz o Credo, uma vez que será substituído pela profissão de fé, a ser proferida por toda a comunidade antes do Batismo.

d - A oração universal é tirada do Rito do Batismo (nn.47-48, 217-220). No fim, antes da invocação dos santos, acrescenta-se a oração pela Igreja universal e pelas necessidades do mundo.

3) Prossegue o Rito de Batismo com a oração para o exorcismo e a unção e os demais ritos descritos no Ritual (n.49-66).

4) Terminada a celebração do Batismo, a missa continua com o ofertório, como de costume.

5) No fim, o celebrante ao dar a bênção, poderá usar uma das fórmulas apresentadas no Rito do Batismo (n.70, 247-248)”.

Nota:166

Batismo de Adultos, n. 83: “O celebrante convida os candidatos (se forem poucos) e seus introdutores, com estas palavras ou outras semelhantes: Agora, caríssimos candidatos, aproximai-vos com os introdutores para receberdes o sinal de vossa nova condição. Os candidatos com os introdutores se aproximam sucessivamente do celebrante, que faz com o polegar o sinal da cruz na fronte de cada um (ou diante da fronte, se a Conferência Episcopal julgar que não convém tocar) dizendo: Não recebe na fronte o sinal da cruz: o próprio Cristo te protege com o sinal de seu amor (ou: de sua vitória). Aprende a conhecê-lo e segui-lo. Depois que o celebrante assinalar os catecúmenos, os catequistas ou os introdutores, se for oportuno, fazem o mesmo, exceto se devem assinalar depois, conforme o n. 85”.

Nota:167

Rito da Iniciação Cristã dos Adultos, n.181-192: “Se ainda não se realizaram as entregas (cf. nos. 125-126); celebrem-se depois dos escrutínios; assinalando o término ou uma etapa da formação dos catecúmenos, a Igreja lhes confia com amor os documentos considerados desde a antiguidade como o compêndio de sua fé e oração.

182. Convém que a celebração seja feita em presença da comunidade dos fiéis, depois da liturgia da palavra na Missa da Féria, com leituras apropriadas.

183. Realiza-se em primeiro lugar a entrega do Símbolo, que os eleitos guardarão de memória e recitarão em público (cf. nos. 194-199) antes de professarem, no dia do Batismo, a fé que ele expressa.

184. A entrega do Símbolo é feita na semana depois do primeiro escrutínio. Se for mais oportuno, poderá ser celebrada em outro momento do catecumenato (cf. nos. 125-126).

Leituras e Homilia

185. Em lugar das leituras da féria, leiam-se outras mais apropriadas, por ex.:

1ª Leitura: Dt 6, 1-7. (Veja Lecionário, pág. 189-193).

Salmo responsorial: Sl 18, 8.9.10.11.

2ª Leitura: Rm 10, 8-13

Ou: 1Cor 15, 1-8a (mais longa) ou 1-4 (mais breve).

Versículo antes do Evangelho: Jo 3,16: ou: Jo 2, 44-50.

Evangelho: Mt 16, 13-18.

Segue-se a homilia; o celebrante, baseado no texto sagrado, expõe o significado e a importância do Símbolo para a catequese e a profissão de fé, que deve ser proclamada no Batismo e praticada durante toda a vida.

Entrega do Símbolo

186. Depois da homilia, o diácono diz: *'Aproximem-se os eleitos para receberem da Igreja o Símbolo da fé'*.

O celebrante dirige-lhes estas palavras ou outras semelhantes: *'Caríssimos eleitos, ouvi as palavras da fé pela qual sereis justificados. São poucas, mas contêm grandes mistérios. Recebei-as e guardai-as com pureza de coração'*.

Começa o Símbolo, dizendo: *'Creio em Deus...'*

e continua sozinho ou com a comunidade dos fiéis: *'Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor; que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos,*

foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo,

na santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados,

na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém'.

Se for oportuno, pode-se dizer o Símbolo niceno-constantinopolitano: *'Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai: Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus. E se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos, e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para a remissão dos pecados e espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.'*

187. O celebrante, com estas palavras ou outras semelhantes, convida os fiéis a orar: *'Oremos pelos nossos eleitos: que o Senhor nosso Deus abra os seus corações e as portas da misericórdia para que, tendo recebido nas águas do Batismo o perdão de todos os seus pecados sejam incorporados no Cristo Jesus'*.

Todos rezam em silêncio.

O celebrante, com as mãos estendidas sobre os eleitos, diz: *'Senhor, fonte da luz e da verdade, imploramos vosso amor de Pai em favor destes vossos servos N. e N.:*

purificai-os e santificai-os; dai-lhes verdadeira ciência, firme esperança e santa doutrina para que se tornem dignos da graça do Batismo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo'.

Todos: *'Amém'*.

188. Também se entrega aos eleitos a Oração do Senhor, que desde a antiguidade é a oração característica dos que recebem no Batismo o espírito de adoção de filhos, e será dita pelos neófitos, com os outros batizados, na primeira Eucaristia de que participarem.

189. A entrega da Oração do Senhor é feita na semana depois do terceiro escrutínio. Se for mais oportuno, poderá ser celebrada em outro momento do catecumenato (cf. ns.125-126); em caso de necessidade, é permitido transferi-la para os ritos de preparação imediata (cf. nos. 193ss).

Leituras e cânticos

190. Em lugar das leituras da féria, leiam-se outras mais apropriadas, por ex.:

(Veja Lecionário, pág. 194-196).

1ª leitura: Os 11,1b.3-4.8c-9.

Salmo responsorial, Sl 22,1-3a.3b-4.5.6 ou Sl 102,1-2.8 e 10.11-12.13 e 18

2ª leitura: Rom 8,14-17.26-27.

Ou: Gál 4,4-7.

Aclamação ao Evangelho: *'Não recebestes um espírito de escravos para recair no temor; recebestes o espírito de filhos adotivos que nos faz clamar: Abba, Pai!'*

Evangelho

191. O diácono diz: *'Aproximem-se os que vão receber a Oração do Senhor'*.

O celebrante dirige-lhes estas palavras ou outras semelhantes: *'Ides ouvir, caros filhos, como o Senhor ensinou seus discípulos a rezar.'*

Leitura do santo Evangelho segundo Mateus (6, 9-13): 'Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: Assim deveis rezar: Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade

assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal'.

Segue-se a homilia, na qual o celebrante expõe o significado e a importância da Oração do Senhor.

192. O celebrante, com estas palavras ou outras semelhantes, convida os fiéis a orar: *'Oremos pelos nossos eleitos: que o Senhor nosso Deus abra os seus corações e as portas da misericórdia para que, tendo recebido nas águas do Batismo o perdão de todos os seus pecados sejam incorporados no Cristo Jesus.'*

Todos rezam em silêncio.

O celebrante, com as mãos estendidas sobre os eleitos, diz: *'Deus eterno e todo-poderoso, que por novos nascimentos tornais fecunda a vossa Igreja, aumentai a fé e o entendimento dos nossos catecúmenos para*

que, renascidos pelo Batismo, sejam contados entre os vossos filhos adotivos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo’.

Todos: ‘Amém’.

Nota:168

cf. **SC 32**: “Ninguém pode ser colocado em evidência nas celebrações, cerimônias ou festas litúrgicas, a não ser em vista das funções ministeriais que exerce, da ordem a que pertence e da reverência que se deve, de acordo com a norma litúrgica, às autoridades civis”.

GS 29: “Reconheça-se cada vez melhor a igualdade fundamental entre todos os humanos: todos são dotados de alma espiritual, foram criados por Deus, têm idêntica origem e mesma natureza, foram salvos por Cristo e são destinados a participar da mesma vocação divina.

Nem todos se equivalem quanto a capacidade física, intelectual e moral, mas contrária o propósito divino e deve ser rejeitada e superada, toda discriminação por causa do sexo, da raça, da cor, da condição social, da língua e da religião, que afeta os direitos fundamentais da pessoa, tanto pessoais como sociais.

É verdadeiramente lamentável que esses direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda reconhecidos e protegidos em toda parte. Nega-se à mulher o direito de escolher seu marido e de adotar livremente o estado de vida que queira, ou o direito de receber a mesma educação que o homem e de conquistar um mesmo nível cultural.

Além disso, apesar da justa diversidade que possa existir entre os seres humanos quanto à maneira de viver, a dignidade pessoal, que é a mesma em cada um, exige que as condições de vida de todos sejam cada vez mais humanas e equitativas.

As grandes desigualdades econômicas e sociais entre as pessoas ou os povos da mesma e única família humana são vergonhosas e contrárias à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa, à paz social e internacional.

As instituições humanas, privadas ou públicas, devem procurar estar a serviço da dignidade e do fim a que são chamados todos os seres humanos, lutando firmemente contra toda dominação social ou política, em favor do respeito aos direitos humanos fundamentais, sob qualquer regime. Devem, além disso, progressivamente, ajustar-se às exigências espirituais, que são as mais importantes, mesmo que o caminho nessa direção seja longo”.

Nota:169

A Iniciação Cristã – Observações Preliminares Gerais, n.11: “Os bispos, os presbíteros e os diáconos são os ministros ordinários do Batismo. Em cada celebração desse sacramento lembrem-se de que operam na Igreja em nome de Cristo e pela força do Espírito Santo. Por conseguinte, sejam cuidadosos na administração da Palavra de Deus e na celebração do mistério. Que evitem a todo custo qualquer censura razoável dos fiéis por aceção de pessoas”.

Nota:170

cf. **Rito para Batismo de Crianças, n.17**: “Todos os leigos, uma vez que são considerados membros de um povo sacerdotal, em primeiro lugar os pais, e em razão de ofício, os catequistas, as parteiras, as senhoras que se ocupam de obras assistenciais, sociais e famílias, e de enfermos, como também médicos e cirurgiões, procurem aprender, conforme sua possibilidade, a maneira correta de batizar em caso de necessidade. Os párocos, os diáconos e os catequistas procurem informá-los e que os bispos em suas dioceses providenciem meios adequados para sua instrução”.

Nota:171

cf. **SC 14,26 e 28**: “A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis participem das celebrações de maneira consciente e ativa, de acordo com as exigências da própria liturgia e por direito e dever do povo cristão, em virtude do batismo, como raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (1Pd 2, 9; cf. 2, 4-5).

26. As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, *sacramento da unidade*, povo santo reunido ordenadamente em torno do bispo.

São, pois, ações de todo o corpo da Igreja, que lhe dizem respeito e o manifestam, interessando a cada um dos membros de maneira diversa, segundo a variedade das ordens, das funções e da participação efetiva.

28. Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas”.